

Monteiro

LOBATO

NEGRINHA



Cartas de Amor
Ideias de Jec
mérica

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Conferências
Georgismo e Comuni
América
eratura do Minarete
Crônicas urupês
deias de Jeca Latu
Mr. Slang
Problema Vi
tras notas
Zé Brasil Crônicas
i Perê: Resultado de um ing
Carta
rde Monteiro
Ferro **LOBATO** Mi
O Presidente Ne
Opiniões Na Antevéspe
Voto Secre Fragmentos
Jeca Latu Prefácios
A Barca de Gleyre
Macaco que se fez Homem
imposto uício
NEGRINHA
Entrevistas Escolhi
Cartas de Amor
alo do Petróleo

Monteiro
LOBATO

NEGRINHA



© Editora Globo, 2008
© Monteiro Lobato
sob licença da Monteiro Lobato Licenciamentos, 2008

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc. sem a permissão dos detentores dos copyrights.

Edição: Cecília Bassarani (coordenação) e Luciane Ortiz de Castro

Edição de Arte: Adriana Bertolla Silveira

Edição Digital: Erick Santos Cardoso

Consultoria e pesquisa: Marcia Camargos e Vladimir Sacchetta

Preparação de texto: Página Ímpar

Revisão: Margô Negro e Márcio Guimarães de Araújo

Produção editorial: 2 Estúdio Gráfico

Direção de arte: Adriana Lins e Guto Lins / Manifesto Design

Projeto gráfico: Manifesto Design

Designer assistente: Nando Arruda

Editoração eletrônica: Susan Johnson

Diagramação para ebook: Xeriph

e-ISBN: 9788525049926

Créditos das imagens: Acervo Cia. da Memória (página 15); Arquivo Família Monteiro Lobato (páginas 6 e 13); Biblioteca Guita e José Mindlin (página 12); Biblioteca Monteiro Lobato, São Paulo (página 10)

Editora Globo S.A.

Av. Jaguaré, 1.485 – Jaguaré

São Paulo – SP – 05346-902 – Brasil

www.globolivros.com.br

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Monteiro Lobato

Obra Adulta

O polemista do conto

NEGRINHA

Negrinha 1920

As fitas da vida 1920

O drama da geada 1919

Bugio Moqueado 1920

O jardineiro Timóteo 1920

O fisco (Conto de Natal) 1918

O Brás

Pedrinho, sem ser consultado, nasce

A vida

Epílogo? Não! Primeiro ato...

Os negros 1922

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

XIII

XIV

XV

XVI

XVII

XVIII

XIX

XX

XXI

XXII

Barba Azul 1922

O colocador de pronomes 1920

Uma história de mil anos 1922

Os pequeninos 1939

A facada imortal 1942

[A policitemia de Dona Lindoca](#)

["Quero ajudar o Brasil..." 1938](#)

[Sorte grande 1939](#)

[Dona Expedita 1939](#)

[Herdeiro de si mesmo. 1939](#)

[Bibliografia selecionada sobre Monteiro Lobato](#)

Monteiro Lobato



Monteiro Lobato, *por J.U. Campos.*

Homem *de múltiplas facetas, José Bento Monteiro*

Lobato passou a vida engajado em campanhas para colocar o país no caminho da modernidade. Nascido em Taubaté, interior paulista, no ano de 1882, celebrizou-se como o criador do Sítio do Picapau Amarelo, mas sua atuação extrapola o universo da literatura infantojuvenil, gênero em que foi pioneiro.

Apesar da sua inclinação para as artes plásticas, cursou a Faculdade do Largo São Francisco, em São Paulo, por imposição do avô, o Visconde de Tremembé, mas seguiu carreira por pouco tempo. Logo trocava o Direito pelo mundo das letras, sem deixar de lado a pintura nem a fotografia, outra de suas paixões.

Colaborador da imprensa paulista e carioca, Lobato não demoraria a suscitar polêmica com o artigo "Velha praga", publicado em 1914 em O Estado de S. Paulo. Um protesto contra as

queimadas no Vale do Paraíba, o texto seria seguido de "Urupês", no mesmo jornal, título dado também ao livro que, trazendo o Jeca Tatu, seu personagem símbolo, esgotou 30 mil exemplares entre 1918 e 1925. Seria, porém, na Revista do Brasil, adquirida em 1918, que ele lançaria as bases da indústria editorial no país. Aliando qualidade gráfica a uma agressiva rede de distribuição, com vendedores autônomos e consignatários, ele revoluciona o mercado livreiro. E não para por aí. Lança, em 1920, A menina do narizinho arrebitado, a primeira da série de histórias que formariam gerações sucessivas de leitores. A infância ganha um sabor tropical, temperado com pitadas de folclore, cultura popular e, principalmente, muita fantasia.

Em 1926, meses antes de partir para uma estada como adido comercial junto ao consulado brasileiro em Nova York, Lobato escreve O presidente negro. Neste seu único romance prevê, através das lentes do "porviroscópio", um futuro interligado pela rede de computadores.

De regresso dos Estados Unidos após a Revolução de 30, investe no ferro e no petróleo. Funda empresas de prospecção, mas contraria poderosos interesses multinacionais que culminam na sua prisão, em 1941. Indultado por Vargas, continuou perseguido pela

ditadura do Estado Novo, que mandou apreender e queimar seus livros infantis.

Depois de um período residindo em Buenos Aires, onde chegou a fundar duas editoras, Monteiro Lobato morreu em 4 de julho de 1948, na cidade de São Paulo, aos 66 anos de idade. Deixou, como legado, o exemplo de independência intelectual e criatividade na obra que continua presente no imaginário de crianças, jovens e adultos.

Obra Adulta[1]

CONTOS

- **URUPÊS**
- **CIDADES MORTAS**
- **NEGRINHA**
- **O MACACO QUE SE FEZ HOMEM**

ROMANCE

- **O PRESIDENTE NEGRO**

JORNALISMO E CRÍTICA

- **O SACI-PERERÊ: RESULTADO DE UM INQUÉRITO**
- **IDEIAS DE JECA TATU**
- **A ONDA VERDE**
- **MISTER SLANG E O BRASIL**
- **NA ANTEVÉSPERA**
- **CRÍTICAS E OUTRAS NOTAS**

ESCRITOS DA JUVENTUDE

- **LITERATURA DO MINARETE**
- **MUNDO DA LUA**

CRUZADAS E CAMPANHAS

- **PROBLEMA VITAL, JECA TATU E OUTROS TEXTOS**
- **FERRO E O VOTO SECRETO**
- **O ESCÂNDALO DO PETRÓLEO e GEORGISMO E COMUNISMO**

ESPARSOS

- **FRAGMENTOS, OPINIÕES E MISCELÂNEA**
- **PREFÁCIOS E ENTREVISTAS**
- **CONFERÊNCIAS, ARTIGOS E CRÔNICAS**

IMPRESSÕES DE VIAGEM

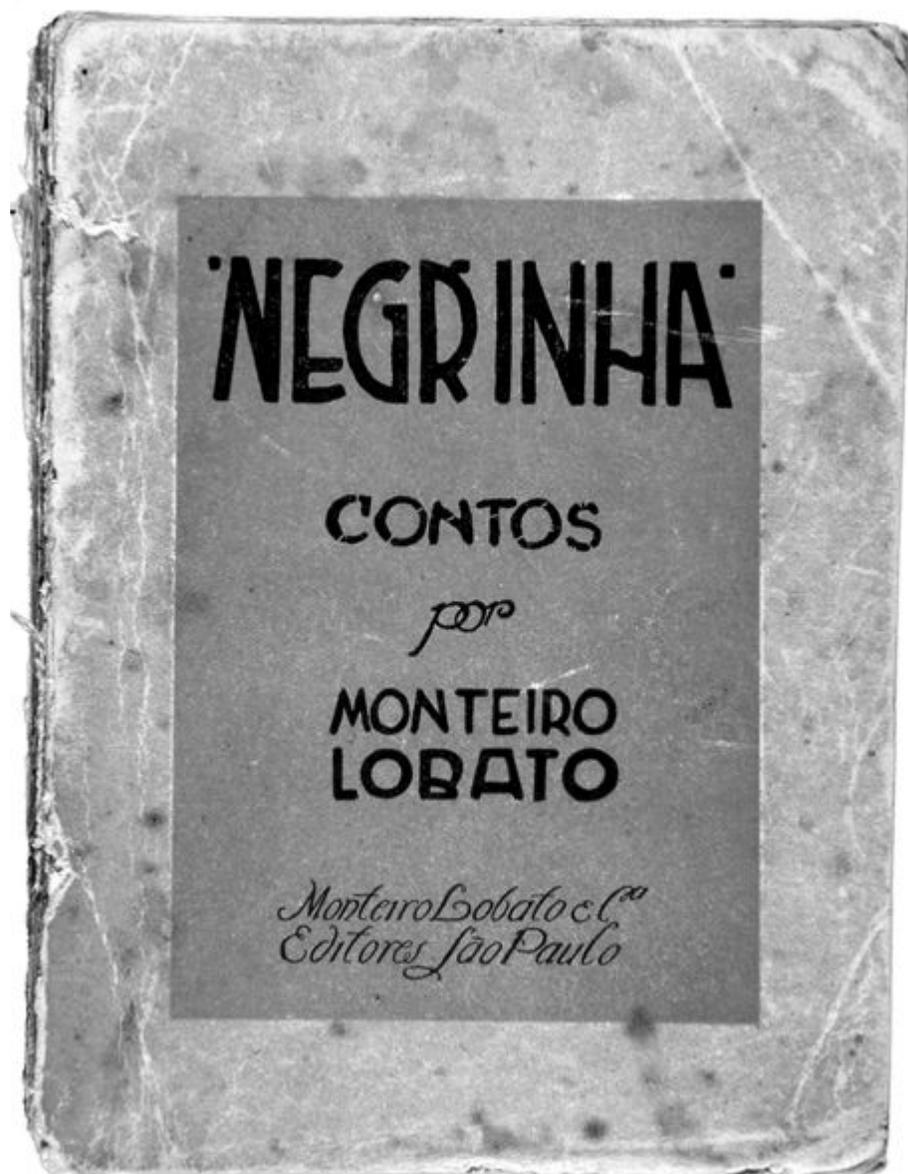
- **AMÉRICA**

CORRESPONDÊNCIA

- **A BARCA DE GLEYRE**

- **CARTAS ESCOLHIDAS**
- **CARTAS DE AMOR**

O polemista do conto



Capa da 1ª edição de *Negrinha*

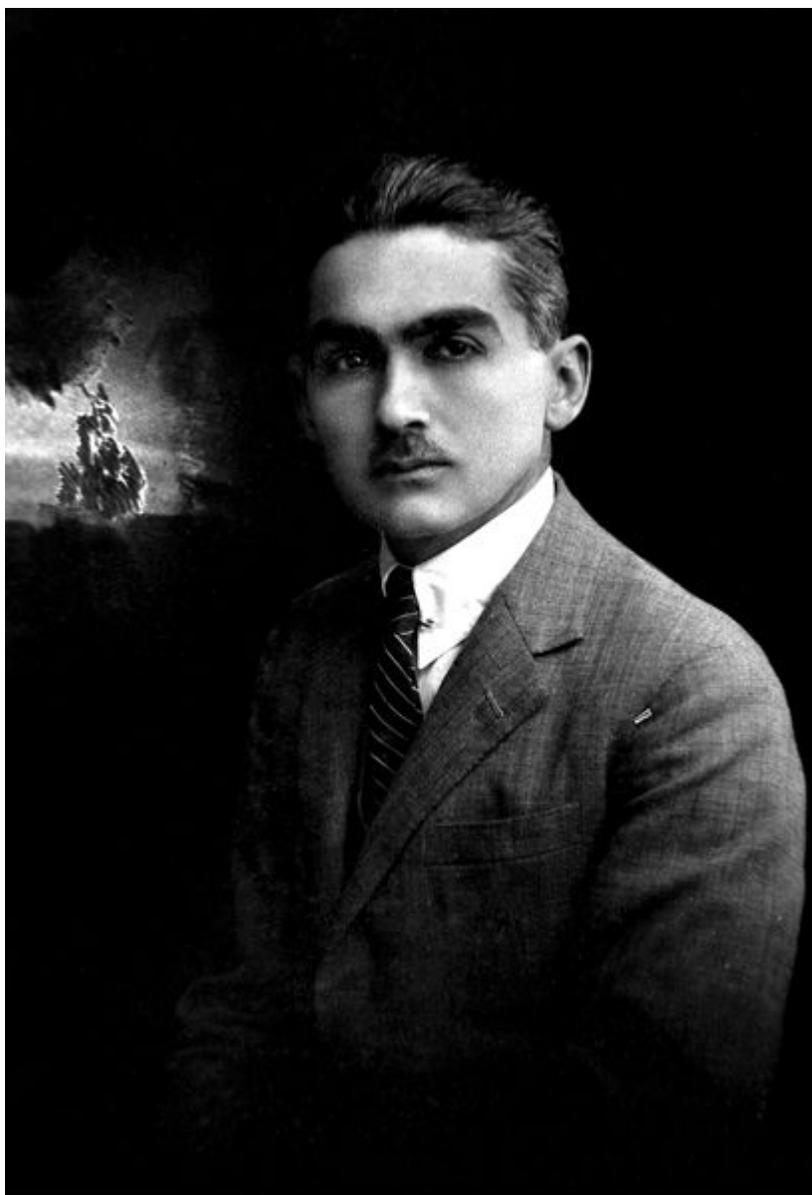
Terceiro título lançado após o estrondoso sucesso de *Urupês*, a estreia literária de Monteiro Lobato, *Negrinha* vendeu 15 mil exemplares em três tiragens sucessivas no decorrer de 1920, quando o parque gráfico de sua editora funcionava a pleno vapor. Reúne, segundo o crítico literário Sérgio Milliet, o melhor da safra de textos cada vez mais concisos, que se modernizam continuamente ao retratar o típico cotidiano brasileiro: "O humorismo e a psicologia unem-se em um estilo saboroso, rápido, elegante e claro", afirmou ele na resenha publicada em francês na *Revue de L'Amérique Latine*, por ocasião do seu lançamento. Embora apresentando uma temática variada, mantém, no seu conjunto, o mesmo ritmo na arrumação vertiginosa das palavras e no tom enxuto e vibrante: "A maneira do senhor Monteiro Lobato é uma maneira de choque, sem para isso empregar, de forma alguma, qualquer artifício comum a esses autores que pretendem iludir pelo brilho ou pela violência", disse Alceu Amoroso Lima. "A arte do senhor Monteiro Lobato não se insinua, não prende insensivelmente, não enreda o leitor, mas conquista bruscamente, impõe-se de bloco, com toda a franqueza e a claridade da realidade posta a nu, sem maiores rodeios e preparativos".



Negrinha, 3ª edição, capa de J. Prado

Aqui encontramos um painel que vai da farsa à tragédia, do sarcasmo à compaixão, passando pelo drama pungente da filha de uma ex-escrava. Nele, aflora o crítico social que expõe a crueldade da patroa endossada pela hipocrisia do vigário. De um lado, temos a virtuosa dama, esteio da religião e da moral, gorda, rica, dona do mundo, animada dos padres, com lugar certo na Igreja e camarote de luxo no céu". De outro, a órfã "magra, atrofiada, com os olhos

eternamente assustados”, criada aos pontapés como cachorro sem dono. Negrinha sofre o abuso perverso de “coques” na cabeça com os nós dos dedos, puxões de orelha, beliscões, surras de intensidades variadas, cascudos, roda de tapas e a vara de marmelo flexível, cortante, para “doer fininho”. Vestígio de um sistema escravocrata que se prolonga, este relato encontra paralelo em “Bugio moqueado”, no gênero macabro do “Bocatorta” de *Urupês*. Trata-se, portanto, de um conto que põe por terra a ideia de um Monteiro Lobato racista. Aqui, ao contrário, ele denuncia de forma categórica um regime desumano que continuava na mentalidade e nos hábitos do senhorio décadas após a Abolição.



Monteiro Lobato à época do lançamento de Negrinha

Igualmente dramático é o quadro pintado por Lobato sobre a catástrofe meteorológica que arruinou numerosos fazendeiros de café, submergidos na miséria, na morte ou na loucura. "O desastre de geada destruindo o labor de muitos anos, traz-nos a ideia, num contraste vivo, o nosso sertanejo lutando à procura d'água num terreno de brasas, sob um sol de fogo", cogita Câmara Cascudo. Mas nem tudo são fatalidades nas páginas de *Negrinha*. "As fitas da vida"

narra o comovente encontro de um antigo bravo do Paraguai com seu capitão, na Hospedaria dos Imigrantes. “Emoção pura. Arte na acepção máxima do vocábulo”, prossegue o estudioso do nosso folclore, que ainda elege “O jardineiro Timóteo” como uma poética obra-prima. “Nunca mais me saiu da lembrança aquele velho jardineiro cultivando num quintalejo da província florezinhas agrestes e antigas”.

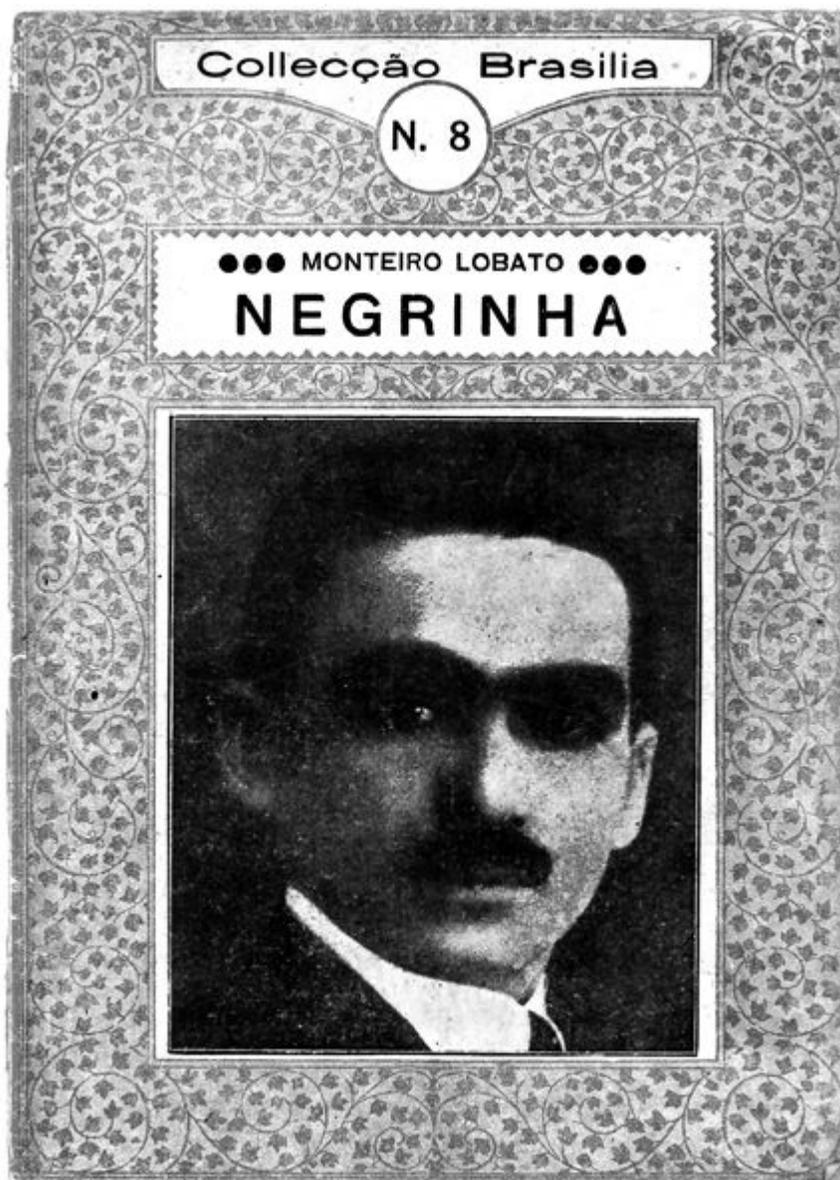
Irreverente e engraçado, o episódio “A fachada imortal” resgata o frescor da juventude nas reminiscências do estudante de Direito, quando Lobato e seu círculo de colegas gastavam as parcas economias em noitadas no café Guarany ao redor de cálices de “laranjinhas”, comentando as respectivas proezas: “Ligava-nos apenas uma coisa: o pendor comum pelas finuras mentais em qualquer campo que fosse, literatura, perfídia, oposição ao governo, arte de viver, amor”.

Uma crônica de costumes ligeira, com personagens sutilmente devassados, revelando nuances psicológicas à feição machadiana, pode ser lida em “policetemia de Dona Lindoca”, uma infeliz quarentona que via pouco a pouco chegar a velhice com seu “empaste de feições, rugas e macacoas”. Dentre os episódios perpassados de ironia sobressai a história tragicômica do gramático, mártir obsessivo da colocação dos pronomes. Para além de uma simples pantomima, ela exprime, no pitoresco da linguagem, a campanha pela emancipação do idioma transplantado para o Brasil, mas ainda escrito à rígida moda de Portugal.

Defensor intransigente do coloquialismo e da oralidade contra os arcaísmos da língua, e a quem Sérgio Milliet aponta como um dos precursores do “movimento de libertação das letras nacionais” Monteiro Lobato usa a maioria das suas novelas curtas para problematizar um assunto ou fazer um protesto: “Ele não escreve

pelo gosto exclusivo da composição literária e sim para dar forma à sua insubmissão e ao seu não conformismo”, pontuou Josué Montello, que o definiu como o “polemista do conto”.

Marcia Camargos e Vladimir Sacchetta



Negrinha, capa da edição popular, 1922

NEGRINHA

Negrinha[2]

1920

Negrinha era uma pobre órfã de 7 anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados.

Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças.

Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora, em suma – “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, dizia o reverendo.

Ótima, a Dona Inácia.

Mas não admitia choro de criança. Ai! Punha-lhe os nervos em carne viva. Viúva sem filhos, não a calejara o choro da carne de sua carne, e por isso não suportava o choro da carne alheia. Assim, mal vagia, longe, na cozinha, a triste criança, gritava logo nervosa:

– Quem é a peste que está chorando aí?

Quem havia de ser? A pia de lavar pratos? O pilão? O forno? A mãe da criminosa abafava a boquinha da filha e afastava-se com ela

para os fundos do quintal, torcendo-lhe em caminho beliscões de desespero.

– Cale a boca, diabo!

No entanto, aquele choro nunca vinha sem razão. Fome quase sempre, ou frio, desses que entangem pés e mãos e fazem-nos doer...

Assim cresceu Negrinha – magra, atrofiada, com os olhos eternamente assustados. Órfã aos 4 anos, por ali ficou feito gato sem dono, levada a pontapés. Não compreendia a ideia dos grandes. Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos. Aprendeu a andar, mas quase não andava. Com pretexto de que às soltas reinaria no quintal, estragando as plantas, a boa senhora punha-a na sala, ao pé de si, num desvão da porta.

– Sentadinha aí, e bico, hein?

Negrinha imobilizava-se no canto, horas e horas.

– Braços cruzados, já, diabo!

Cruzava os bracinhos a tremer, sempre com o susto nos olhos. E o tempo corria. E o relógio batia uma, duas, três, quatro, cinco horas – um cuco tão engraçadinho! Era seu divertimento vê-lo abrir a janela e cantar as horas com a bocarra vermelha, arrufando as asas. Sorria-se então por dentro, feliz um instante.

Puseram-na depois a fazer crochê, e as horas se lhe iam a espichar trancinhas sem fim.

Que ideia faria de si essa criança que nunca ouvira uma palavra de carinho? Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, patachoca, pinto gorado, mosca-morta, sujeira, bisca, trapo, cachorrinha, coisa-ruim, lixo – não tinha conta o número de apelidos com que a mimoseavam. Tempo houve em que foi *bubônica*. A epidemia andava na berra, como a grande novidade, e Negrinha viu-se logo apelidada

assim – por sinal que achou linda a palavra. Perceberam-no e suprimiram-na da lista. Estava escrito que não teria um gostinho só na vida – nem esse de personalizar a peste...

O corpo de Negrinha era tatuado de sinais, cicatrizes, vergões. Batiam nele os da casa todos os dias, houvesse ou não houvesse motivo. Sua pobre carne exercia para os cascudos, cocres e beliscões a mesma atração que o ímã exerce para o aço. Mão em cujos nós de dedos comichasse um cocre, era mão que se descarregaria dos fluidos em sua cabeça. De passagem. Coisa de rir e ver a careta...

A excelente Dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos – e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca se afizera ao regime novo – essa indecência de negro igual a branco e qualquer coisinha: a polícia! “Qualquer coisinha”: uma mucama assada ao forno porque se engraçou dela o senhor; uma novena de relho[3] porque disse: “Como é ruim a sinhá!”...

O 13 de Maio tirou-lhe das mãos o azorrague, mas não lhe tirou da alma a gana. Conservava Negrinha em casa como remédio para os frenesis. Inocente derivativo.

– Ai! Como alivia a gente uma boa roda de cocres bem fincados!...

Tinha de contentar-se com isso, judiaria miúda, os níqueis da crueldade. Cocres: mão fechada com raiva e nós de dedos que cantam no coco do paciente. Puxões de orelha: o torcido, de despegar a concha (bom! bom! bom! gostoso de dar!) e o a duas mãos, o sacudido. A gama inteira dos beliscões: do miudinho, com a ponta da unha, à torcida do umbigo, equivalente ao puxão de orelha. A esfregadela: roda de tapas, cascudos, pontapés e safanões

à uma – divertidíssimo! A vara de marmelo, flexível, cortante: para “doer fino” nada melhor!

Era pouco, mas antes disso do que nada. Lá de quando em quando vinha um castigo maior para desobstruir o fígado e matar as saudades do bom tempo. Foi assim com aquela história do ovo quente.

Não sabem? Ora! Uma criada nova furtara do prato de Negrinha – coisa de rir – um pedacinho de carne que ela vinha guardando para o fim. A criança não sofreu a revolta – atirou-lhe um dos nomes com que a mimoseavam todos os dias.

– “Peste?” Espere aí! Você vai ver quem é peste – e foi contar o caso à patroa.

Dona Inácia estava azeda, necessitadíssima de derivativos. Sua cara iluminou-se.

– Eu curo ela! – disse – e desentalando do trono as banhas foi para a cozinha, qual perua choca, a rufar as saias.

– Traga um ovo.

Veio o ovo. Dona Inácia mesma pô-lo na água a ferver; e de mãos à cinta, gozando-se na prelibação da tortura, ficou de pé uns minutos, à espera. Seus olhos contentes envolviam a mísera criança que, encolhidinha a um canto, aguardava trêmula alguma coisa de nunca visto. Quando o ovo chegou a ponto, a boa senhora chamou:

– Venha cá!

Negrinha aproximou-se.

– Abra a boca!

Negrinha abriu a boca, como o cuco, e fechou os olhos. A patroa, então, com uma colher, tirou da água “pulando” o ovo e *zás!* na boca da pequena. E antes que o urro de dor saísse, suas mãos amordaçaram-na até que o ovo arrefecesse. Negrinha urrou

surdamente, pelo nariz. Esperneou. Mas só. Nem os vizinhos chegaram a perceber aquilo. Depois:

– Diga nomes feios aos mais velhos outra vez, ouviu, peste?

E a virtuosa dama voltou contente da vida para o trono, a fim de receber o vigário que chegava.

– Ah, monsenhor! Não se pode ser boa nesta vida... Estou criando aquela pobre órfã, filha da Cesária – mas que trabalhadeira me dá!

– A caridade é a mais bela das virtudes cristãs, minha senhora – murmurou o padre.

– Sim, mas cansa...

– Quem dá aos pobres empresta a Deus.

A boa senhora suspirou resignadamente.

– Inda é o que vale...

Certo dezembro vieram passar as férias com Santa Inácia duas sobrinhas suas, pequenotas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas.

Do seu canto na sala do trono Negrinha viu-as irromperem pela casa como dois anjos do céu – alegres, pulando e rindo com a vivacidade de cachorrinhos novos. Negrinha olhou imediatamente para a senhora, certa de vê-la armada para desferir contra os anjos invasores o raio dum castigo tremendo.

Mas abriu a boca: a sinhá ria-se também... Quê? Pois não era crime brincar? Estaria tudo mudado – e findo o seu inferno – e aberto o céu? No enlevo da doce ilusão, Negrinha levantou-se e veio para a festa infantil, fascinada pela alegria dos anjos.

Mas a dura lição da desigualdade humana lhe chicoteou a alma. Beliscão no umbigo, e nos ouvidos o som cruel de todos os dias: “Já para o seu lugar, pestinha! Não se enxerga?”

Com lágrimas dolorosas, menos de dor física que de angústia moral – sofrimento novo que se vinha acrescentar aos já conhecidos –, a triste criança encorujou-se no cantinho de sempre.

– Quem é, titia? – perguntou uma das meninas, curiosa.

– Quem há de ser? – disse a tia num suspiro de vítima. – Uma caridade minha. Não me corrijo, vivo criando essas pobres de Deus... Uma órfã. Mas brinquem, filhinhas, a casa é grande, brinquem por aí afora.

“Brinquem!” Brincar! Como seria bom brincar! – refletiu com suas lágrimas, no canto, a dolorosa martirzinha, que até ali só brincara em imaginação com o cuco.

Chegaram as malas e logo:

– Meus brinquedos! – reclamaram as duas meninas.

Uma criada abriu-as e tirou os brinquedos.

Que maravilha! Um cavalo de pau!... Negrinha arregalava os olhos. Nunca imaginara coisa assim tão galante. Um cavalinho! E mais... Que é aquilo? Uma criancinha de cabelos amarelos... que falava “mamã”... que dormia...

Era de êxtase o olhar de Negrinha. Nunca vira uma boneca e nem sequer sabia o nome desse brinquedo. Mas compreendeu que era uma criança artificial.

– É feita?... – perguntou extasiada.

E, dominada pelo enlevo, num momento em que a senhora saiu da sala a providenciar sobre a arrumação das meninas, Negrinha esqueceu o beliscão, o ovo quente, tudo, e aproximou-se da criaturinha de louça. Olhou-a com assombrado encanto, sem jeito, sem ânimo de pegá-la.

As meninas admiraram-se daquilo.

– Nunca viu boneca?

– Boneca? – repetiu Negrinha. – Chama-se Boneca?

Riram-se as fidalgas de tanta ingenuidade.

– Como é boba! – disseram. – E você, como se chama?

– Negrinha.

As meninas novamente torceram-se de riso; mas, vendo que o êxtase da bobinha perdurava, disseram, apresentando-lhe a boneca:

– Pegue!

Negrinha olhou para os lados, ressabiada, com o coração aos pinotes. Que aventura, santo Deus! Seria possível? Depois, pegou a boneca. E, muito sem jeito, como quem pega o Senhor Menino, sorria para ela e para as meninas, com assustados relanços de olhos para a porta. Fora de si, literalmente... Era como se penetrara no céu e os anjos a rodeassem, e um filhinho de anjo lhe tivesse vindo adormecer ao colo. Tamanho foi o seu enlevo que não viu chegar a patroa, já de volta. Dona Inácia entreparou, feroz, e esteve uns instantes assim, presenciando a cena.

Mas era tal a alegria das hóspedes ante a surpresa estática de Negrinha, e tão grande a força irradiante da felicidade desta, que o seu duro coração afinal bambeou. E pela primeira vez na vida foi mulher. Apiedou-se.

Ao percebê-la na sala Negrinha havia tremido, passando-lhe num relance pela cabeça a imagem do ovo quente e hipóteses de castigos ainda piores. E incoercíveis lágrimas de pavor assomaram-lhe aos olhos.

Falhou tudo isso, porém. O que sobreveio foi a coisa mais inesperada do mundo – estas palavras, as primeiras que ela ouviu, doces, na vida:

– Vão todas brincar no jardim, e vá você também, mas veja lá, hein?

Negrinha ergueu os olhos para a patroa, olhos ainda de susto e terror. Mas não viu mais a fera antiga. Compreendeu vagamente e

sorriu.

Se alguma vez a gratidão sorriu na vida, foi naquela surrada carinha...

Varia a pele, a condição, mas a alma da criança é a mesma – na princesinha e na mendiga. E para ambas é a boneca o supremo enlevo. Dá a natureza dois momentos divinos à vida da mulher: o momento da boneca – preparatório, e o momento dos filhos – definitivo. Depois disso, está extinta a mulher.

Negrinha, coisa humana, percebeu nesse dia da boneca que tinha uma alma. Divina eclosão! Surpresa maravilhosa do mundo que trazia em si e que desabrochava, afinal, como fulgurante flor de luz. Sentiu-se elevada à altura de ente humano. Cessara de ser coisa – e doravante ser-lhe-ia impossível viver a vida de coisa. Se não era coisa! Se sentia! Se vibrava!

Assim foi – e essa consciência a matou.

Terminadas as férias, partiram as meninas levando consigo a boneca, e a casa voltou ao ramerrão habitual. Só não voltou a si Negrinha. Sentia-se outra, inteiramente transformada.

Dona Inácia, pensativa, já a não atezava tanto, e na cozinha uma criada nova, boa de coração, amenizava-lhe a vida.

Negrinha, não obstante, caíra numa tristeza infinita. Mal comia e perdera a expressão de susto que tinha nos olhos. Trazia-os agora nostálgicos, cismarentos.

Aquele dezembro de férias, luminosa rajada de céu trevas adentro do seu doloroso inferno, envenenara-a.

Brincara ao sol, no jardim. Brincara!... Acalentara, dias seguidos, a linda boneca loura, tão boa, tão quieta, a dizer “mamã”, a cerrar

os olhos para dormir. Vivera realizando sonhos da imaginação. Desabrochara-se de alma.

Morreu na esteirinha rota, abandonada de todos, como um gato sem dono. Jamais, entretanto, ninguém morreu com maior beleza. O delírio rodeou-a de bonecas, todas louras, de olhos azuis. E de anjos... E bonecas e anjos remoinhavam-lhe em torno, numa farândola do céu. Sentia-se agarrada por aquelas mãozinhas de louça – abraçada, rodopiada.

Veio a tontura; uma névoa envolveu tudo. E tudo regirou em seguida, confusamente, num disco. Ressoaram vozes apagadas, longe, e pela última vez o cuco lhe apareceu de boca aberta.

Mas, imóvel, sem rufar as asas.

Foi-se apagando. O vermelho da goela desmaiou...

E tudo se esvaiu em trevas.

Depois, vala comum. A terra papou com indiferença aquela carnezinha de terceira – uma miséria, trinta quilos mal pesados...

E de Negrinha ficaram no mundo apenas duas impressões. Uma cômica, na memória das meninas ricas.

– “Lembras-te daquela bobinha da titia, que nunca vira boneca?”

Outra de saudade, no nó dos dedos de Dona Inácia.

“– Como era boa para um cocre!...”

As fitas da vida[4]

1920

Perambulávamos ao sabor da fantasia, noite adentro, pelas ruas feias do Brás, quando nos empolgou a silhueta escura duma pesada mole tijolácea, com aparência de usina vazia de maquinismos.

– Hospedaria dos Imigrantes – informa o meu amigo.

– É aqui, então...

Paramos a contemplá-la. Era ali a porta do Oeste Paulista, essa Canaã em que o ouro espirra do solo; era ali a antessala da Terra Roxa – essa Califórnia do rubídio, oásis cor de sangue coalhado onde cresce a árvore do Brasil de amanhã, uma coisa um pouco diferente do Brasil de ontem, luso e perro; era ali o ninho da nova raça, liga, amálgama, justaposição de elementos étnicos que temperam o neobandeirante industrial, antijeca, antimodorra, vencedor da vida à moda americana.

Onde pairam os nossos Walt Whitmans, que não veem estes aspectos do país e os não põem em cantos? Que crônica, que poema não daria aquela casa da Esperança e do Sonho! Por ela passaram milhares de criaturas humanas, de todos os países e de todas as raças, miseráveis, sujas, com o estigma das privações impresso nas faces – mas re floridas de esperança ao calor do grande sonho da América. No fundo, heróis, porque só os heróis esperam e sonham.

Emigrar: não pode existir fortaleza maior. Só os fortes atrevem-se a tanto. A miséria do torrão natal cansa-os e eles se atiram à aventura do desconhecido, fiando na paciência dos músculos a vitória da vida. E vencem.

Ninguém, ao vê-los na Hospedaria, promíscuos, humildes, quase muçulmanos na surpresa da terra estranha, imagina o potencial de força neles acumulado, à espera de ambiente propício para explosões magníficas.

Cérebro e braço do progresso americano, gritam o Sésamo às nossas riquezas adormidas. Estados Unidos, Argentina, São Paulo devem dois terços do que são a essa varredura humana, trazida a granel para aterrar os vazios demográficos das regiões novas. Mal cai no solo novo, transforma-se, floresce, dá de si a apoiadura farta com que se aleita a Civilização.

Aquela Hospedaria... Casa do Amanhã, corredor do futuro...

Por ali desfilam, inconscientes, os formadores duma raça nova.

– Dei-me com um antigo diretor desta almanjarra – disse o meu companheiro –, ao qual ouvi muita coisa interessante acontecida cá dentro. Sempre que passo por esta rua, avivam-se-me na memória vários episódios sugestivos, e entre eles um, romântico, patético, que até parece arranjo para terceiro ato de dramalhão lacrimogêneo. O romantismo, meu caro, existe na natureza, não é invenção dos Hugos; e agora que se fez cinema, posso assegurar-te que muitas vezes a vida plagia o cinema escandalosamente.

Foi em 1906, mais ou menos. Chegara do Ceará, então flagelado pela seca, uma leva de retirantes com destino à lavoura de café, na qual havia um cego, velho de mais de 60 anos. Na sua categoria dolorosa de indesejável, por que cargas-d'água dera com os costados aqui? Erro de expedição, evidentemente. Retirantes que

emigram não merecem grande cuidado dos prepostos ao serviço. Vêm a granel, como carga incômoda que entope o navio e cheira mal. Não são passageiros, mas fardos de couro vivo com carne magra por dentro, a triste carne de trabalho, irmã da carne de canhão.

Interpelado o cego por um funcionário da Hospedaria, explicou sua presença por engano de despacho. Destinavam-no ao Asilo dos Inválidos da Pátria, no Rio, mas pregaram-lhe às costas a papeleta do "Para o eito" e lá veio. Não tinha olhos para guiar-se, nem teve olhos alheios que o guiassem. Triste destino o dos cacos de gente...

– Por que para o Asilo dos Inválidos? – perguntou o funcionário.
– É voluntário da Pátria?

– Sim – respondeu o cego –, fiz cinco anos de guerra no Paraguai e lá apanhei a doença que me pôs a noite nos olhos. Depois que ceguei caí no desamparo. Para que presta um cego? Um gato sarnento vale mais.

Pausou uns instantes, revirando nas órbitas os olhos esbranquiçados. Depois:

– Só havia no mundo um homem capaz de me socorrer: o meu capitão. Mas, esse, perdi-o de vista. Se o encontrasse – tenho a certeza! –, até os olhos me era ele capaz de reviver. Que homem! Minhas desgraças todas vêm de eu ter perdido meu capitão...

– Não tem família?

– Tenho uma menina – que não conheço. Quando veio ao mundo, já meus olhos eram trevas.

Baixou a cabeça branca, como tomado de súbita amargura.

– Daria o que me resta de vida para vê-la um instantinho só. Se o meu capitão...

Não concluiu. Percebera que o interlocutor já estava longe, atendendo ao serviço, e ali ficou, imerso na tristeza infinita da sua

noite sem estrelas.

O incidente, entretanto, impressionara o funcionário, que o levou ao conhecimento do diretor. O diretor da Imigração era nesse tempo o major Carlos, nobre figura de paulista dos bons tempos, providência humanizada daquele departamento. Ao saber que o cego fora um soldado de 70, interessou-se e foi procurá-lo. Encontrou-o imóvel, imerso no seu eterno cismar.

– Então, meu velho, é verdade que fez a campanha do Paraguai?

O cego ergueu a cabeça, tocado pela voz amiga.

– Verdade, sim, meu patrão. Fui soldado do 33.

– O 33 de São Paulo? Como isso, se você é do Norte? – objetou o major.

– Verdade, sim, meu patrão. Vim no 13, e logo depois de chegar ao império do Lopes entrei em fogo. Tivemos má sorte. Na batalha de Tuiuti nosso batalhão foi dizimado como milho em tempo de chuva de pedra. Salvamo-nos eu e mais um punhado de camaradas. Fomos incorporados ao 33 paulista para preenchimento dos claros, e nele fiz o resto da campanha.

O major Carlos também era veterano do Paraguai, e por coincidência servira no 33. Interessou-se, pois, vivamente pela história do cego, pondo-se a interrogá-lo a fundo.

– Quem era o seu capitão?

O cego suspirou.

– Meu capitão era um homem que se eu o encontrasse de novo até a vista me era capaz de dar! Mas não sei dele, perdi-o – para mal meu...

– Como se chamava?

– Capitão Boucault.

Ao ouvir esse nome o major sentiu eletrizarem-se-lhe as carnes num arrepio intenso; dominou-se, porém, e prosseguiu:

– Conheci esse capitão. Foi meu companheiro de regimento. Mau homem, por sinal, duro para com os soldados, grosseiro...

O cego, até ali vergado na atitude humilde do mendigo, ergueu altivamente o busto e, com indignação a fremir na voz, disse com firmeza:

– Pare aí! Não blasfeme! O capitão Boucault era o mais leal dos homens, amigo, pai do soldado. Perto de mim ninguém o insulta. Conheci-o em todos os momentos, acompanhei-o durante anos como sua ordenança e nunca o vi praticar o menor ato de vileza.

O tom firme do cego comoveu estranhamente o major. A miséria não conseguira romper no velho soldado as fibras da lealdade, e não há espetáculo mais arrebatador do que o de uma lealdade assim vividoira até aos limites extremos da desgraça. O major, quase rendido, sobresteve-se por um instante. Depois, friamente, prosseguiu na experiência.

– Engana-se, meu caro. O capitão Boucault era um covarde...

Um assomo de cólera transformou as feições do cego. Seus olhos anuviados pela catarata revolveram-se nas órbitas, num horrível esforço para ver a cara do infame detrator. Seus dedos crispavam-se; todo ele se retesou, como fera prestes a desferir o bote. Depois, sentindo pela primeira vez em toda a plenitude a infinita fragilidade dos cegos, recaiu em si, esmagado. A cólera transfez-se-lhe em dor, e a dor assomou-lhe aos olhos sob forma de lágrimas. E foi lacrimejando que murmurou em voz apagada:

– Não se insulta assim um cego...

Mal pronunciara estas palavras, sentiu-se apertado nos braços do major, também em lágrimas, que dizia:

– Abrace, amigo, abrace o seu velho capitão! Sou eu o antigo capitão Boucault...

Na incerteza, aparvalhado ante o imprevisto desenlace e como receoso de insídia, o cego vacilava.

– Duvida? – exclamou o major. – Duvida de quem o salvou a nado na passagem do Tebiquari?

Àquelas palavras mágicas a identificação se fez e, esvanecido de dúvidas, chorando como criança, o cego abraçou-se com os joelhos do major Carlos Boucault, a exclamar num desvario:

– Achei meu capitão! Achei meu pai! Minhas desgraças se acabaram!...

E acabaram-se de fato.

Metido num hospital sob os auspícios do major, lá sofreu a operação da catarata e readquiriu a vista.

Que impressão a sua quando lhe tiraram a venda dos olhos! Não se cansava de “ver”, de matar as saudades da retina. Foi à janela e sorriu para a luz que inundava a natureza. Sorriu para as árvores, para o céu, para as flores do jardim. Ressurreição!...

– Eu bem dizia! – exclamava a cada passo. – Eu bem dizia que se encontrasse o meu capitão estava findo o meu martírio. Posso agora ver minha filha! Que felicidade, meu Deus!...

E lá voltou para a terra dos verdes mares bravios onde canta a jandaia. Voltou a nado – nadando em felicidade. A filha, a filha!...

– Eu não dizia? Eu não dizia que se encontrasse o meu capitão até a luz dos olhos me havia de voltar?

O drama da geada

1919

Junho. Manhã de neblina. Vegetação entanguida de frio. Em todas as folhas o recamo de diamantes com que as adereça o orvalho.

Passam colonos para a roça, retransidos, deitando fumaça pela boca.

Frio. Frio de geada, desses que matam passarinhos e nos põem sorvete dentro dos ossos.

Sáimos cedo a ver cafezais, e ali paramos, no viso do espigão, ponto mais alto da fazenda. Dobrando o joelho sobre a cabeça do socado, o major voltou o corpo para o mar de café aberto ante nossos olhos e disse num gesto amplo:

– Tudo obra minha, veja!

Vi. Vi e compreendi-lhe o orgulho, sentindo-me orgulhoso também de tal patrício. Aquele desbravador de sertões era uma força criadora, dessas que enobrecem a raça humana.

– Quando adquiri esta gleba – disse ele –, tudo era mata virgem, de ponta a ponta. Rocei, derrubei, queimei, abri caminhos, rasguei valos, estiquei arame, construí pontes, ergui casas, arrumei pastos, plantei café – fiz tudo. Trabalhei como negro cativo durante quatro anos. Mas venci. A fazenda está formada, veja.

Vi. Vi o mar de café ondulando pelos seios da terra, disciplinado em fileiras de absoluta regularidade. Nem uma falha! Era um

exército em pé de guerra. Mas bisonho ainda. Só no ano vindouro entraria em campanha. Até ali, os primeiros frutos não passavam de escaramuças de colheita. E o major, chefe supremo do verde exército por ele criado, disciplinado, preparado para a batalha decisiva da primeira safra grande, a que liberta o fazendeiro dos ônus da formação, tinha o olhar orgulhoso dum pai diante de filhos que não mentem à estirpe.

O fazendeiro paulista é alguma coisa séria no mundo. Cada fazenda é uma vitória sobre a fereza retrátil dos elementos brutos, coligados na defesa da virgindade agredida. Seu esforço de gigante paciente nunca foi cantado pelos poetas, mas muita epopeia há por aí que não vale a destes heróis do trabalho silencioso. Tirar uma fazenda do nada é façanha formidável. Alterar a ordem da natureza, vencê-la, impor-lhe uma vontade, canalizar-lhe as forças de acordo com um plano preestabelecido, dominar a réplica eterna do mato daninho, disciplinar os homens da lida, quebrar a força das pragas... – batalha sem tréguas, sem-fim, sem momento de repouso e, o que é pior, sem certeza plena da vitória. Colhe-a muitas vezes o credor, um onzeneiro que adiantou um capital caríssimo e ficou a seu salvo na cidade, de cócoras num título de hipoteca, espiando o momento oportuno para cair sobre a presa como um gavião.

– Realmente, major, isto é de enfunar o peito! É diante de espetáculos destes que vejo a mesquinharia dos que lá fora, comodamente, parasitam o trabalho do agricultor.

– Diz bem. Fiz tudo, mas o lucro maior não é meu. Tenho um sócio voraz que me lambe, ele só, um quarto da produção: o governo. Sangram-na depois as estradas de ferro – mas destas não me queixo porque dão muita coisa em troca. Já não digo o mesmo dos tubarões do comércio, esse cardume de intermediários que começa ali em Santos, no zangão, e vai numa cadeia até o torrador

americano. Mas não importa! O café dá para todos, até para a besta do produtor... – concluiu, pilheriando.

Tocamos os animais a passo, com os olhos sempre presos ao cafezal intérmino. Sem um defeito de formação, as paralelas de verdura ondeavam, acompanhando o relevo do solo, até se confundirem ao longe em massa uniforme. Verdadeira obra de arte em que, sobrepondo-se à natureza, o homem lhe impunha o ritmo da simetria.

– No entanto – continuou o major –, a batalha ainda não está ganha. Contraí dívidas; a fazenda está hipotecada a judeu-franceses. Não venham colheitas fartas e serei mais um vencido pela fatalidade das coisas. A natureza depois de subjugada é mãe; mas o credor é sempre carrasco...

A espaços, perdidas na onda verde, perobeiras sobreviventes erguiam fustes contorcidos, como galvanizadas pelo fogo numa convulsão de dor. Pobres árvores! Que destino triste, verem-se um dia arrancadas à vida em comum e insuladas na verdura rastejante do café, como rainhas prisioneiras à cola de um carro de triunfo! Órfãs da mata nativa, como não hão de chorar o conchego de outrora? Vede-as. Não têm o desgarre, o frondoso de copa das que nascem em campo aberto. Seu engalhamento, feito para a vida apertada da floresta, parece agora grotesco; sua altura desmesurada, em desproporção com a fronde, provoca o riso. São mulheres despidas em público, hirtas de vergonha, não sabendo que parte do corpo esconder. O excesso de ar as atordoa, o excesso de luz as martiriza – afeitas que estavam ao espaço confinado e à penumbra sonolenta do *habitat*.

Fazendeiros desalmados – não deixeis nunca árvores pelo cafezal... Cortai-as todas, que nada mais pungente do que forçar

uma árvore a ser grotesca.

– Aquela perobeira ali – disse o major – ficou para assinalar o ponto de partida deste talhão. Chama-se a peroba do Ludgero, um baiano valente que morreu ao pé dela estrepado numa jicara...

Tive a visão do livro aberto que seriam para o fazendeiro aquelas paragens.

– Como tudo aqui lhe há de falar à memória, major!

– É isso mesmo. Tudo me fala à recordação. Cada toco de pau, cada pedreira, cada volta de caminho tem uma história que sei, trágica às vezes, como essa da peroba, às vezes cômica – pitoresca sempre. Ali... – está vendo aquele toco de jerivá? Foi por uma tempestade de fevereiro. Eu abrigara-me num rancho coberto de sapé, e lá em silêncio esperávamos, eu e a turma, o fim do dilúvio, quando estalou um raio quase em cima das nossas cabeças.

– “Fim do mundo, patrão!” – lembro-me que disse, numa careta de pavor, o defunto Zé Coivara... E parecia!... Mas foi apenas o fim de um velho coqueiro, do qual resta hoje – *sic transit...* – esse pobre toco... Cessada a chuva, encontramos-lo desfeito em ripas.

Mais adiante abria-se a terra em boçoroca vermelha, esbarrondada em coleios até morrer no córrego. O major apontou-a, dizendo:

– Cenário do primeiro crime cometido na fazenda. Rabo de saia, já se sabe. Nas cidades e na roça, pinga e saia são o móvel de todos os crimes. Esfaquearam-se aqui dois cearenses. Um acabou no lugar; outro cumpre pena na correição. E a saia, muito contente da vida, mora com o *tertius*. A história de sempre.

E assim, de evocação em evocação, às sugestões que pelo caminho iam surgindo, chegamos à casa de moradia, onde nos esperava o almoço. Almoçamos, e não sei se por boa disposição criada pelo passeio matutino ou por mérito excepcional da

cozinheira, o almoço desse dia ficou-me na memória gravado para sempre. Não sou poeta, mas se Apolo algum dia me der na cabeça o estalo do padre Vieira, juro que antes de cantar Lauras e Natércias hei de fazer uma beleza de ode à linguiça com angu de fubá vermelho desse almoço sem par, única saudade gustativa com que descerei ao túmulo...

Em seguida, enquanto o major atendia à correspondência, saí a espairar pelo terreiro, onde me pus de conversa com o administrador. Soube por ele da hipoteca que pesava sobre a fazenda e da possibilidade de outro, não o major, vir a colher o fruto do penoso trabalho.

– Mas isso – esclareceu o homem – só no caso de muito azar – chuva de pedra ou geada, daquelas que não vêm mais.

– Que não vêm mais, por quê?

– Porque a última geada grande foi em 1895. Daí para cá as coisas endireitaram. O mundo, com a idade, muda, como a gente. As geadas, por exemplo, vão-se acabando. Antigamente ninguém plantava café onde o plantamos hoje. Era só de meio morro acima. Agora não. Viu aquele cafezal do meio? Terra bem baixa; no entanto, se bate geada ali é sempre coisinha – um tostado leve. De modo que o patrão, com uma ou duas colheitas, paga a dívida e fica o fazendeiro mais “prepotente” do município.

– Assim seja, que grandemente o merece – rematei.

Deixei-o. Dei umas voltas, fui ao pomar, estive no chiqueiro vendo brincar os leitõezinhos e depois subi. Estava um preto dando nas venezianas da casa a última demão de tinta. Por que será que as pintam sempre de verde? Incapaz por mim de solver o problema, interpelei o preto, que não se embaraçou e respondeu sorrindo:

– Pois veneziana é verde como o céu é azul. É da natureza dela...

Aceitei a teoria e entrei.

À mesa a conversa girou em torno da geadada.

– É o mês perigoso este – disse o major. – O mês da aflição. Por maior firmeza que tenha um homem, treme nesta época. A geadada é um eterno pesadelo. Felizmente a geadada não é mais o que era dantes. Já nos permite aproveitar muita terra baixa em que os antigos nem por sombras plantavam um só pé de café. Mas, apesar disso, um que facilitou, como eu, está sempre com a pulga atrás da orelha. Virá? Não virá? Deus sabe!...

Seu olhar mergulhou pela janela, numa sondagem profunda ao céu límpido.

– Hoje, por exemplo, está com jeito. Este frio fino, este ar parado...

Ficou a cismar uns momentos. Depois, espantando a nuvem, murmurou:

– Não vale a pena pensar nisto. O que tem de ser lá está gravado no livro do destino.

– Livra-te dos ares!... – objetei.

– Cristo não entendia de lavoura – replicou o fazendeiro sorrindo.

E a geadada veio! Não geadinha mansa de todas os anos, mas calamitosa, geadada cíclica, trazida em ondas do Sul.

O sol da tarde, mortiço, dera uma luz sem luminosidade e raios sem calor nenhum. Sol boreal, tiritante. E a noite caíra sem preâmbulos.

Deitei-me cedo, batendo o queixo, e na cama, apesar de enleado em dois cobertores, permaneci entanguido uma boa hora antes que ferrasse no sono. Acordou-me o sino da fazenda, pela

madrugada. Sentindo-me enregelado, com os pés a doerem, ergui-me para um exercício violento. Fui para o terreiro.

O relento estava de cortar as carnes – mas que maravilhoso espetáculo! Brancuras por toda parte. Chão, árvores, gramados e pastos eram, de ponta a ponta, um só atoalhado branco. As árvores imóveis, inteiriçadas de frio, pareciam emersas dum banho de cal. Rebrilhos de gelo pelo chão. Águas envidradas. As roupas dos varais, tesas, como endurecidas em goma forte. As palhas do terreiro, os sabugos de ao pé do cocho, a telha dos muros, o topo dos moirões, a vara das cercas, o rebordo das tábuas – tudo polvilhado de brancuras, lactescente, como chovido por um saco de farinha. Maravilhoso quadro! Invariável que é a nossa paisagem, sempre nos mansos tons do ano inteiro, encantava sobremodo vê-la de súbito mudar, vestir-se dum esplendoroso véu de noiva – noiva da morte, ai!...

Por algum tempo caminhei a esmo, arrastado pelo esplendor da cena. O maravilhoso quadro de sonho breve morreria, apagado pela esponja de ouro do sol. Já pelos topes e faces de batedeira andavam-lhe os raios na faina de restaurar a verdura. Abriam manchas no branco da geada, dilatavam-nas, entremostrando nergas do verde submerso.

Só nas baixadas, encostas noruegas ou sítios sombreados pelas árvores, é que a brancura persistia ainda, contrastando sua nítida frialdade com os tons quentes ressurretos. Vencera a vida, guiada pelo sol. Mas a intervenção do feroso Febo, apressada demais, transformara em desastre horroroso a nevada daquele ano – a maior de quantas deixaram marca nas embaubeiras de São Paulo.

A ressurreição do verde fora aparente. Estava morta a vegetação. Dias depois, por toda parte, a vestimenta do solo seria um burel imenso, com a sépia a mostrar a gama inteira dos seus

tons ressecos. Pontilha-lo-ia apenas, cá e lá, o verde-negro das laranjeiras e o esmeraldino sem-vergonha da vassourinha.

Quando regressei, sol já alto, estava a casa retransida no pavor das grandes catástrofes. Só então me acudiu que o belo espetáculo que eu até ali só encarara pelo prisma estético tinha um reverso trágico: a ruína do heroico fazendeiro. E procurei-o ansioso.

Tinha sumido. Passara a noite em claro, disse-me a mulher; de manhã, mal clareara, fora para a janela e lá permanecera imóvel, observando o céu através dos vidros. Depois saíra sem ao menos pedir o café, como de costume. Andava a examinar a lavoura, provavelmente.

Devia ser isso. Mas como tardasse a voltar – onze horas e nada –, a família entrou-se de apreensões.

Meio-dia. Uma hora, duas, três e nada.

O administrador, que a mandado da mulher saíra a procurá-lo, voltou à tarde sem notícias.

– Bati tudo e nem rasto. Estou com medo de alguma coisa... Vou espalhar gente por aí, à cata.

Dona Ana, inquieta, de mãos enclavinhas, só dizia uma coisa:

– Que será de nós, santo Deus! Quincas é capaz duma loucura...

Pus-me em campo também, em companhia do capataz. Corremos todos os caminhos, varejamos grotas em todas as direções – inutilmente.

Caiu a tarde. Caiu a noite – a noite mais lúgubre de minha vida – noite de desgraça e aflição.

Não dormi. Impossível conciliar o sono naquele ambiente de dor, sacudido de choro e soluços.

Certa hora os cães latiram no terreiro, mas silenciaram logo.

Rompeu a manhã, glacial como a da véspera. Tudo apareceu geado novamente.

Veio o sol. Repetiu-se a mutação da cena. Esvaiu-se a alvura, e o verde morto da vegetação envolveu a paisagem num sudário de desalento.

Em casa repetiu-se o corre-corre do dia anterior, o mesmo vaivém, o mesmo “quem sabe?”, as mesmas pesquisas inúteis.

À tarde, porém – três horas –, um camarada apareceu esbaforido, gritando de longe, no terreiro:

– Encontrei! Está perto da boçoroca!...

– Vivo? – perguntou o capataz.

– Vivo, sim, mas...

Dona Ana surgira à porta e, ao ouvir a boa-nova, exclamou, chorando e sorrindo:

– Bendito sejas, meu Deus!...

Minutos depois partimos todos de rumo à boçoroca e a cem passos dela avistamos um vulto às voltas com os cafeeiros requeimados. Aproximamo-nos. Era o major. Mas em que estado! Roupa em tiras, cabelos sujos de terra, olhos vítreos e desvairados. Tinha nas mãos uma lata de tinta e uma brocha – brocha do pintor que andava a olear as venezianas. Compreendi o latido dos cães à noite...

O major não se deu conta da nossa chegada. Não interrompeu o serviço: *continuou a pintar, uma a uma, do risonho verde esmeraldino das venezias, as folhas requeimadas do cafezal morto....*

Dona Ana, estarrecida, entreparou atônita. Depois, compreendendo a tragédia, rompeu em choro convulso.

Bugio Moqueado[5]

1920

– Uno!

Ugarte...

– *Dos!*

Adriano...

– *Cinco...*

Villabona...

– ...

Má colocação! Minha pule é a 32 e já de saída o azar me põe na frente Ugarte... Ugarte é furão. Na quiniela anterior foi quem me estragou o jogo. Querem ver que também me estraga nesta?

– *Mucho, Adriano!*

Qual Adriano, qual nada! Não escorou o saque, e lá está Ugarte com um ponto já feito. Entra Genua agora? Ah, é outro ponto seguro para Ugarte.. Mas quem sabe se com uma torcida...

– *Mucho, Genua!*

Raio de azar! Genua “malou” no saque. Entra agora Melchior... Este Melchior às vezes faz o diabo. Bravos! Está aguentando... Isso, rijo! Uma cortadinha agora! *Buena! Buena!* Outra agora... Oh!... Deu na lata! Incrível...

Se o leitor desconhece o jogo da pelota em cancha pública – Frontão da Boa Vista, por exemplo –, nada pescará desta gíria, que

é na qual se entendem todos os aficionados que jogam em pules ou “torcem”.

Eu jogava, e portanto falava e pensava assim. Mas como vi meu jogo perdido, desinteressei-me do que se passava na cancha e pus-me a ouvir a conversa de dois sujeitos velhuscos, sentados à minha esquerda.

“... coisa que você nem acredita”, dizia um deles. “Mas é verdade pura. Fui testemunha, vi! Vi a mártir, branca que nem morta, diante do horrendo prato...”

“Horrendo prato?” Aproximei-me dos velhos um pouco mais e pus-me de ouvidos alerta.

“Era longe a tal fazenda”, continuou o homem. “Mas lá em Mato Grosso tudo é longe. Cinco léguas é ‘ali’, com a ponta do dedo. Este troco miúdo de quilômetros que vocês usam por cá, em Mato Grosso não tem curso. É cada estirão!...”

Mas fui ver o gado. Queria arredondar uma ponta para vender em Barretos, e quem me tinha os novilhos nas condições requeridas, de idade e preço, era esse coronel Teotônio, do Tremedal.

Encontrei-o na mangueira, assistindo à domaçoão de um potro – zaino, inda me lembro... E, palavra de honra!, não me recordo de ter esbarrado nunca tipo mais impressionante. Barbudo, olhinhos de cobra muito duros e vivos, testa entiotada de rugas, ar de carrasco... Pensei comigo: dez mortes no mínimo. Porque lá é assim. Não há *soldados rasos*. Todo mundo traz *galões*... e aquele, ou muito me enganava, ou tinha divisas de general.

Lembrou-me logo o célebre Panfilo do Rio Verde, um de ‘doze galões’, que ‘resistiu’ ao tenente Galinha, e graças a esse benemérito ‘escumador de sertões’ purga a esta hora no tacho de Pedro Botelho os crimes cometidos.

Mas, importava-me lá a fera! – eu queria gado, pertencesse a Belzebu ou São Gabriel. Expus-lhe o negócio e partimos para o que ele chamava a invernada de fora.

Lá escolhi o lote que me convinha. Apartamo-lo e ficou tudo assentado.

De volta do rodeio caía a tarde e eu, almoçado às oito da manhã e sem café de permeio até aquela hora, chiava numa das boas fomes da minha vida. Assim foi que, apesar da repulsão inspirada pelo urutu humano, não lhe rejeitei o jantar oferecido.

Era um casarão sombrio, a casa da fazenda. De poucas janelas, mal iluminado, mal arejado, desagradável de aspecto, e por isso mesmo toante na perfeição com a cara e os modos do proprietário. Traste que se não parece com o dono é roubado, diz muito bem o povo. A sala de jantar semelhava uma alcova. Além de escura e abafada, recendia a um cheiro esquisito, nauseante, que nunca mais me saiu do nariz – cheiro assim de carne mofada...

Sentamo-nos à mesa, eu e ele, sem que viva alma nos surgisse a fazer companhia. E como de dentro não viesse nenhum rumor, concluí que o urutu morava sozinho – solteiro ou viúvo. Interpelá-lo? Nem por sombras. A segura e a má cara do facínora não davam azo à mínima expansão de familiaridade; e, ou fosse real ou efeito do ambiente, pareceu-me ele inda mais torvo em casa do que fora em pleno sol.

Havia na mesa feijão, arroz e lombo, além dum misterioso prato coberto em que se não buliu. Mas a fome é boa cozinheira. Apesar de engulhado pelo bafio a mofo, pus de lado o nariz, achei tudo bom e entrei a comer por dois.

Correram assim os minutos.

Em dado momento o urutu, tomando a faca, bateu no prato três pancadas imperiosas. Chama a cozinheira, calculei eu. Esperou um

bocado e, como não aparecesse ninguém, repetiu o apelo com certo frenesi. Atenderam-no desta vez. Abriu-se devagarinho uma porta e enquadrou-se nela um vulto branco de mulher.”

“Sonâmbula?”

“Tive essa impressão. Sem pinga de sangue no rosto, sem fulgor nos olhos vidrados, cadavérica, dir-se-ia vinda do túmulo naquele momento. Aproximou-se, lenta, com passos de autômato, e sentou-se de cabeça baixa.

Confesso que esfriei. A escuridão da alcova, o ar diabólico do urutu, aquela morta viva morremorrendo a meu lado, tudo se conjugava para arrepiar-me as carnes num calafrio de pavor. Em campo aberto não sou medroso – ao sol, em luta franca, onde vale a faca ou o 32. Mas escureceu? Entrou em cena o mistério? Ah! – bambeio de pernas e tremo que nem geleia! Foi assim naquele dia...

Mal se sentou a morta viva, o marido, sorrindo, empurrou para o lado dela o prato misterioso e destampou-o amavelmente. Dentro havia um petisco, preto, que não pude identificar. Ao vê-lo a mulher estremeceu, como horrorizada.

– ‘Sirva-se!’, disse o marido.

Não sei por que, mas aquele convite revelava uma tal crueza que me cortou o coração como navalha de gelo. Pressenti um horror de tragédia, dessas horrorosas tragédias familiares, vividas dentro de quatro paredes, sem que de fora ninguém nunca as suspeite. Desde aí nunca ponho os olhos em certos casarões sombrios sem que os imagine povoados de dramas horrendos. Falam-me de hienas. Conheço uma: o homem...

Como a morta viva permanecesse imóvel, o urutu repetiu o convite em voz baixa, num tom cortante de ferocidade glacial.

– ‘Sirva-se, faça o favor!’

E fisgando ele mesmo a nojenta coisa, colocou-a gentilmente no prato da mulher.

Novas tremuras agitaram a mártir. Seu rosto macilento contorceu-se em esgares e repuxos nervosos, como se o tocasse a corrente elétrica. Ergueu a cabeça, dilatou para mim as pupilas vítreas e ficou assim uns instantes, como à espera de um milagre impossível. E naqueles olhos de desvario li o mais pungente grito de socorro que jamais a aflição humana calou...

O milagre não veio – infame que fui! – e aquele lampejo de esperança, o derradeiro, talvez, que lhe brilhou nos olhos, apagou-se num lancinante cerrar de pálpebras. Os tiques nervosos diminuíram de frequência, cessaram. A cabeça descaiu-lhe de novo para o seio; e a morta viva, revivida um momento, reentrou na morte lenta do seu marasmo sonambúlico.

Enquanto isso, o urutu espiava-nos de esquelha e ria-se por dentro venenosamente...

Que jantar! Verdadeira cerimônia fúnebre transcorrida num escuro cárcere da Inquisição. Nem sei como digeri aqueles feijões!

A sala tinha três portas, uma abrindo para a cozinha, outra para a sala de espera, a terceira, para a despensa. Com os olhos já afeitos à escuridão, eu divisava melhor as coisas; enquanto aguardávamos o café, corri-os pelas paredes e pelos móveis, distraidamente. Depois, como a porta da despensa estivesse entreaberta, enfiei-os por ela adentro. Vi lá umas brancuras pelo chão – sacos de mantimento – e, pendurada a um gancho, uma coisa preta que me intrigou. Manta de carne-seca? Roupa velha? Estava eu de rugas na testa a decifrar a charada quando o urutu, percebendo-o, silvou em tom cortante:

– ‘É curioso? O inferno está cheio de curiosos, moço...’

Vexadíssimo, mas sempre em guarda, achei de bom conselho engolir o insulto e calar-me. Calei-me. Apesar disso o homem, depois de uma pausa, continuou, entre manso e irônico:

– ‘Coisas da vida, moço. Aqui a patroa pela-se por um naco de bugio moqueado, e ali dentro há um para abastecer este pratinho... Já comeu bugio moqueado, moço?’

– ‘Nunca! Seria o mesmo que comer gente...’

– ‘Pois não sabe o que perde!...’, filosofou ele, como um diabo, a piscar os olhinhos de cobra.”

Neste ponto o jogo interrompeu-me a história. Melchior estava colocado e Gaspar, com três pontos, sacava para Ugarte. Houve luta; mas um “camarote” infeliz de Gaspar deu o ponto a Ugarte. “Pintou” a pule 13, que eu não tinha. Jogo vai, jogo vem, “despintou” a 13 e deu a 23. Pela terceira vez Ugarte estragava-me o jogo. Quis insistir mas não pude. A história estava no apogeu e antes “perder de ganhar” a próxima quiniela do que perder um capítulo da tragédia. Fiquei no lugar, muito atento, a ouvir o velhote.

“Quando me vi na estrada, longe daquele antro, criei alma nova. Fiz cruz na porteira. ‘Aqui nunca, mais! Credo!’ E abri de galopada pela noite adentro.

Passaram-se anos.

Um dia, em Três Corações, tomei a serviço um preto de nome Zé Esteves. Traquejado da vida e sério, meses depois virava Esteves a minha mão direita. Para um rodeio, para curar uma bicheira, para uma comissão de confiança, não havia outro. Negro quando acerta de ser bom vale por dois brancos. Esteves valia quatro.

Mas não me bastava. O movimento crescia e ele, sozinho, não dava conta. Empenhado em descobrir um novo auxiliar que o

valesse, perguntei-lhe uma vez:

– ‘Não teria você, por acaso, algum irmão de sua força?’

– ‘Tive’ – respondeu o preto –, ‘tive o Leandro, mas o coitado não existe mais...’

– ‘De que morreu?’

– ‘De morte matada. Foi morto a rabo de tatu... e comido.’

– ‘Comido?’ – repeti com assombro.

– ‘É verdade. Comido por uma mulher.’”

A história complicava-se e eu, aparvalhado, esperei a decifração.

“– ‘Leandro’ – continuou ele – ‘era um rapaz bem-apessoado e bom para todo serviço. Trabalhava no Tremedal, numa fazenda em...’

– ‘... em Mato Grosso? Do coronel Teotônio?’

– ‘Isso! Como sabe? Ah, estive lá!... Pois dê graças de estar vivo; que entrar na casa do carrasco era fácil, mas sair? Deus me perdoe, mas aquilo foi a maior peste que o raio do diabo do barzabu do canhoto botou no mundo!...’

– ‘O urutu’... – murmurei recordando-me. – ‘Isso mesmo...’

– ‘Pois o Leandro – não sei que intrigante malvado inventou que ele... que ele, com perdão da palavra, andava com a patroa, uma senhora muito alva, que parecia uma santa. O que houve, se houve alguma coisa, Deus sabe. Para mim, tudo foi feitiçaria da Liduína, aquela mulata amiga do coronel. Mas, inocente ou não, o caso foi que o pobre Leandro acabou no tronco, lanhado a chicote. Uma novena de martírio – *lepte lepte!* E pimenta em cima... Morreu. E depois que morreu, foi moqueado.’

– ‘???’

– ‘Pois então! Moqueado, sim, como um bugio. E comido, dizem. Penduraram aquela carne na despensa e todos os dias vinha à mesa

um pedacinho para a patroa comer...”

Mudei-me de lugar. Fui assistir ao fim da quiniela a cinquenta metros de distância. Mas não pude acompanhar o jogo. Por mais que arregalasse os olhos, por mais que olhasse para a cancha, não via coisa nenhuma, e até hoje não sei se deu ou não deu a pule 13...

O jardineiro Timóteo

1920

O casarão da fazenda era ao jeito das velhas moradias coloniais: frente com varanda, uma ala e pátio interno. Neste ficava o jardim, também à moda antiga, cheio de plantas antigas, cujas flores punham no ar um saudoso perfume de antanho. Quarenta anos havia que lhe zelava dos canteiros o bom Timóteo, um preto branco por dentro. Timóteo o plantou quando a fazenda se abria e a casa inda cheirava a reboco fresco e tintas de óleo recentes, e desde aí – lá se iam quarenta anos – ninguém mais teve licença de pôr a mão em “seu jardim”.

Verdadeiro poeta, o bom Timóteo.

Não desses que fazem versos, mas dos que sentem a poesia sutil das coisas. Compusera, sem o saber, um maravilhoso poema onde cada plantinha era um verso que só ele conhecia, verso vivo, risonho ao reflorir anual da primavera, desmedrado e sofredor quando junho sibilava no ar os látegos do frio. O jardim tornara-se a memória viva da casa. Tudo nele correspondia a uma significação familiar de suave encanto, e assim foi desde o começo, ao riscarem-se os canteiros na terra virgem ainda rescendente à escavação. O canteiro principal consagrara-o Timóteo ao “Sinhô-velho”, tronco da estirpe e generoso amigo que lhe dera carta de alforria muito antes da Lei Áurea. Nasceu faceiro e bonito, cercado de tijolos novos vindos do forno para ali inda quentes, e embutidos no chão como

rude cingulo de coral; hoje, semidesfeitos pela usura do tempo e tão tenros que a unha os penetra, esses tijolos esverdecem nos musgos da velhice.

– Veludo de muro velho – é como chama Timóteo a essa muscínea invasora, filha da sombra e da humidade. E é bem isso, porque o musgo foge sempre aos muros secos, vidrentos, esfogueados de sol, para estender devagarinho o seu veludo prenunciador de tapera sobre os muros alquebrados, de emboço já carcomido e todo aberto em fendas.

Bem no centro erguia-se um nodoso pé de jasmim-do-cabo, de galhos negros e copa dominante, ao qual o zeloso guardião nunca permitiu que outra planta sobre-excedesse em altura. Simbolizava o homem que o havia comprado por dois contos de réis, dum importador de escravos de Angola.

– Tenha paciência, minha negra! – conversava ele com as roseiras de setembro, teimosas em espichar para o céu brotos audazes. – Tenha paciência, que aqui ninguém olha de cima para o Sinhô-velho.

E sua tesoura afiada punha abaixo, sem dó, todos os rebentos temerários.

Cercando o jasmineiro havia uma coroa de periquitos, e outra menor de cravinas. Mais nada.

– Ele era homem simples, pouco amigo de complicações. Que fique ali sozinho com o periquito e as irmãs do cravo.

Dos outros canteiros, dois eram em forma de coração.

– Este é o de Sinhazinha; e como ela um dia há de casar, fica a par dele o canteiro do Sinhô-moço.

O canteiro de Sinhazinha era de todos o mais alegre, dando bem a imagem de um coração de mulher rico de todas as flores do sentimento. Sempre risonho, tinha a propriedade de prender os

olhos de quantos penetravam no jardim. Tal qual a moça, que desde menina se habituara a monopolizar os carinhos da família e a dedicação dos escravos, chegando esta a ponto de ao sobrevir a Lei Áurea nenhum ter ânimo de afastar-se da fazenda. Emancipação? Loucura! Quem, uma vez cativo de Sinhazinha, podia jamais romper as algemas da doce escravidão?

Assim ela na família, assim o seu canteiro entre os demais. Livro aberto, símbolo vivo, crônica vegetal, dizia pela boca das flores toda a sua vidinha de moça. O pé de flor-de-noiva, primeira “planta séria” ali brotada, marcou o dia em que foi pedida em casamento. Até então só vicejavam nele flores alegres de criança: – esporinhas, bocas-de-leão, “borboletas”, ou flores amáveis da adolescência – amores-perfeitos, damas-entre-verdes, beijos-de-frade, escovinhas, miosótis.

Quando lhe nasceu, entre dores, o primeiro filho, plantou Timóteo os primeiros tufos de violeta.

– Começa a sofrer...

E no dia em que lhe morreu esse malgrado botãozinho de carne rósea, o jardineiro, em lágrimas, fincou na terra os primeiros goivos e as primeiras saudades. E fez ainda outras substituições: as alegres damas-entre-verdes cederam o lugar aos suspiros-roxos, e a sempre-viva foi para o canto onde viçavam as ridentes bocas-de-leão.

Já o canteiro de Sinhô-moço revelava intenções simbólicas de energia. Cravos vermelhos em quantidade, roseiras fortes, ouriçadas de espinhos; palmas-de-santa-rita, de folhas laminadas; junquinhos nervosos.

E tudo mais assim.

Timóteo compunha os anais vivos da família, anotando nos canteiros, um por um, todos os fatos de alguma significação. Depois,

exagerando, fez do jardim um canhenho de notas, o verdadeiro diário da fazenda. Registrava tudo. Incidentes corriqueiros, pequenas rugas de cozinha, um lembrete azedo dos patrões, um namoro de mucama, um hóspede, uma geada mais forte, um cavalo de estimação que morria – tudo memorava ele, com hieróglifos vegetais, em seu jardim maravilhoso.

A hospedagem de certa família do Rio – pai, mãe e três sapequíssimas filhas – lá ficou assinalada por cinco pés de ora-pro-nóbis. E a venda do pampa calçudo, o melhor cavalo das redondezas, teve a mudança de dono marcada pela poda dum galho do jasmineiro.

Além desta comemoração anedótica, o jardim consagrava uma planta a cada subalterno ou animal doméstico. Havia a roseira-chá da mucama de Sinhazinha; o sangue-de-adão do Tibúrcio cocheiro; a rosa-maxixe da mulatinha Cesária, sirigaita enredeira, de cara fuxicada como essa flor. O Vinagre, o Meteoro, a Manjerona, a Teteia, todos os cães que na fazenda nasceram e morreram, ali estavam lembrados pelo seu pezinho de flor, um resedá, um tufo de violetas, uma touça de perpétuas. O cão mais inteligente da casa, Otelo, morto hidrófobo, teve as honras duma sempre-viva rajada.

– Quem há de esquecer um bicho daqueles, que até parecia gente?

Também os gatos tinham memória. Lá estava a cinerária da gata branca morta nos dentes do Vinagre, e o pé de alecrim relembutivo do velho gato Romão.

Ninguém, a não ser Timóteo, colhia flores naquele jardim. Sinhazinha o tolerava desde o dia em que ele explicou:

– Não *sabem*, Sinhazinha! Vão lá e atrapalham tudo. Ninguém *sabe* apanhar flor...

Era verdade. Só Timóteo sabia escolhê-las com intenção e sempre de acordo com o destino. Se as queriam para florir a mesa em dia de anos da moça, Timóteo combinava os buquês como estrofes vivas. Colhia-as resmungando:

– Perpétua? Não. Você não vai pra mesa hoje. É festa alegre. Nem você, dona violetinha!... Rosa-maxixe? Ah! Ah! Tinha graça a Cesária em festa de branco!...

E sua tesoura ia cortando os caules com ciência de mestre. Às vezes parava, a filosofar:

– Ninguém se lembra hoje do anjinho... Pra que, então, goivo nos vasos? Quietos aqui o senhor goivo, que não é flor de vida, é flor de cemitério...

E sua linguagem de flores? Suas ironias, nunca percebidas de ninguém? Seus louvores, de ninguém suspeitados? Quantas vezes não depôs na mesa, sobre um prato, um aviso a um hóspede, um lembrete à patroa, uma censura ao senhor, composto sob forma dum ramallete? Ignorantes da língua do jardim, riam-se eles da maluquice do Timóteo, incapazes de lhe alcançar o fino das intenções.

Timóteo era feliz. Raras criaturas realizam na vida mais formoso delírio de poeta. Sem família, criara uma família de flores; pobre, vivia ao pé de um tesouro.

Era feliz, sim. Trabalhava por amor, conversando com a terra e as plantas – embora a copa e a cozinha implicassem com aquilo.

– Que tanto resmunga o Timóteo! Fica ali mamparreando horas, a cochichar, a rir, como se estivesse no meio duma criançada...

É que na sua imaginação as flores se transfiguravam em seres vivos. Tinham cara, olhos, ouvidos... O jasmim-do-cabo, pois não é que lhe dava a bênção todas as manhãs? Mal Timóteo aparecia,

murmurando “A bênção, Sinhô”, e já o velho, encarnado na planta, respondia com voz alegre: “Deus te abençoe, Timóteo”.

Contar isso aos outros? Nunca! “Está louco”, haviam de dizer. Mas bem que as plantinhas falavam...

– E como não hão de falar, se tudo é criatura de Deus, homessa!...

Também dialogava com elas.

– Contentinha, hein? Boa chuva a de ontem, não?

– ...

– Sim, lá isso é verdade. As chuvas miúdas são mais criadeiras, mas você bem sabe que não é tempo. E o grilo? Voltou? Voltou, sim, o ladrão... E aqui roeu mais esta folhinha... Mas deixe estar que eu curo ele!

E punha-se a procurar o grilo. Achava-o.

– Seu malfeitor!... Quero ver se continua agora a judiar das minhas flores.

Matava-o, enterrava-o. “Vira esterco, diabinho!”

Pelo tempo da seca era um regalo ver Timóteo a chuviscar amorosamente sobre as flores com o seu velho regador.

– O sol seca a terra? Bobice!... Como se o Timóteo não estivesse aqui de chovedor na mão.

– Chega também, ué! Então quer sozinho um regador inteiro? Boa moda! Não vê que as esporinhas estão com a língua de fora?

– E esta boca-de-leão, ah! ah!, está mesmo com uma boca de cachorro que correu veado! Tome lá, beba, beba!

– E você também, seu resedá, tome lá seu banho, pra depois namorar aquela dona hortênsia, moça bonita do “zoio” azul...

E lá ia...

Plantas novas que abrolhavam o primeiro botão punham alvoroço de noivo no peito do poeta, que falava do acontecimento na copa, provocando as risadinhas impertinentes da Cesária.

– Diabo do negro velho, cada vez caducando mais! Conversa com flor como se flor fosse gente.

Só a moça, com o seu fino instinto de mulher, lhe compreendia as delicadezas do coração.

– Está aqui, Sinhá, a primeira rainha-margarida deste ano!

Ela fingia-se extasiada e punha a flor no corpete.

– Que beleza!

E Timóteo ria-se, feliz, feliz...

Certa vez falou-se na reforma do jardim.

– Precisamos mudar isto – lembrou o moço, de volta dum passeio a São Paulo. – Há tantas flores modernas, lindas, enormes, e nós toda a vida com estas cinerárias, estas esporinhas, estas flores caipiras... Vi lá crisandálias magníficas, crisântemos deste tamanho e uma rosa nova, branca, tão grande que até parece flor artificial.

Quando soube da conversa, Timóteo sentiu gelo no coração. Foi agarrar-se com a moça. Ele também conhecia essas flores de fora, vira crisântemos em casa do coronel Barroso, e as tais dalias mestiças no peito duma faceira, no leilão do Espírito Santo.

– Mas aquilo nem é flor, Sinhá! Coisas da estranja que o Canhoto inventa para perder as criaturas de Deus. Eles lá que plantem. Nós aqui devemos zelar das plantas de família. Aquela dália rajada, está vendo? É singela, não tem o crespo das dobradas; mas quem troca

uma menina de sainha de chita cor-de-rosa por uma semostradeira da cidade, de muita seda no corpo mas sem fé no coração? De manhã “fica assim” de abelhas e cuitelos em roda dela!... E eles sabem, eles não ignoram quem merece. Se as das cidades fossem de mais estimação, por que é que esses bichinhos de Deus ficam aqui e não vão pra lá? Não, Sinhá! É preciso tirar essa ideia da cabeça de Sinhô-moço. Ele é criança ainda, não sabe a vida. É preciso respeitar as coisas de dantes...

E o jardim ficou.

Mas um dia... Ah! Bem sentira-se Timóteo tomado de aversão pela família dos ora-pro-nóbis! Pressentimento puro... O ora-pro-nóbis pai voltou e esteve ali uma semana em conciliábulo com o moço. Ao fim desse tempo, explodiu como bomba a grande notícia: estava negociada a fazenda, devendo a escritura passar-se dentro de poucos dias.

Timóteo recebeu a nova como quem recebe uma sentença de morte. Na sua idade, tal mudança lhe equivalia a um fim de tudo. Correu a agarrar-se à moça, mas desta vez nada puderam contra as armas do dinheiro os seus pobres argumentos de poeta.

Vendeu-se a fazenda. E certa manhã viu Timóteo arrumarem-se no trole os antigos patrões, as mucamas, tudo o que constituía a alma do velho patrimônio.

– Adeus, Timóteo! – disseram alegremente os senhores-moços, acomodando-se no veículo.

– Adeus! Adeus!...

E lá partiu o trole, a galope... Dobrou a curva da estrada... Sumiu-se para sempre...

Pela primeira vez na vida Timóteo esqueceu de regar o jardim. Quedou-se plantado a um canto, a esmoer o dia inteiro o mesmo pensamento doloroso:

– Branco não tem coração...

Os novos proprietários eram gente da moda, amigos do luxo e das novidades. Entraram na casa com franzimentos de nariz para tudo.

– Velharias, velharias...

E tudo reformaram. Em vez da austera mobília de cabiú-na, adotaram móveis pechisbeques, com veludinhos e frisos. Determinaram o empapelamento das salas, a abertura de um *hall*, mil coisas esquisitas... Diante do jardim, abriram-se em gargalhadas.

– É incrível! Um jardim destes, cheirando a Tomé de Sousa, em pleno século das crisandálias!

E correram-no todo, a rir, como perfeitos malucos.

– Olha, Yvette, esporinhas! É inconcebível que inda haja esporinhas no mundo!

– E periquito, Odete! Pe-ri-qui-to!... – disse uma das moças, torcendo-se em gargalhadas.

Timóteo ouvia aquilo com mil mortes na alma. Não restava dúvida, era o fim de tudo, como pressentira: aqueles bugres da cidade arrasariam a casa, o jardim e o mais que lembrasse o tempo antigo. Queriam só o moderno.

E o jardim foi condenado. Mandariam vir o Ambrogi para traçar um plano novo de acordo com a arte moderníssima dos jardins ingleses. Reformariam as flores todas, plantando as últimas criações da floricultura alemã. Ficou decidido assim.

– E para não perder tempo, enquanto o Ambrogi não chega ponho aquele macaco a me arrasar isto – disse o homem apontando para Timóteo.

– Ó tição, vem cá!

Timóteo aproximou-se, com ar apatetado.

– Olha, ficas encarregado de limpar este mato e deixar a terra nuazinha. Quero fazer aqui um lindo jardim. Arrasa-me isto bem arrasadinho, entendes?

Timóteo, trêmulo, mal pôde engolar uma palavra:

– Eu?...

– Sim, tu! Por que não?

O velho jardineiro, atarantado e fora de si, repetiu a pergunta:

– Eu? Eu, arrasar o jardim?

O fazendeiro encarou-o, espantado da sua audácia, sem nada compreender daquela resistência.

– Eu? Pois me acha com cara de criminoso?

E não podendo mais conter-se explodiu num assomo estupendo de cólera – o primeiro e o único de sua vida.

– Eu vou mas é embora daqui, morrer lá na porteira como um cachorro fiel. Mas olhe, moço, que hei de rogar tanta praga que isto há de virar uma tapera de lacraias! A geada há de torrar o café. A peste há de levar até as vacas de leite! Não há de ficar aqui nem uma galinha, nem um pé de vassoura! E a família amaldiçoada, coberta de lepra, há de comer na gamela com os cachorros lazarentos!... Deixa estar, gente amaldiçoada! Não se assassina assim uma coisa que dinheiro nenhum paga. Não se mata assim um pobre negro velho que tem dentro do peito uma coisa que lá na cidade ninguém sabe o que é. Deixa estar, branco de má casta! Deixa estar, caninana! Deixa estar!...

E fazendo com a mão espalmada o gesto fatídico, saiu às arreguas, repetindo cem vezes a mesma ameaça:

– Deixa estar! Deixa estar!...

E longe, na porteira, ainda espalmava a mão para a fazenda, num gesto mudo:

– Deixa estar!...

Anoitecia. Os curiangos andavam a espacejar silenciosos voos de sombra pelas estradas desertas. O céu era todo um recamo fulgurante de estrelas. Os sapos coaxavam nos brejos e vaga-lumes silenciosos piscavam piques de luz no sombrio das capoeiras.

Tudo adormecera na terra, em breve pausa de vida para o ressurgir do dia seguinte.

Só não ressurgirá Timóteo. Lá agoniza ao pé da porteira. Lá morre. E lá o encontrará a manhã enrijecido pelo relento, de borco na grama orvalhada, com a mão estendida para a fazenda num derradeiro gesto de ameaça:

– Deixa estar!...

O fisco (*Conto de Natal*) [6]

1918

Prólogo

No princípio era o pântano, com valas de agrião e rãs coaxantes. Hoje é o parque do Anhangabaú, todo ele relvado, com ruas de asfalto, pérgola grata a namoriscos noturnos, a Eva de Brecheret, a estátua dum adolescente nu que corre – e mais coisas. Autos voam pela via central, e cruzam-se pedestres em todas as direções. Lindo parque, civilizadíssimo.

Atravessando-o certa tarde, vi formar-se ali um bolo de gente, rumo ao qual vinha vindo um polícia apressado.

Fagocitose, pensei. A rua é a artéria; os passantes, o sangue. O desordeiro, o bêbado, o gatuno são os micróbios maléficos, perturbadores do ritmo circulatório. O soldado de polícia é o glóbulo branco – o *fagócito* de Metchenikoff. Está de ordinário parado no seu posto, circunvagando olhares atentos. Mal se congestiona o tráfego pela ação antissocial do desordeiro, o fagócito move-se, caminha, corre, cai a fundo sobre o mau elemento e arrasta-o para o xadrez.

Foi assim naquele dia.

Dia sujo, azedo. Céu dúbio, de decalcomania vista pelo avesso. Ar arrepiado.

Alguém perturbara a paz do jardim, e em redor desse rebelde logo se juntou um grupo de glóbulos vermelhos, vulgo passantes. E

lá vinha agora o fagócito fardado restabelecer a harmonia universal.

O caso girava em torno de uma criança maltrapilha, que tinha a tiracolo uma caixa tosca de engraxate, visivelmente feita pelas suas próprias mãos. Muito sarapantado, com lágrimas a brilharem nos olhos cheios de pavor, o pequeno murmurava coisas de ninguém atendidas. Sustinha-o pela gola um fiscal da Câmara.

– Então, seu cachorrinho, sem licença, hein? – exclamava entre colérico e vitorioso o mastim municipal, focinho muito nosso conhecido. É um que não é um mas sim legião, e sabe ser tigre ou cordeiro conforme o naipe do contraventor.

A miserável criança evidentemente não entendia, não sabia que coisa era aquela de licença, tão importante, reclamada assim a empuxões brutais. Foi quando entrou em cena o polícia.

Este glóbulo branco era preto. Tinha beijo de sobejar e nariz invasor de meia cara, aberto em duas ventas acesas, lembrativas das cavernas de Trofônio. Aproximou-se e rompeu o magote com um napoleônico “– Espalha!”

Humildes alas se abriram àquele Sésamo, e a Autoridade, avançando, interpelou o Fisco:

– Que encrenca é esta, chefe?

– Pois este cachorrinho não é que está exercendo ilegalmente a profissão de engraxate? Encontrei-o banzando por aqui com estes troços, a fisgar com os olhos os pés dos transeuntes e a dizer “Engraxa, freguês”. Eu vi a coisa de longe. Vim pé ante pé, disfarçando e, de repente, *nhoc!* “Mostre a licença”, gritei. “Que licença?”, perguntou ele com arzinho de inocência. “Ah, você diz que licença, cachorro? Está me debochando, ladrão? Espera que te ensino o que é licença, trapo!” E agarrei-o. Não quer pagar a multa. Vou levá-lo ao depósito, autuar a infração para proceder de acordo

com as posturas –concluiu com soberbo entono o cariado canino da Maxila Fiscal.

O solene Mata-Piolho da Manopla Policial concordou.

– É isso mesmo. Casca-lhes!

E chiando por entre os dentes uma cusparada de esguicho, deu a sua sacudidela suplementar no menino. Depois voltou-se para os basbaques e ordenou com império de soba africano:

– Circula, paisanada! É “purivido” ajuntamentos de mais de um.

Os glóbulos vermelhos dispersaram-se em silêncio. O buldogue lá seguiu com o pequeno nas unhas. E o Pau de Fumo, em atitude de Bonaparte em face das pirâmides, ficou, de dedo no nariz e boca entreaberta, a gozar a prontidão com que, num ápice, sua energia resolvera o tumor maligno formado na artéria sob a sua fiscalização.

O Brás

Também lá, no princípio, era o charco – terra negra, fofa, turfa tressuante, sem outra vegetação além dessas plantinhas miseráveis que sugam o lodo como minhocas. Aquém da várzea, na terra firme e alta, São Paulo crescia. Erguiam-se casas nos cabeços, e esgueiravam-se ladeiras encostas abaixo: a Boa Morte, o Carmo, o Piques; e ruas, Imperador, Direita, São Bento. Poetas cantavam-lhe as graças nascentes:

Ó Liberdade, ó Ponte Grande, ó Glória...

Deram-lhe um dia o Viaduto do Chá, esse arrojo... Os paulistanos pagavam 60 réis para, ao atravessá-lo, conhecerem a vertigem dos abismos. E em casa narravam a aventura às esposas e mães, pálidas de espanto. Que arrojo de homem, o Jules Martin, que construíra aquilo!

Enquanto São Paulo crescia o Brás coaxava. Enluravam-se naquele brejal legiões de sapos e rãs. À noite, do escuro da terra um coral subia de coaxos, *pan-pans* de ferreiro, latidos de mimbuias, *glu-glus* de untanhas; e por cima, no escuro do ar, vaga-lumes ziguezagueantes riscavam fósforos às tontas.

E assim foi até o dia da avalanche italiana.

Quando lá no Oeste a terra roxa se revelou mina de ouro das que pagam duzentos por um, a Itália vazou para cá a espuma da sua transbordante taça de vida. E São Paulo, não bastando ao abrigo da nova gente, assistiu, atônito, ao surto do Brás.

Drenos sangraram em todos os rumos o brejal turfoso; a água escorreu; os espavoridos sapos sumiram-se aos pulos para as baixadas do Tietê; rã comestível não ficou uma para memória da raça; e, breve, em substituição aos guembês, ressurtiu a

cogumelagem de centenas e centenas de casinhas típicas – porta, duas janelas e platibanda.

Numerosas ruas, alinhadas na terra cor de ardósia que já o sol ressequira e o vento erguia em nuvens de pó negro, margearam-se com febril rapidez desses prediozinhos térreos, iguais uns aos outros, como saídos do mesmo molde, pífios, mas únicos possíveis então. Casotas provisórias, desbravadoras da lama e vencedoras do pó à força de preço módico.

E o Brás cresceu, espalhou-se de todos os lados, comeu todo o barro preto da Mooca, bateu estacas no Marco da Meia Léguas, lançou-se rumo à Penha, pôs de pé igrejas, macadamizou ruas, inçou-se de fábricas, viu surgirem avenidas e vida própria, e cinemas, e o Colombo, e o namoro, e o curso pelo Carnaval. E lá está hoje enorme, feito a cidade do Brás, separado de São Paulo pelo faixao vermelho da Várzea aterrada – Pest da Buda à beira do Tamanduateí plantada.

São duas cidades vizinhas, distintas de costumes e de almas já bem diversas. Ir ao Brás é uma viagem. O Brás não é ali, como o Ipiranga; é lá do outro lado, embora mais perto que o Ipiranga. Diz-se vou ao Brás como quem diz vou à Itália. Uma Itália agregada como um bório recente e autônomo a uma *urbs* antiga, filha do país; uma Itália função da terra negra, italiana por sete décimos e *algo nuevo* pelos restantes.

O Brás trabalha de dia e à noite gesta. Aos domingos fandanga ao som do bandolim. Nos dias de festa nacional (destes tem predileção pelo 21 de Abril: vagamente o Brás desconfia que o barbeiro da Inconfidência, porque barbeiro, havia de ser um patrício), nos dias feriados o Brás vem a São Paulo. Entope os bondes no travessio da Várzea e cá ensardinha-se nos autos: o pai,

a mãe, a sogra, o genro e a filha casada no banco de trás; o tio, a cunhada, o sobrinho e o Pepino escoteiro no da frente; filhos miúdos por entremeio; filhos mais taludos ao lado do motorista; filhos engatinhantes debaixo dos bancos; filhos em estado fetal no ventre bojudado das matronas. Vergado de molas, o carro geme sob a carga e arrasta-se a meia velocidade, exibindo a Pauliceia aos olhos arregalados daquele exuberante cacho humano.

Finda a corrida, o auto debulha-se do enxame no Triângulo e o bando toma de assalto as confeitarias para um regabofe de *spumones*, gasosas, croquetes. E tão a sério toma a tarefa que ali pelas nove horas não restam iscas de empada nos armários térmicos, nem vestígios de sorvete no fundo das geladeiras. O Brás devora tudo, ruidosa, alegremente, e com massagens ajeitadoras do abdômen sai impando bem-aventurança estomacal. Carozos de azeitonas, palitos de camarões, guardanapos de papel, pratos de papelão seguem nas munhecas da petizada como lembrança da festa e consolo ao bersalherzinho que lá ficou de castigo em casa, berrando com goela de Caruso.

Em seguida, toca para o cinema! O Brás abarrota os de sessão corrida. O Brás chora nos lances lacrimogêneos da Bertini e ri nas comédias a gás hilariante da L-Ko mais do que autorizam os 1.100 da entrada. E repete a sessão, piscando o olho: é o jeito de dobrar a festa em extensão e obtê-la a meio preço – 550 réis, uma pechincha.

As mulheres do Brás, ricas de ovário, são vigorosíssimas de útero. Desovam quase filho e meio por ano, sem interrupção, até que se acabe a corda ou rebente alguma peça essencial da gestatória.

É de vê-las na rua. Bojudas de seis meses, trazem um Pepininho à mão e um choramingas à mama. À tarde o Brás inteiro chia de

criança a chutar bolas de pano, a jogar pião, ou a piorra, ou o tento de telha, ou o tabefe, com palavreados mistos de português e dialetos de Itália. Mulheres escarranchadas às portas, com as mãos ocupadas em manobras de agulha de osso, espigaitam para os maridos os sucessos do dia, que eles ouvem filosoficamente, cachimbando calados ou cofiando a bigodeira à Humberto Primo.

De manhã esfervilha o Brás de gente estremunhada a caminho das fábricas. A mesma gente reflui à tarde aos magotes – homens e mulheres de cesta no braço, ou garrafas de café vazias penduradas do dedo; meninas, rapazes, raparigotas de pouco seio, galantes, tagarelas, com o namoro rente.

Desce a noite, e nos desvãos de rua, nos becos, nas sombras, o amor lateja. Ciciam vozes cautelosas das janelas para os passeios; pares em conversa disfarçada nos portões emudecem quando passa alguém ou tosse lá dentro o pai.

Durante o escuro das fitas, nos cinemas, há contatos, longos, febricitantes; e quando nos intervalos irrompe a luz, não sabem os namorados o que se passou na tela – mas estão de olhos languês, em quebreira de amor.

É o latejar da messe futura. Todo aquele eretismo por música, com cícios de pensamentos de cartão-postal, estará morto no ano seguinte – legalizado pela igreja e pelo juiz, transfeita a sua poesia em choro de criança e nas trabalheiras sem-fim da casa humilde.

Tal menina rosada, leve de andar, toda requebros e dengues, que passa na rua vestida com graça e atrai os olhares gulosos dos homens, não a reconheceréis dois anos depois na lambona filhenta que deblatera com o verdureiro a propósito do feixe de cenouras em que há uma menor que as outras.

Filho da lama negra, o Brás é como ela um sedimento de aluvião. É São Paulo, mas não é a Pauliceia. Ligados pela expansão

urbana, separa-os uma barreira. O velho caso do fidalgo e do peão enriquecido.

Pedrinho, sem ser consultado, nasce

Viram-se, ele e ela. Namoraram-se. Casaram.

Casados, proliferaram.

Eram dois. O amor transformou-os em três. Depois em quatro, em cinco, em seis...

Chamava-se Pedrinho o filho mais velho.

A vida

De pé na porta a mãe espera o menino que foi à padaria. Entra o pequeno com as mãos abanando.

– Diz que subiu; custa agora 800.

A mulher, com uma criança ao peito, franze a testa desconsolada.

– Meu Deus! Onde iremos parar? Ontem era a lenha; hoje é o pão... Tudo sobe. Roupa, pela hora da morte. José ganhando sempre a mesma coisa. Que será de nós, Deus do céu!

E voltando-se para o filho:

– Vá a outra padaria, quem sabe se lá... Se for a mesma coisa, traga só um pedaço.

Pedrinho sai. Nove anos. Franzino, doentio, sempre mal alimentado e vestido com os restos das roupas do pai.

Trabalha este num moinho de trigo, ganhando jornal insuficiente para a manutenção da família. Se não fosse a bravura da mulher, que lavava para fora, não se sabe como poderiam subsistir. Todas as tentativas feitas com o intuito de melhorarem a vida com indústrias caseiras esbarraram no óbice tremendo do Fisco. A fera condenava-os à fome. Assim escravizados, José perdeu aos poucos a coragem, o gosto de viver, a alegria. Vegetava, recorrendo ao álcool para alívio de uma situação sem remédio.

Bendito sejas, amável veneno, refúgio derradeiro do miserável, gole inebriante de morte que faz esquecer a vida e lhe resume o curso! Bendito sejas!

Apesar de moça, 27 apenas, Mariana aparentava o dobro. A labuta permanente, os partos sucessivos, a chiadeira da filharada, a canseira sem-fim, o serviço emendado com o serviço, sem folga outra além da que o sono força, fizeram da bonita moça que fora a escanzelada besta de carga que era.

Seus dez anos de casada... Que eternidade de canseiras!...

Rumor à porta. Entra o marido. A mulher, ninando a pequena de peito, recebe-o com a má nova.

– O pão subiu, sabe?

Sem murmurar palavra o homem senta-se, apoiando nas mãos a cabeça. Está cansado.

A mulher prossegue:

– Oitocentos réis o quilo agora. Ontem foi a lenha; hoje é o pão... E lá? Sempre aumentaram o jornal?

O marido esboçou um gesto de desalento e permaneceu mudo, com o olhar vago. A vida era um jogo de engrenagens de aço entre cujos dentes se sentia esmagar. Inútil resistir. Destino, sorte.

Na cama, à noite, confabulavam. A mesma conversa de sempre. José acabava grunhindo rugidos surdos de revolta. Falava em revolução, saque. A esposa consolava-o, de esperança posta nos filhos.

– Pedrinho tem 9 anos. Logo estará em ponto de ajudar-nos. Um pouco mais de paciência e a vida melhora.

Aconteceu que nessa noite Pedrinho ouviu a conversa e a referência à sua futura ação. Entrou a sonhar. Que fariam dele? Na fábrica, como o pai? Se lhe dessem a escolher, iria a engraxador. Tinha um tio no ofício, e em casa do tio era menor a miséria. Pingavam níqueis.

Sonho vai, sonho vem, brota na cabeça do menino uma ideia, que cresceu, tomou vulto extraordinário e fê-lo perder o sono. Começar já, amanhã, por que não? Faria ele mesmo a caixa; escovas e graxa, com o tio arranjaría. Tudo às ocultas, para surpresa dos pais! Iria postar-se num ponto por onde passasse muita gente. Diria como os outros: “Engraxa, freguês!”, e níqueis haviam de

juntar-se no seu bolso. Voltaria para casa recheado, bem tarde, com ar de quem as fez... E mal a mãe começasse a ralhar, ele lhe taparia a boca despejando na mesa o monte de dinheiro. O espanto dela, a cara admirada do pai, o regalo da criançada com a perspectiva da razão em dobro! E a mãe a apontá-lo aos vizinhos: "Estão vendo que coisa? Ganhou, só ontem, primeiro dia, 2 mil-réis!". E a notícia a correr... E murmúrios na rua quando o vissem passar: "É aquele!".

Pedrinho não dormiu essa noite. De manhãzinha já estava a dispor a madeira dum caixote velho sob forma de caixa de engraxate ao molde clássico. Lá a fez. Os pregos, bateu com o salto de uma velha botina. As tábuas, serrou pacientemente com um facão dentado. Saiu coisa tosca e mal-ajambrada, de fazer rir a qualquer carapina e pequena demais – sobre ela só caberia um pé de criança igual ao seu. Mas Pedrinho não notou nada disso, e nunca trabalho nenhum de carpintaria lhe pareceu mais perfeito.

Conclusa a caixa, pô-la a tiracolo e esgueirou-se para a rua, às escondidas. Foi à casa do tio e lá obteve duas velhas escovas fora de uso, já sem pelos, mas que à sua exaltada imaginação se afiguraram ótimas. Graxa, conseguiu alguma raspando o fundo de quanta lata velha encontrou no quintal.

Aquele momento marcou em sua vida um apogeu de felicidade vitoriosa. Era como um sonho – e sonhando saiu para a rua. Em caminho viu o dinheiro crescer-lhe nas mãos, aos montes. Dava à família parte, e o resto encafuava. Quando enchesse o canto da arca onde tinha suas roupas, montaria um "corredor", pondo a jornal outros colegas. Aumentaria as rendas! Enriqueceria! Compraria bicicletas, automóvel, doces todas as tardes na confeitaria, livros de figura, uma casa, um palácio, outro palácio para os pais. Depois...

Chegou ao parque. Tão bonito aquilo – a relva tão verde, tosadinha... Havia de ser bom o ponto. Parou perto de um banco de pedra e, sempre sonhando as futuras grandezas, pôs-se a murmurar para cada passante, fisgando-lhe os pés: “Engraxa, freguês!”

Os fregueses passavam sem lhe dar atenção. “É assim mesmo”, refletia consigo o menino; “no começo custa. Depois se afreguesam.”

Súbito, viu um homem de boné caminhando para o seu lado. Olhou-lhe para as botinas. Sujas. Viria engraxar, com certeza – e o coração bateu-lhe apressado, no tumulto delicioso da estreia. Encarou o homem já a cinco passos e sorriu com infinita ternura nos olhos, num agradecimento antecipado em que havia tesouros de gratidão.

Mas em vez de lhe espichar o pé, o homem rosou aquela terrível interpelação inicial:

– Então, cachorrinho, que é da licença?

Epílogo? Não! Primeiro ato...

Horas depois o fiscal aparecia em casa de Pedrinho com o pequeno pelo braço. Bateu. O pai estava, mas quem abriu foi a mãe. O homem nesses momentos não aparecia, para evitar explosões. Ficou a ouvir do quarto o bate-boca.

O fiscal exigia o pagamento da multa. A mulher debateu-se, arrepelou-se. Por fim, rompeu em choro.

– Não venha com lamúrias – rosnou o buldogue –; conheço o truque dessa aguinha nos olhos. Não me embaça, não. Ou bate aqui os 20 mil-réis, ou penhora toda esta cacaria. Exercer ilegalmente a profissão! Ora dá-se! E olhe cá, madama, considere-se feliz de serem só 20. Eu é de dó de vocês, uns miseráveis; senão, aplicava o máximo. Mas se resiste dobro a dose!

A mulher limpou as lágrimas. Seus olhos endureceram, com uma chispa má de ódio represado a faiscar. O Fisco, percebendo-o, motejou:

– Isso. É assim que as quero – tésinhas, ah, ah.

Mariana nada mais disse. Foi à arca, reuniu o dinheiro existente – 18 mil-réis ratinhados havia meses, aos vinténs, para o caso dalguma doença, e entregou-os ao Fisco.

– É o que há – murmurou com tremura na voz.

O homem pegou o dinheiro e gostosamente o afundou no bolso, dizendo:

– Sou generoso, perdoo o resto. Adeuzinho, amor!

E foi à venda próxima beber 18 mil-réis de cerveja.

Enquanto isso, no fundo do quintal, o pai batia furiosamente no menino.

Os negros

1922

I

Viajávamos certa vez pelas regiões estéreis por onde há um século, puxado pelo Negro, o carro triunfal de Sua Majestade o Café passou, quando grossas nuvens reunidas no céu entraram a desmanchar-se.

Sinal certo de chuva.

Para confirmá-lo, um vento brusco, raspante, veio quebrar o mormaço, vascolejando a terra como a preveni-la do iminente banho meteórico. Remoinhos de poeira sorviam folhas secas e gravetos, que lá torvelinhavam em espirais pelas alturas.

Sofreando o animal, parei, a examinar o céu.

– Não há dúvida – disse ao meu companheiro –, têmo-la e boa! O remédio é acoutar-nos quanto antes nalgum socavão, que água vem aí de rachar.

Circunvaguei o olhar em torno. Morraria áspera a perder-se de vista, sem uma casota de palha a acenar-nos com um “Vem cá”.

– E agora? – exclamou desnortado o Jonas, marinheiro de primeira viagem que tudo fiava da minha experiência.

– Agora é galopar. Atrás deste espigão fica uma fazenda em ruínas, de má nota, mas único oásis possível nesta emergência. Casa do Inferno, chama-lhe o povo.

– Pois toca para o inferno, já que o céu nos ameaça – retorquiu Jonas, dando de esporas e seguindo-me por um atalho.

– Tens coragem? – gritei-lhe. – Olha que é casa mal-assombrada!...

– Bem-vinda seja. Anos há que procuro uma, sem topar coisa que preste. Correntes que se arrastam pela calada da noite?

– Dum preto velho que foi escravo do defunto capitão Aleixo, fundador da fazenda, ouvi coisas de arrepiar...

Jonas, a criatura mais gabola deste mundo, não perdeu vasa duma pacholice:

– De arrepiar a ti, que a mim, bem sabes, só me arrepiam correntes de ar...

– Acredito, mas toca, que o dilúvio não tarda.

O céu enegrecera por igual. Um relâmpago fulgurou, seguido de formidável ribombo, que lá se foi às cabeçadas pelos morros até perder-se distante. E os primeiros pingos vieram, escoteiros, pipocar no chão ressecado.

– Espora, espora!

Em minutos vingávamos o espigão, de cujo topo vimos a casaria maldita, tragada a meio pelo mataréu invasor. Os pingões mais e mais se amiudavam, e já eram água de molhar quando a ferradura das bestas estrepitou, com faíscas, no velho terreiro de pedra. Surrucados por ele adentro rumo a um telheiro em aberto, lá apeamos afinal, esbaforidos, mas a salvo da molhadela.

E as bategas vieram, furiosas, em cordas d'água a prumo, como devia ser no chuveiro bíblico do dilúvio universal.

Examinei o couto. Telheiro de carros e tropa, derruído em parte. Os esteios, da cabiúna eterna, tinham os nabos[7] à mostra – tantos enxurros correram por ali erodindo o solo. Por eles marinhou a caetaninha[8], essa mimosa alcatifa dos tapumes, toda rosetada de

flores amarelas e pingentada de melõezinhos de bico, cor de canário.

Também aboboreiras viçavam na tapera, galgando vitoriosas pelos espeques para enfolharem no alto, entremeio das ripas e caibros a nu. Suas flores grandalhudas, tão caras às mamangavas, manchavam de amarelo-pálido o tom cru da folhagem verde-negra.

Fora, a pouca distância do telheiro, a “casa-grande” se erguia, vislumbrada apenas através da cortina d’água.

E a água a cair.

E a trovoada a escalejar seus ecos pela morraria intérmina.

E o meu amigo, tão calmo sempre e alegre, a exasperar-se:

– Raio de peste de tempo desgraçado! Já não posso almoçar em Vassouras amanhã, como pretendia.

– Chuva de corda não dura hora, consolei-o.

– Sim, mas será possível alcançar o tal pouso do Alonso ainda hoje?

Consultei o pulso.

– Cinco e meia. É tarde. Em vez de Alonso, temos que gramar o Aleixo. E dormir com as bruxas, mais a alma do capitão infernal.

– Inda é o que nos vale – filosofou o impenitente Jonas. – Que assim, ao menos, haverá o que contar amanhã.

II

O temporal durou meia hora e ao cabo amainou, com os relâmpagos espacejados e os trovões a roncarem muito longe dali. Apesar de próxima a noite, inda tínhamos uma hora de luz para sondar o terreiro.

– Há de morar aqui por perto algum urumbeva – disse eu. – Não existe tapera sem lacraia. Vamos à cata desse abençoado urupê.

Encavalgamos de novo e saímos a rodear a fazenda.

– Acertaste, amigo! – exclamou de repente Jonas, ao divisar uma casinhola erguida entre moitas, a duzentos passos de distância. – Bico-de-papagaio, pé de mamão, terreiro limpo; é o urumbeva sonhado!

Para lá nos dirigimos e já do terreiro gritamos o “Ó de casa!” Uma porta abriu-se, enquadrando o vulto dum negro velho; de cabelos ruços. Com que alegria o saudei...

– Pai Adão, viva!

– Vassuncristo! – respondeu o preto.

Era dos legítimos...

– Pra sempre! – gritei eu. – Estamos aqui trancados pela chuva e impedidos de prosseguir viagem. Tio Adão há de...

– Tio Bento, pra servir os brancos.

– Tio Bento há de arranjar-nos pouso por esta noite.

– E boia – acrescentou Jonas –, visto que temos a caixa das empadas a tinir.

O excelente negro sorriu-se, com a gengiva inteira à mostra, e disse:

– Pois é apeá. Casa de pobre, mas de bom coração. Quanto a “de comer”, comidinha de negro velho, já sabe...

Apeamos, alegremente.

– Angu? – chasqueou o Jonas.

O negro riu-se:

– Já se foi o tempo do angu com “bacalhau”...[9]

– E não deixou saudades, hein, tio Bento?

– Saudades não deixou, não, eh! eh!...

– Para vocês, pretos; porque entre os brancos muitos há que choram aquele tempo de vacas gordas. Não fosse o Treze de Maio e não estava agora eu aqui a arreentar as unhas neste raio de látego, que encruou com a chuva e não desata. Era servicinho do pajem...

Desarreamos as bestas e depois de soltá-las penetramos na casinha, sobraçando os arreios. Vimos, então, que era pequena demais para nos abrigar aos três.

– Amigo Bento, olha, não cabemos tanta gente aqui. O melhor é acomodar-nos na casa-grande, que isto cá não é casa de bicho-homem, é ninho de cuitelo...

– Os brancos querem dormir na casa mal-assombrada? – exclamou admirado o preto. – Não aconselho, não. Alguém já fez isso mas se arrependeu depois.

– Arreperder-nos-emos também depois, amanhã, mas já com a dormida no papo – disse Jonas.

E como o preto abrisse a boca:

– Você não sabe o que é coragem, tio Bento. Escoramos sete. E almas do outro mundo, então, uma dúzia! Vamos lá. Está aberta a casa?

– A porta do meio emperrou, mas à força de ombros deve abrir.

– Abandonada há muito tempo?

– “Quizano!” Desde que morreu o último filho do capitão Aleixo ficou assim, ninho de morcego e suindara.

– E por que a abandonaram?

– “Descabeçada” do moço. Pra mim, castigo de Deus. Os filhos pagam a ruindade dos pais, e o capitão Aleixo, Deus que me perdoe,

foi mau, mau, mau inteirado. Tinha fama! Aqui em dez léguas de roda, quem queria ameaçar um negro reinador era só dizer: “Espera, diabo, que te vendo pro capitão Aleixo”. O negro ficava que nem uma seda!... Mas o que ele fez, os filhos pagaram. Eram quatro: Sinhozinho, o mais velho, que morreu “masgaiado” num trem; Nhá Zabelinha...

III

Enquanto o preto falava, insensivelmente fomos caminhando para a casa maldita.

Era o casarão clássico das antigas fazendas negreiras. Assobradado, erguido em alicerces e muramento de pedra até meia altura e daí por diante de pau a pique. Esteios de cabreúva, entremostrando-se picados a enxó nos trechos donde se esboroara o reboco. Janelas e portas em arco, de bandeiras em pandarecos. Pelos interstícios da pedra amoitavam-se as samambaias; e nas faces de sombra, avenquinhas raquíticas. Num cunhal crescia anosa figueira, enlaçando as pedras na terrível cordoalha tentacular. A porta de entrada ia ter uma escadaria dupla, com alpendre em cima e parapeito esborcinado.

Pus-me a olhar para aquilo, invadido da saudade que sempre me causam ruínas, e parece que em Jonas a sensação era a mesma, pois que o vi muito sério, de olhar pregado na casa, como quem recorda. Perdera o bom humor, o espírito brincalhão de inda há pouco. Emudecera.

– Está visto – murmurei depois dalguns minutos. – Vamos agora à boia, que não é sem tempo.

Voltamos.

O negro, que não parara de falar, dizia agora de sua vida ali.

– Morreu tudo, meu branco, e fiquei eu só. Tenho umas plantas na beira do rio, palmito no mato e uma paquinha lá de vez em quando na ponta do chuço. Como sou só...

– Só, só, só?

–“Suzinho, suzinho!” A Merência morreu, faz três anos. Os filhos, não sei deles. Criança é como ave: cria pena, avoa. O mundo é grande – andam pelo mundo avoando...

– Pois, amigo Bento, saiba que você é um herói e um grande filósofo por cima, digno de ser memorado em prosa ou verso pelos homens que escrevem nos jornais. Mas filósofo de pior espécie está me parecendo aquele sujeito... – concluí referindo-me ao Jonas, que se atrasara e parara de novo em contemplação da casa.

Gritei-lhe:

– Mexe-te, ó poeta que ladras às lagartixas! Olha que saco vazio não se põe de pé, e temos dez léguas a engolir amanhã.

Respondeu-me com um gesto vago e ficou-se no lugar, imóvel.

Larguei mão do cismabundo e entrei na casinhola do preto, que, acendendo luz – um candeeiro de azeite – foi ao borralho buscar raízes de mandioca assada. Pô-las sobre um mocho, quentinhas, dizendo:

– É o que há. Isto e um restico de paca moqueada.

– E achas pouco, Bento? – disse eu, metendo os dentes na raiz deliciosa. – Não sabes que se não fosse tua providencial presença teríamos de manducar viradinho de brisas com torresmos de zéfiros até alcançarmos a venda do Alonso amanhã? Deus que te abençoe e te dê no céu um mandiocal imenso, plantado pelos anjos.

IV

Caíra de todo a noite. Que céu! Alternavam estrelas vivíssimas com rebojos negros de nuvens acasteladas. Na terra, escuridão de breu, rasgada de piques de luz pelas estrelinhas avoantes. Uma coruja berrava longe, num esgalho morto de perobeira.

Que solidão, que espessura de trevas é a de uma noite assim, no deserto! Nesses momentos é que um homem bem compreende a origem tenebrosa do Medo...

V

Acabada a magra refeição, observei ao preto:

– Agora, amigo, é agarrarmos estas mantas e pelegos, mais a luz, e irmo-nos à casa-grande. Dormes lá conosco, à guisa de para-raios de almas. Topas?

Contente de ser-nos útil, tio Bento sobraçou a quitanda e deu-me a levar o candeeiro. E lá fomos pelo escuro da noite, a chapinhar nas poças e na grama empapada.

Encontrei Jonas no mesmo lugar, absorto em frente à casa.

– Estás louco, rapaz? Não comeres, tu que estalavas de fome, e ficares aí como perereca diante da cascavel?

Jonas olhou-me dum modo estranho e como única resposta esganiçou um “deixa-me”. Fiquei a encará-lo por uns instantes, deveras desnorteado por tão inexplicável atitude. E foi assim, de rugas na testa, que galguei a escadaria musgosa do casarão.

Estava perra de fato a porta, como dissera o negro, mas com valentes ombradas abria-a no preciso para dar passagem a um homem. Mal entramos, morcegos às dezenas, assustados com a luz, debandaram às tontas, em voejos surdos.

– Macacos me lambam se isto aqui não é o quartel-general de todos os ratos de asas deste e dos mundos vizinhos!

– E das suindaras, patrãozinho. Mora aqui um bandão delas que até dá medo – acrescentou o preto, ao ouvir-lhes os pios no forro.

A sala de espera toava com o restante da fazenda. Paredes lagarteadas de rachas, escorridas de goteiras, com vagos vestígios do papel. Móveis desaparelhados, duas cadeiras Luís XV, de palhinha rota, e mesa de centro do mesmo estilo, com o mármore sujo pelo guano dos morcegos. No teto, tábuas despregadas, entremostrando rombos escuros.

Lúgubre...

– Tio Bento – disse eu, procurando iludir com palavras a tristeza do coração –, isto aqui cheira-me à sala nobre do sabá das bruxas. Que não venham hoje atropelar-nos, nem apareça a alma do capitão-mor a nos infernizar o sono. Não é verdade que a alma do capitão-mor vagueia por aqui a desoras?

– Dizem – respondeu o preto. – Dizem que aparece ali na casa do tronco, não às dez, mas à meia-noite, e que sangra as unhas a arranhar as paredes...

– E depois vem cá arrastar correntes pelos corredores, hein? Como é pobre a imaginativa popular! Sempre e em toda parte a mesma ária das correntes arrastadas! Mas vamos ao que serve. Não haverá um quarto melhor do que isto, nesta hospedaria de mestre tinhoso?

– Haver, há – trocadilhou sem querer o preto –, mas é o quarto do capitão-mor. Tem coragem?

– Ainda não estás convencido, Bento, de que sou um poço de coragem?

– Poço tem fundo – retrucou ele, sorrindo filosoficamente. – O quarto é aqui à direita.

Dirigi-me para lá. Entrei. Quarto amplo e em melhor estado que a sala de espera. Guarneciam-no duas velhas marquesas de palhinha bolorenta, além de várias cadeiras rotas. Na parede, um retrato na moldura clássica da época, dourada, de cantos redondos, com florões. Limpei com o lenço a poeira acumulada no vidro e vi que era um daguerreótipo esmaiado, representando imagem de mulher.

Bento percebeu a minha curiosidade e explicou:

– É o retrato da filha mais velha do capitão Aleixo, Nhá Zabé, uma moça tão desgraçada...

Contemplei longamente aquela antigualha venerável, vestida à moda da época.

– Tempo das anquinhas, hein, Bento? Lembras-te das anquinhas?

– Se me lembro! A sinhá velha, quando vinha da cidade, era assim que ela andava, que nem uma perua choca...

Recoloquei na parede o daguerreótipo e pus-me a arranjar as marquesas, arrumando numa e noutra pelegos, à guisa de travesseiros. Em seguida fui ao alpendre, de luz na mão, a ver se amadrinhava o meu relapso companheiro. Era demais aquela maluquice! Não jantar e agora ficar-se ali ao relento...

VI

Perdi meu requebrado. Chamei-o, mas nem com o “deixa-me” respondeu desta vez. Tal atitude pôs-me seriamente apreensivo.

– Se lhe desarranja a cabeça, aqui nestas alturas...

Torturado por esta ideia, não pude sossegar. Confabulei com o Bento e resolvemos sair em procura do transviado.

Fomos felizes. Encontramo-lo na terreiro, em face da antiga casa do tronco. Estava imóvel e mudo.

Ergui-lhe a luz à altura do rosto. Que estranha expressão a sua! Não parecia o mesmo – não era o mesmo. Deu-me a impressão de retesado no último arranco duma luta suprema, com todas as energias crispadas numa resistência feroz. Sacudi-o com violência.

– Jonas! Jonas!

Inútil. Era um corpo largado da alma. Era um homem “vazio de si próprio!”. Assombrado com o fenômeno, concentrei todas as minhas forças e, ajudado pelo Bento, trouxe-o para casa.

Ao penetrar na sala de espera, Jonas estremeceu; parou, arregalou os olhos para a porta do quarto. Seus lábios tremiam. Percebi que articulavam palavras incompreensíveis. Precipitou-se, depois, para a quarto e, dando com o daguerreótipo de Izabel, agarrou-o com frenesi, beijou-o, rompido em choro convulsivo. Em seguida, como exausto duma grande luta, caiu sobre a marquesa, prostrado, sem articular nenhum som.

Inutilmente interpelei-o, procurando a chave do enigma. Jonas permanecia vazio... Tomei-lhe o pulso: normal. A temperatura: boa. Mas largado, como um corpo morto.

Fiquei ao pé dele uma hora, com mil ideias a me azoinarem a cabeça. Por fim, vendo-o calmo, fui ter com o preto.

– Conta-me a que sabes desta fazenda – pedi-lhe. – Talvez que...

Meu pensamento era deduzir das palavras do negro algo explicativo da misteriosa crise.

VII

Nesse entremeio zangara de novo o tempo. As nuvens recobriam inteiramente o céu, transformado num saco de carvão. Os relâmpagos voltaram a fulgurar, longínquos. acompanhados de reboos surdos. E para que ao horror do quadro nenhum tom faltasse, a ventania cresceu, uivando lamentosa nas casuarinas.

Fechei a janela.

Mesmo assim, pelas frinchas o assobio lúgubre entrava a me ferir os ouvidos...

Bento falou em voz baixa, receoso de despertar o doente. Contou como viera ali, comprado pelo próprio capitão Aleixo, na feira de escravos do Valongo, molecote ainda. Disse da formação da fazenda e do caráter cruel do senhor.

– Era mau, meu branco, como deve ser mau o canhoto. Judiava da gente à toa, pelo gosto de judiar. No começo não era assim, mas foi piorando com o tempo.

No caso da Liduína... A Liduína era uma bonita crioula aqui da fazenda. Muito viva, desde bem criança passou da senzala pra casa-grande, como mucama de Sinhazinha Zabé...

Isso foi... deve fazer sessenta anos, antes da guerra do Paraguai. Eu era molecote novo e trabalhava aqui dentro, no terreiro. Via tudo. A mucama, uma vez que Sinhazinha Zabé veio da Corte passar as férias na roça, protegeu o namoro dela com um portuguesinho, e foi então...

Na marquesa, onde dormia, Jonas estremeceu. Olhei. Estava sentado e em convulsões. Os olhos exorbitados fixavam-se nalguma coisa invisível para mim. Suas mãos crispadas mordiam a palhinha rota.

Agarrei-o, sacudi-o.

– Jonas, Jonas, que é isso?

Olhou-me sem ver, com a retina morta, num ar de desvario.

– Jonas, fala!

Tentou murmurar uma palavra. Seu lábios tremeram na tentativa de articular um nome. Por fim enunciou-o, arquejante:

– Izabel...

Mas aquela voz já não era a voz de Jonas. Era uma voz desconhecida. Tive a sensação plena de que um “eu” alheio lhe tomara de assalto o corpo vazio. E falava por sua boca, e pensava com seu cérebro. Não era Jonas, positivamente, quem estava ali. Era “outro”!...

Tio Bento, ao pé de mim, olhava assombrado para aquilo, sem compreender coisa nenhuma; e eu, num horroroso estado de superexcitação, sentia-me à beira do medo pânico. Não fossem os trovões ecoantes e o ululo da ventania nas casuarinas denunciarem-me lá fora um horror talvez maior, e é possível que não resistisse ao lance e fugisse da casa maldita como um criminoso. Mas ali ao menos havia luz, aquele humilde candeeiro de azeite, no momento mais precioso do que todos os bens da terra.

Estava escrito, entretanto, que ao horror dessa noite de trovoadas e mistério não faltaria uma nota sequer. Assim foi que, altas horas, a luz principiou a esmorecer. Estremeci, e fiquei de cabelos eriçados quando a voz do negro murmurou a única frase que eu não queria ouvir:

– O azeite está no fim...

– E há mais lá em tua casa?

– Era o restinho...

Estarreci...

Os trovões ecoavam longe, e o uivar do vento nas casuarinas era o mesmo de sempre. Parecia empenhada a natureza em pôr em

prova a resistência dos meus nervos. Súbito, um estalido no candeeiro. A luz bruxoleou um clarão final e extinguiu-se.

Trevas. Trevas absolutas...

Corri à janela. Abria-a.

As mesmas trevas lá fora...

Senti-me sem olhos.

Procurei a cama às apalpadelas e caí de bruços na palhinha bolorenta.

VIII

Pela madrugada começou Jonas a falar sozinho, como quem se recorda. Mas não era o meu Jonas quem falava – era o “outro”.

Que cena!...

Tenho até agora gravadas a buril no cérebro todas as palavras dessa misteriosa confidência, proferida pelo ícubo no silêncio das trevas profundas. Mil anos que viva e nunca se me apagará da memória o ressoar daquela voz de mistério. Não reproduzo suas palavras da maneira como as enunciou. Seria impossível, sobre nocivo à compreensão de quem lê. O “outro” falava ao jeito de quem pensa em voz alta, como a recordar. Linguagem taquigráfica, ponho-a aqui traduzida em língua corrente.

IX

“Meu nome era Fernão. Filho de pais incógnitos quando me conheci por gente já rolava no mar da vida como rolha sobre a onda. Ao léu, solto nos vaivéns da miséria, sem carinhos de família, sem amigos, sem ponto de apoio no mundo.

Era no Reino, na Póvoa do Varzim; e do Brasil, a boa colônia preluzida em todas as imaginações como o Eldorado, eu ouvia os marinheiros de torna-viagem contarem maravilhas.

Fascinado, deliberei emigrar.

Parti um dia para Lisboa, a pé, como vagabundinho de estrada. Caminhada inesquecível, faminta, mas rica dos melhores sonhos da minha existência. Via-me na terra nova feito mascate de bugigangas. Depois, vendeiro; depois, comerciante com casa-forte no Rio. Depois, já casado com linda cachopa, via-me de novo na Póvoa, rico, morando em quinta, senhor de vinhedo e terras de semeadura.

Assim embalado em sonhos áureos, alcancei o porto de Lisboa, onde passei o primeiro dia no cais, namorando os navios surtos no Tejo. Um havia em aprestos para largar de rumo à colônia, a caravela Santa Tereza. Acamaradando-me com velhos marujos de gandaia por ali, consegui nela, por intermédio deles, o engajamento necessário.

– Lá, foges – aconselhou-me um – e afundas para o sertão. E mercadejas, e enriqueces, e voltas cá excelentíssimo. É o que faria eu se tivesse os verdes anos que tens.

Assim fiz e, grumete do Santa Tereza, boiei no oceano, rumo às terras de ultramar.

Aportamos em África para recolher pretos de Angola, metidos nos porões como fardos de couro suado com carne viva por dentro. Pobres pretos! Desembarcado no Rio, tive ainda ocasião de vê-los no Valongo, seminus, expostos à venda como reses. Os pretendentes chegavam, examinavam-nos, fechavam negócio.

Foi assim, nessa tarefa, que conheci o capitão Aleixo. Era um homem alentado, de feições duras, olhar de gelo. Trazia botas, chapéu largo e rebenque na mão. Atrás dele, como sombra, um capataz mal-encarado.

O capitão notou o meu tipo, fez perguntas e ao cabo propôs-me serviço em sua fazenda. Aceitei e fiz a pé, em companhia do lote de negros adquiridos, essa viagem pelo interior de um país onde tudo me era novidade.

Chegamos.

Sua fazenda, formada de pouco tempo, ia então no apogeu, riquíssima de canaviais, gado e café em inícios. Deram-me servicinhos leves, compatíveis com a idade e a minha nenhuma experiência da terra. E, sempre subindo de posto, ali continuei até ver-me homem.

A família do capitão morava na Corte. Os filhos vinham todos os anos passar temporadas na roça, enchendo a fazenda de travessuras loucas. Já as meninas, então no colégio, lá se deixavam ficar mesmo nas férias. Só vieram uma vez, com a mãe, Dona Teodora – e foi isso a minha desgraça...

Eram duas, Inês, a caçula, e Izabel, a mais velha, lindas meninas de luxo, radiosas de mocidade. Eu as via de longe, como nobres figuras de romance, inacessíveis, e lembro-me do efeito que naquele sertão bruto, asselvajado pela escravaria retinta, fazia a presença das meninas ricas, sempre vestidas à moda da Corte. Eram princesinhas de conto de fadas que só provocam uma atitude: adoração.

Um dia...

Aquela cachoeira – lá lhe ouço o remoto rumorejo – era a piscina da fazenda. Escondida numa grotta, como joia de cristal vivo a defluir com permanente escachoo num engaste rústico de taquaris, caetês e ingazeiros, formava um recesso grato ao pudor dos banhistas.

Um dia...

Lembro-me bem – era domingo e eu, de vadiagem, saíra cedo a passarinhar. Seguia pela margem do ribeirão tocaiando os pássaros ribeirinhos.

Um pica-pau-de-cabeça-vermelha zombou de mim. Errei a bodocada e, metido em brios, afreimei-me em persegui-lo. E, salta daqui, salta dali, quando dei acordo estava embrenhado na grotta da cachoeira, onde, num galho de ingá, pude visar melhor a minha presa e espeloteá-la.

Caiu a avezinha longe do meu alcance; barafustei pela trama dos taquaris para colhê-la. Nisto, por uma aberta na verdura, avistei embaixo a bacia de pedra onde a água chofrava. Mas estarreci. Duas

ninfas nuas brincavam na espuma. Reconheci-as. Eram Izabel e sua mucama diletta, da mesma idade, a Liduína.

O improviso da visão ofuscou-me os olhos. Quem há insensível à beleza da mulher em flor e, a mais, vista assim em nudez num quadro agreste daqueles?

Izabel deslumbrou-me.

Corpo escultural, nesse período entontecedor em que florescem todas as promessas da puberdade, diante dele senti a explosão subitânea dos instintos. Ferveu-me nas veias o sangue. Fiz-me cachoeira de apetites. Vinte anos! O momento das erupções incoercíveis...

Imóvel como estátua, ali me quedei em êxtase o tempo que durou o banho. E estou ainda com o quadro na imaginação. A graça com que ela, de cabeça erguida, boca entreaberta, apresentava os pequeninos seios ao jato das águas... Os sustos e gritinhos nervosos quando gravetos derivantes lhe esfrolavam a epiderme... Os mergulhos de sereia na bacia de pedra e o emergir do corpo aljofrado de espuma...

Durou minutos o banho fatal. Depois vestiram-se numa laje a seco e lá se foram, contentes como borboletinhas ao sol.

Fiquei-me por ali, extático, rememorando a cena mais linda que meus olhos viram.

Impressão de sonho...

Águas de cristal rumorejantes; frondes orvalhadas pendidas para a linfa como a lhe escutar o murmúrio; um raio de sol matutino,

coado pelas franças, a pintalgar de ouro tremeluzente a nudez
menineira das náiades.

Quem poderá esquecer um quadro assim?

X

Essa impressão matou-me. Matou-nos.

XI

Saí dali transformado.

Não era mais o humilde serviçal da fazenda, contente de sua sorte. Era um homem branco e livre que desejava uma mulher formosa.

Daquele momento em diante minha vida iria girar em torno dessa aspiração. Nasceria em mim o amor, vigoroso e forte como as ervas loucas da tiguera. Dia e noite só um pensamento ocuparia meu cérebro: Izabel. Um só desejo: vê-la. Um só objetivo à minha frente: possuí-la.

Todavia, apesar de branco e livre, que abismo me separava da filha do fazendeiro! Eu era pobre. Era um subalterno. Era nada.

Mas o coração não raciocina, nem o amor olha para conveniências sociais. E assim, desprezando obstáculos, cresceu o amor no meu peito como crescem rios em tempo de cheia.

Aproximei-me da mucama e, depois de lhe cair em graça e lhe conquistar a confiança, contei-lhe um dia a minha tortura.

– Liduína, tenho um segredo na alma que me mata, mas tu poderás salvar-me. Só tu. Preciso do teu socorro... Juras auxiliarme?

Ela espantou-se da confidência, mas, insistida, rogada, implorada, prometeu tudo quanto pedi.

Pobre criatura! Tinha alma irmã da minha e foi ao compreender sua alma que pela primeira vez alcancei todo o horror da escravidão...

Abri-lhe o meu peito e revelei-lhe em frases candentes a paixão que me consumia.

Liduína a princípio assustou-se. Era grave o caso. Mas quem resiste à dialética dos apaixonados? E Liduína, vencida afinal, prometeu auxiliarme.

XII

A mucama agiu por partes, fazendo desabrochar o amor no coração da senhora sem que esta o percebesse. A princípio, uma vaga e discreta referência à minha pessoa.

- Sinhazinha conhece o Fernão?
- Fernão?!... Quem é?
- Um moço que veio do reino e toma conta do engenho...
- Se já o vi, não me lembro.
- Pois repare nele. Tem uns olhos...
- É teu namorado?
- Quem me dera!...

Foi essa a abertura do jogo. E assim, aos poucos, em dosagem hábil, hoje uma palavra, amanhã outra, no espírito de Izabel nasceu a curiosidade – passo número 1 do amor.

Certo dia Izabel quis ver-me.

– Falas tanto nesse Fernão, nos olhos desse Fernão, que estou curiosa de vê-lo.

E viu-me.

Eu estava no engenho, dirigindo a moagem da cana, quando as duas apareceram de copo na mão. Vinham com o pretexto da garapa.

Liduína achegou-se a mim e:

– Seu Fernão, uma garapinha de espuma para Sinhá Izabel.

A menina olhou-me de frente, mas não lhe pude sustentar o olhar. Baixei os meus olhos, conturbado. Eu tremia, balbuciava apenas, nessa ebbriez do primeiro encontro.

Dei ordens aos pretos e logo jorrou da bica um jato fofo de garapa espumejante. Tomei o copo da mão da mucama, enchi-o e ofereci-o à náíade. Ela o recebeu com simpatia, bebeu aos golinhos e pagou-me o serviço com um gentil 'obrigada', olhando-me de novo nos olhos.

Pela segunda vez baixei os meus.

Saíram.

Mais tarde Liduína contou-me o resto – um pequenino diá-logo.

– Tinha razão – dissera-lhe Izabel –, é um bonito rapaz. Mas não lhe vi bem os olhos. Que acanhamento! Parece que tem medo de mim... Duas vezes que o olhei de frente, duas vezes que os baixou.

– Vergonha – disse Liduína. – Vergonha ou...

– ... ou quê?

– Não digo...

A mucama, com o seu fino instinto de mulher, compreen-deu que não era ainda tempo de pronunciar a palavra amor. Pronunciou-a dias mais tarde, quando percebeu a menina suficientemente madura para ouvi-la sem escândalo.

Passeavam pelo pomar da fazenda, então no auge da florescência.

O ar embriagava, tanto era o perfume nele solto.

Abelhas aos milhares, e colibris, zumbiam e esfuziavam num delírio orgíaco.

Era a festa anual do mel.

Percebendo em Izabel o trabalho dos amavios ambientes, Liduína aproveitou o ensejo para um passo a mais.

– Quando eu vinha vindo vi Seu Fernão sentado na pedra do muro. Uma tristeza...

– Que será que ele tem? Saudades da terra?

– Quem sabe?! Saudades ou...

– ... ou quê?

– ... ou amor.

– Amor! Amor! – disse Izabel sorvendo com volúpia o ar embalsamado. – Que linda palavra, Liduína! Eu, quando vejo um laranjal assim florido, a palavra que me vem à ideia é essa: amor! Mas amaré ele a alguém?

– Pois de certo. Quem não ama neste mundo? Os passarinhos, as borboletas, as vespas...

– Mas a quem amaré ele? A alguma preta do eito, com certeza... – e Izabel riu-se desabaladamente.

– Aquele? – fez Liduína num muxoxo. – Não é desses, não, Sinhazinha. Moço pobre, mas de condição. Para mim, até penso que ele é filho dalgum fidalgo do Reino. Anda por aqui escondido...

Izabel quedou-se pensativa.

– Mas a quem amaré, então, aqui, neste deserto de brancas?

– Pois as brancas...

– Que brancas?

– Dona Inezinha... Dona Izabelinha...

A mulher desapareceu por um momento para ceder o lugar à filha do fazendeiro.

– Eu? Engraçadinha! Era só o que faltava...

Liduína calou-se. Deixou que a semente lançada corresse o prazo da germinação. E, vendo um casal de borboletas a perseguirem-se com estalidos de asas, mudou o rumo à conversa.

– Sinhazinha já reparou nestas borboletas de perto? Têm dois números debaixo das asas – oito, oito. Quer ver?

Correu atrás delas.

– Não pegas! – gritou Izabel, divertida.

– Mas pego esta aqui – retrucou Liduína apanhando outra, lerdota, e trazendo-a a espernejar entre os dedos.

– É ver uma casca de árvore com musgo. Espertalhona! Assim se disfarça, que ninguém a percebe quando está sentadinha. É como o periquito, que está gritando numa árvore, em cima da cabeça da gente, e a gente nada vê. Por falar em periquito, por que Sinhazinha não arranja um casal?

Izabel tinha o pensamento longe dali. A mucama bem o sentia, mas muito de indústria continuava na tagarelice.

– Dizem que se querem tanto, os periquitos, que quando um morre o companheiro se mata. Tio Adão teve um assim, que se afogou numa pocinha d'água no dia em que a periquita morreu. Só entre os pássaros há coisas dessas...

Izabel continuava absorta. Mas em dado momento quebrou o mutismo.

– Por que te lembraste de mim nesse negócio do Fernão?

– Por quê? – repetiu Liduína cavortemente. – Porque é tão natural isso...

– Alguém te disse alguma coisa?

– Ninguém. Mas se ele ama de amor, aqui neste sertão, e ficou assim agora, depois que Sinhazinha chegou, a quem há de amar?... Ponha o caso em si. Se Sinhazinha fosse ele, e ele fosse Sinhazinha...

Calaram-se ambas e o passeio terminou no silêncio de quem dialoga consigo mesmo.

XIII

Izabel dormiu tarde essa noite. A ideia de que sua imagem enchia o coração de um homem esvoaçava-lhe na imaginação como as abelhas no laranjal.

‘Mas é um subalterno!’ – alegava o Orgulho.

‘Que importa, se é um moço rico de bons sentimentos?’ – retorquia a Natureza.

‘E bem pode ser que fidalgo!...’ – acrescentava, insinuante, a Fantasia.

A Imaginação também veio à tribuna.

‘E pode vir a ser um poderoso fazendeiro. Quem era o capitão Aleixo na idade dele? Um simples arreador...’

Já era o Amor quem assoprava tais argumentos.

Izabel ergueu-se da cama e foi à janela. A lua em minguante quebrava de tons cinérios o escuro da noite. Os sapos no brejal coaxavam melancólicos. Vaga-lumes tontos riscavam fósforos no ar.

Era aqui... Era aqui neste quarto, era aqui nesta janela!...

Eu a espiava de longe, nesse estado de êxtase que o amor provoca na presença do objeto amado. Longo tempo a vi assim, imersa em cisma. Depois fechou-se a persiana, e o mundo para mim se encheu de trevas.

XIV

No outro dia, antes que Liduína abordasse o tema diletto, disse-lhe Izabel:

– Mas, Liduína, que é amor?

– Amor? – respondeu a arguta mucama em quem o instinto substituíra a cultura. – Amor é uma coisa...

– ... que...

– ... que vem vindo, vem vindo...

– ... e chega!

– ... e chega e toma conta da gente. Tio Adão diz que o amor é doença. Que a gente tem sarampo, catapora, tosse comprida, cachumba e amor – cada doença no seu tempo.

– Pois eu tive tudo isso – replicou Izabel – e não tive amor...

– Sossegue que não escapa. Teve as piores e não há de ter a melhor? Espere que um dia ele vem...

Silenciaram.

Súbito, agarrando o braço da mucama, Izabel encarou-a a fito nos olhos.

– És minha amiga do coração, Liduína?

– Um raio me parta neste momento se...

– És capaz dum segredo, mas dum segredo eterno, eterno, eterno?

– Um raio me parta se...

– Cala a boca.

Izabel vacilava.

Depois, nessa ânsia de confiança que nasce ao primeiro luar do amor, disse, corando:

– Liduína, parece-me que estou ficando doente... da doença que faltava.

– Pois é tempo – exclamou a finória arregalando os olhos. –
Dezessete anos...

– Dezesesseis.

E Liduína, cavilosa:

– Algum fidalguinho da Corte?

Izabel vacilou de novo; por fim disse:

– Eu tenho um namorado no Rio – mas é namoro só. Amor,
amor, desse que bole cá dentro com o coração, desse que vem
vindo, vem vindo e chega, não! Não, lá...

E em cochicho ao ouvido da mucama, corando:

– Aqui!...

– Quem? – perguntou Liduína, simulando espanto.

Izabel não respondeu com palavras. Ergueu-se e:

– Mas é um comecinho só. Vem vindo...

XV

O amor veio vindo e chegou. Chegou e destruiu todas as barreiras. Destruiu nossas vidas e acabou destruindo a fazenda. Estas ruínas, estas corujas, este morcegal, tudo não passa da florescência de um grande amor...

Por que há de ser a vida assim? Por que hão de os homens, à força de orgulho, impedir que o botão da maravilhosa planta passe a flor? E por que hão de transformar o que é céu em inferno, o que é perfume em dor, o que é luz em negrume, o que é beleza em caveira?

Izabel, mimo de fragilidade feminina avivada de graça brasileira, tinha o quê perturbador das orquídeas. Sua beleza não era ao molde da beleza rechonchuda e corada, forte e sadia, das cachopas da minha terra. Por isso mesmo mais fortemente me seduzia a pálida princesinha tropical.

Ao inverso, o que em mim a seduzia era a força varonil e transbordante, e a nobre rudeza dos meus instintos, que iam até a audácia de pôr os olhos na altura em que ela pairava.

XVI

O primeiro encontro foi... casual. Meu acaso chamava-se Liduína. Seu gênio instintivo fê-la a boa fada de nossos amores.

Foi assim.

Estavam as duas no pomar diante duma pitangueira enrubescida de frutos.

– Lindas pitangas! – disse Izabel. – Sobe, Liduína, e apanha um punhado.

Aproximou-se Liduína da pitangueira e fez vãs tentativas para trepar.

– Impossível, Sinhazinha, só chamando alguém. Quer?

– Pois vai chamar alguém.

Liduína partiu correndo e Izabel teve a previsão nítida de quem viria. De fato, momentos depois apareci eu.

– Senhor Fernão, desculpe-me – disse a moça. – Pedi àquela maluca que chamasse algum preto para colher pitangas – e foi ela incomodá-lo.

Perturbado pela sua presença e com o coração aos pulos, gaguejei, para dizer algo:

– São pitangas que quer?

– Sim. Mas falta uma cestinha que Liduína foi buscar.

Pausa.

Izabel, tão senhora de si, percebi-a nesse momento embaraçada como eu. Não tinha o que dizer. Silenciava. Por fim:

– Moem cana hoje? – perguntou-me.

Gaguejei que sim e novo silêncio se fez. Para quebrá-lo, Izabel gritou em direção da casa:

– Anda depressa, rapariga! Que lesmice...

E depois, para mim:

– Não tem saudades de sua terra?

Despregou-se-me a língua. Perdi o embaraço. Respondi que tive, mas não as tinha mais.

– Os primeiros anos passei-os a suspirar à noite, saudoso de tudo de lá. Só quem emigrou sabe a dor do fruto arrancado à árvore. Conformei-me, afinal. E hoje... o mundo inteiro para mim está aqui nestas montanhas.

Izabel compreendeu-me a intenção e quis perguntar-me por quê. Mas não teve ânimo. Saltou para outro assunto.

– Por que motivo só as pitangas desta árvore prestam? As outras são tão azedas...

– Vai ver – disse eu – que esta árvore é feliz e as outras não. O que azeda os homens e as coisas é a desgraça. Fui doce como a lima, logo que vim para cá. Hoje sou amargo...

– Julga-se infeliz?

– Mais do que nunca.

Izabel arriscou-se:

– Por quê?

Respondi intrepidamente:

– Dona Izabel, que é menina rica, não imagina a posição desgraçada de quem é pobre. O pobre forma neste mundo uma casta maldita, sem direito a coisa nenhuma. O pobre não pode nada...

– Pode, sim. Pode uma coisa...

– ?

– Deixar de ser pobre.

– Não falo da riqueza do dinheiro. Essa é fácil de alcançar, depende apenas de esforço e habilidade. Falo de coisas mais preciosas que o ouro. Um pobre, tenha o coração que tiver, seja a mais nobre das almas, não tem o direito de erguer os olhos para certas *alturas*...

– Mas se a *altura* quiser descer até ele? – retrucou audaciosa e vivamente a menina.

– Esse caso acontece às vezes nos romances. Na vida, nunca...

Calamo-nos de novo. Neste entremeio Liduína reapareceu, esbaforida, com a cestinha na mão.

– Custou-me a achar – disse a velhaca, justificando a demora. – Estava caída atrás do toucador.

O olhar que lhe lançou Izabel dizia: “mentirosa”!

Tomei a cesta e preparei-me para trepar à árvore.

Izabel, porém, interveio:

– Não! Não quero mais pitangas. Vão tirar-me o apetite para a garapa do meio-dia. Ficam para outra vez.

E para mim, amável:

– Queira desculpar-me...

Saudei-a, ébrio de felicidade, e lá me fui de aleluias na alma, com o mundo a dançar em torno de mim.

Izabel seguiu-me com o olhar, pensativamente.

– Tinha razão, Liduína, é um rapagão que vale todos os pelintras da Corte. Mas, coitado!... Queixa-se tanto do seu destino...

– Bobagens – muxoxou a mucama, trepando à pitangueira com agilidade de macaco.

Vendo aquilo, Izabel sorriu e murmurou, entre repreensiva e maliciosa:

– Você, Liduína...

A rapariga, que tinha entre os dentes alvíssimos o vermelho duma pitanga, esganiçou uma risada velhaca.

– Pois Sinhazinha não sabe que sou mais sua amiga do que sua escrava?

XVII

O amor é o mesmo em toda parte e em todos os tempos. Aquele enleio do primeiro encontro é o eterno enleio dos primeiros encontros. Aquele diálogo à sombra da pitangueira é o eterno diálogo da abertura. Assim, nosso amor, tão novo para nós, reproduzia um jogo velho qual o mundo.

Nascera em Isabel e em mim um sexto sentido maravilhoso. Compreendíamos-nos, adivinhávamos-nos e descobríamos meios de inventar os mais imprevistos encontros – encontros deliciosos, em que um olhar bastava para a permuta de mundos de confidências...

Isabel amou-me.

Que período de vida, esse!

Eu sentia-me alto como as montanhas, forte como o oceano e todo a coruscar de estrelas por dentro.

Era rei.

A terra, a natureza, os céus, a lua, a luz, a cor, tudo existia para ambiente do meu amor. Não era mais vida aquele meu viver, sim um êxtase contínuo.

Alheado de tudo, uma só coisa eu via, duma só coisa me alimentava.

Riquezas, poderio, honras – que vale tudo isso ante a sensação divina de amar e ser amado?

Nessa ebriedade vivi – quanto tempo não sei. O tempo não contava para o meu amor. Vivia – tinha a impressão de que só nessa época entrara a viver. Antes, a vida não me fora mais que simples agitação animalesca.

Poetas! Como vos compreendi a voz interior ressoada em rimas, como me irmanei convosco no esvoaçar pelos intermúndios do sonho!...

Liduína comportava-se como a fada boa dos nossos destinos. Sempre vigilante, a ela devíamos inteirinho o mar de felicidade em que boiávamos. Lépida, mimosa, travessa, a gentil crioula enfeixava em si toda a artimanha da raça perseguida – e todo o gênio do sexo escravizado à prepotência do homem.

Entretanto, o bem que nos fizeste como se avinagrou para ti, Liduína!... Em que fel horroroso se transfez para ti, afinal...

Eu sabia que o mundo é governado pelo monstro Estupidez. E que Sua Majestade não perdoa o crime de Amor. Mas nunca supus que esse monstro fosse a fera delirante que é – tão sanguissedenta, tão requintada em ferócia. Nem que houvesse monstro mais bem servido que esse.

Que comitiva numerosa traz!

Que servos diligentes possui!

A sociedade, as leis, os governos, as religiões, os juízes, as morais, tudo que é força social organizada presta mão forte à Estupidez Onipotente.

E assanha-se em punir, em torturar o ingênuo que, conduzido pela natureza, arrosta com os mandamentos da megera.

Ai dele se comete um crime de lesa-Estupidez! Mãos de ferro constringem-lhe a garganta. Seu corpo rola por terra, espezinhado; seu nome perpetua-se com pechas infames.

Nosso crime – que lindo crime: amar! – foi descoberto. E a monstruosa engrenagem de aço triturou-nos, ossos e alma, aos três...

XVIII

Uma noite...

A lua, bem no alto, empalidecia as estrelas e eu, triste, velava, rememorando o último encontro com Izabel. Fora à tardinha, numa volta do ribeirão, à sombra dum tufo de marianeiras cacheadas de frutos. Mãos unidas, cabeça contra cabeça, num enlevo de comunhão de alma, assistíamos ao alvoroço da peixaria assanhada na disputa das frutinhas amarelas que a espaços pipocavam na água remansosa do rio. Izabel, absorta, mirava aquelas ariscas linguinhas de prata, apinhadas em torno das iscas.

– Sinto-me triste, Fernão. Tenho medo da nossa felicidade. Qualquer coisa me diz que isso vai ter fim – e fim trágico...

Minha resposta foi aconchegá-la inda mais ao meu peito.

Um bando de saíras e sanhaços, de pouso nas marianeiras, entraram a debicar energicamente os cachos da frutinha silvestre. E o espelho das águas piriricou ao chuveiro das migalhas caídas. Coalhou-se o rio de lambaris famintos, engalfinhados num delírio de rega-bofe, com saltos de prata faiscantes no ar.

Izabel, sempre absorta, dizia:

– Como são felizes!... E são felizes porque são livres. Nós – pobres de nós!... Nós somos inda mais escravos do que os escravos do eito...

Duas viúvinhas pousaram numa haste de peri emersa da margem fronteira. A vara vergou-se-lhes ao peso, oscilou uns instantes e estabilizou-se de novo. E o lindo casal permaneceu imóvel, juntinho, comentando talvez, como nós, a festa glutona dos peixes.

Izabel murmurou num sorriso de infinita melancolia:

– Que cabecinha sossegada eles têm...

Eu rememorava frase por frase esse último encontro com a minha amada, quando, dentro da noite, ouvi bulha à porta.

Alguém corria o ferrolho e entrava.

Sentei-me na cama, de sobressalto.

Era Liduína. Tinha os olhos esgazeados de pavor e foi em voz arquejante que atropelou as derradeiras palavras que lhe ouvi na vida.

– Fuja! O capitão Aleixo sabe tudo. Fuja, que estamos perdidos...

Disse, e esgueirou-se para o terreiro como sombra.

XIX

O choque foi tamanho que me senti vazio de cérebro. Parei de pensar...

O capitão Aleixo...

Lembro-me bem dele. Era o plenipotenciário de Sua Majestade a Estupidez nestas paragens. Frio e duro, não reconhecia sensibilidade em carne alheia. Recomendava sempre aos feitores a sua receita de bem conduzir os escravos: "angu por dentro e relho por fora, sem economia e sem dó".

Consoante tal programa, a vida na fazenda escoava-se entre trabalhos de eito, comezaina farta e bacalhau.

Com o tempo desenvolveu-se nele a crueldade inútil. Não se limitava a impor castigos: ia presenciá-los. Gozava de ver a carne humana avergoar-se aos golpes do couro cru.

Ninguém, entretanto, estranhava aquilo. Os pretos sofriam como predestinados à dor. E os brancos tinham como dogma que de outra maneira não se levavam pretos.

O sentimento de revolta não latejava em ninguém, salvo em Izabel, que se fechava no quarto, de dedos fincados nos ouvidos, sempre que na casa do tronco o bacalhau arrancava urros a um pobre infeliz.

A mim, em começo, também me era indiferente a dor alheia. Ao depois – depois que o amor me floriu a alma de todas as flores do sentimento –, aquelas barbaridades diárias punham-me fremente de cólera.

Uma vez tive ímpetos de estrangular o déspota. Foi o caso dum vizinho que lhe trouxera um cão de fila para vender.

XX

– É bom? Bem bravo? – perguntou o fazendeiro examinando o animal.

– Uma fera! Para apanhar negro fugido, nada melhor.

– Não compro nabos em sacos – disse o capitão. – Experimentemo-lo.

Ergueu os olhos para o terreiro que fulgurava ao sol. Deserto. A escravaria inteira na roça. Mas naquele momento o portão se abriu e um preto velho entrou, cambaio, de jacá ao ombro, rumo ao chiqueiro dos porcos. Era um estropiado do eito que pagava o que comia tratando da criação.

O fazendeiro teve uma ideia. Tirou o cão da corrente e aticou-o contra o preto.

– Pega, Vinagre!

O mastim partiu como bala e instante depois ferrava o pobre velho, dando com ele em terra. Estraçalhou-o...

O fazendeiro sorria-se com entusiasmo.

– É de primeira – disse ao sujeito. – Dou-lhe 100 mil-réis pelo Vinagre.

E como o sujeito, assombrado daqueles processos, lamentasse a desgraça do estraçalhado, o capitão fez cara de espanto.

– Ora bolas! Um caco de vida...

XXI

Pois foi esse homem que vi subitamente penetrar no meu quarto, essa noite, logo depois que se sumiu Liduína. Acompanhavam-no dois feitores, como sombras. Entrou e fechou a porta sobre si. Parou a alguma distância. Olhou-me e sorriu.

– Vou dar-te uma bela noivinha – disse ele. E num gesto ordenou aos carrascos que me amarrassem.

Despertei da vacuidade. O instinto de conservação retesou-me todas as energias e, mal os capangas vieram a mim, atirei-me a eles com furor de onça fêmea a quem roubam os cachorrinhos.

Não sei quanto tempo durou a luta horrorosa; sei apenas que a tantas perdi os sentidos em virtude das violentas pancadas que me racharam a cabeça.

Quando despertei pela madrugada vi-me por terra, com os pés doridos entalados no tronco. Levei a mão aos olhos sujos de pó e sangue e entrevi à minha esquerda, no extremo do madeiro hediondo, um corpo desmaiado de mulher.

Liduína...

Percebi ainda que havia mais gente ali.

Olhei.

Dois homens de picaretas abriam um largo rombo no espesso muro de taipa.

Outro, um pedreiro, misturava cal e areia no chão, rente a uma pilha de tijolos.

O fazendeiro também ali estava, de braços cruzados, dirigindo o serviço. Vendo-me desperto, aproximou-se do meu ouvido e murmurou com gélido sarcasmo as últimas palavras que ouvi sobre a terra:

– Olhe! A tua noivinha é aquela parede...

Compreendi tudo: iam emparedar-me vivo..."

XXII

Aqui se interrompeu a história do “outro”, como a ouvi naquela horrôsa noite. Repito que não a ouvi assim, nessa ordem literária, mas murmurada em solilóquio, aos arrancos, às vezes entre soluços, outras num cicio imperceptível. Tão estranha era essa forma de narrar que o velho tio Bento não apanhou coisa nenhuma.

E foi com ela a me doer no cérebro que vi chegar a manhã.

– Bendita sejas, luz!

Ergui-me, alvoroçado.

Abri a janela, todo a renascer-me dos horrores noturnos.

O sol lá estava espiando-me dentre a copa do arvoredô. Seus raios de ouro invadiram-me a alma. Varreram dela os frocos de trevas que a entenebreciam qual cabelugem de pesadelo.

O ar lavado e alerta encheu-me os pulmões da delirante vida matutina. Respirei-o alegremente, em haustos largos.

E Jonas? Dormia ainda, repousado de feições.

Era “ele” outra vez. O “outro” fugira com as trevas da noite.

– Tio Bento – exclamei –, conte-me o resto da história. Que fim teve Liduína?

O velho preto recomeçou a contá-la a partir do ponto em que a interrompera na véspera.

– Não! – gritei eu –, dispenso isso tudo. Só quero saber que fim teve Liduína depois que o capitão deu sumiço ao moço.

Tio Bento abriu cara de espanto.

– Como o meu branco sabe disso?

– Sonhei, tio Bento.

Ele permaneceu ainda uns instantes admirado, custando a crer. Depois narrou:

– Liduína morreu no chicote, a coitadinha – tão na flor, 19 anos... O Gabriel e o Estevão, os carrascos, retalharam o seu

corpinho de criança com os rabos do bacalhau... A mãe dela, que só na hora do castigo soube do acontecido na véspera, correu feito louca para a casa do tronco. No momento em que empurrou a porta e olhou, uma chicotada cortava o seio esquerdo da filha. Antonia deu um grito e caiu para trás como morta.

Apesar do radioso da manhã meus nervos fremiram às palavras do preto.

– Basta, basta... De Liduína basta. Só quero agora saber o que sucedeu a Izabel.

– Nhá Zabé ninguém mais viu ela na fazenda. Foi levada para a Corte e acabou mais tarde no hospício, é o que dizem.

– E Fernão?

– Esse sumiu. Ninguém nunca soube dele – nunca, nunca...

Jonas acabava de despertar. E ao ver luz no quarto sorriu. Queixava-se de peso na cabeça.

Interpelei-o sobre o eclipse noturno de sua alma, mas Jonas mostrou-se alheio a tudo. Enrugou a testa, recordando-se.

– Lembro-me que uma coisa me invadiu, que fui empolgado, que lutei com desespero...

– E depois?

– Depois?... Depois um vácuo...

Sáímos para fora.

A casa maldita, mergulhada na onda de luz matutina, perdera o aspecto trágico.

Disse-lhe adeus – para sempre...

– *Vade retro!*...

E fomo-nos à casinhola do preto engolir o café e arrear os animais.

De caminho espiei pelas grades da casa do tronco: na taipa grossa da parede havia um trecho murado a tijolo...

Afastei-me horripilado.

E guardei comigo o segredo da tragédia de Fernão. Só eu no mundo a conhecia, contada por ele mesmo, oitenta anos após a catástrofe.

Só eu!

Mas como não sei guardar segredo, revelei-o em caminho ao Jonas.

Jonas riu-se à larga e disse, estendendo-me o dedo minguinho:

– Morde aqui!...

Barba Azul

1922

Jantávamos no

Hotel do Oeste, eu e o Lucas, um amigo que sabe histórias. A tantas, como percebesse certo vulto lá ao fundo do salão, o rapaz firmou a vista e murmurou em solilóquio:

– Será ele?...

– Ele, quem?

– Estás vendo aquele sujeito gordo, na terceira mesinha à esquerda?

– O de luto?

– Sim... O patife anda sempre de luto...

– Quem é?

– Um celerado que tem muito dinheiro e teve muitas mulheres.

– Até aí nada vejo de mais.

– *Tem muito dinheiro porque teve muitas mulheres.* Está poderoso. Ri-se do mundo e de sua justiça. Inventou um crime inédito não previsto pelas leis e com isso enriqueceu. Se um de nós o denunciasse, o patife nos processaria e nos meteria na cadeia. Note-lhe bem o tipo; raras vezes terás ocasião de topar um celerado desse tamanho.

– Mas...

– Lá fora contarei tudo. Toca a jantar.

Enquanto jantávamos examinei o sujeito, sem que nada no seu físico me parecesse estranho. Deu-me a impressão dum médico aposentado que vivesse de rendas.

Por que de médico? Não sei. As criaturas dão-me ar disto ou daquilo por força duma aura que pressinto a envolvê-las. Confesso, todavia, que minha adivinhação erra bastante. Sai-me fazendeiro um que eu previa médico, e surge-me corretor de negócios outro que eu jurava engenheiro. Creio que a falha do diagnóstico vem dos homens desrespeitarem as vocações e adotarem na vida atitudes profissionais diversas das que, por injunção natural, deviam eleger. Como no entrudo. As máscaras nunca dizem das caras verdadeiras que escondem.

Terminado o jantar, saímos em direção ao Triângulo, e lá nos abancamos num sórdido café. O meu amigo voltou ao assunto.

– Caso notável o daquele homem! Caso merecedor de novela ou conto, já que a justiça não tem forças para metê-lo na cadeia. Conheci-o no Oeste, prático de farmácia em Brotas. Um dia casou-se. Lembro-me disso porque assisti ao casamento a convite dos pais da moça. Era a Pequetita Mendes, filha dum sitiante arranjado.

Pequetita! Bem posto apelido, que não era bem mulher aquela isca de gente. Miudinha, magrinha, sequinha, sem cadeiras, sem ombros, sem seios, Pequetita não passava de um desses restolhos enfermiços que aparecem ao lado das espigas viçosas – sabuguinho débil, um grão aqui, outro ali. Apesar dos seus 25 anos, representava 13, e ao escolhê-la Panfilo – chama-se Panfilo Novais o meu facínora – espantou a todos, a começar pela moça. Como, porém, era ele pobre e ela arranjada, explicou-se financeiramente a união.

Mas nada poderia resultar de bom duma união dessa ordem, que repugnava aos homens e à natureza. Pequetita não viera ao mundo para o matrimônio. O instinto da espécie fizera-a ponto final. “Pararás aí.”

Ninguém pensou nisso, nem ela, nem os pais, nem ele – nem ele, *que depois só pensaria nisso...*

– ?

– Ouve. Casaram-se e tudo correu excelentemente até que...

– ... se separaram...

– ... até que os separou a morte. Pequetita não resistiu ao primeiro parto; faleceu após cruel intervenção cirúrgica.

Panfilo, dizem, chorou amargamente a morte da esposa, embora viessem consolá-lo os 30 contos de um seguro por ela constituído em seu favor.

A meu ver é daqui por diante que surge o criminoso. O desastre do primeiro casamento criou-lhe no cérebro um pensamento sinistro – pensamento que o iria nortear pela vida afora e que o fez, como te disse, rico e poderoso. A morte de Pequetita ensinou-lhe um crime inédito, não previsto pelas leis humanas.

– ?

– Espera. Compreenderás tudo dentro em pouco.

Decorrido um ano, o nosso homem, já dono da farmácia, apresentou-se novamente enlizado pelo amor. Aparecera por lá uma família de fora, gente pobre, mãe viúva com quatro filhas casadeiras. Três delas, lindas e viçosas, viram-se logo requestadas por todos os moços desimpedidos do lugar. Já a quarta, restolho maninguera que fazia lembrar Pequetita, só teve um par de olhos que a cobiçassem, os de Panfilo.

Pedi-a em casamento.

A mãe opôs-se – que era loucura aquilo; que a menina lhe nascera enfezada; que se queria mulher, escolhesse uma das três sadias.

Nada conseguiu. Panfilo fez pé firme e afinal casou-se.

Foi um assombro. Arranja-dote que já era, coisa nenhuma justificava tal preferência. Ele defendia-se hipocritamente, lamecha e sentimental:

– “É o meu gênero. Gosto dos bibelôs e esta me lembra a minha amada Pequetita...”.

Resumindo: dez meses depois o patife enviuvava de novo nas mesmas circunstâncias da primeira vez. Morreu-lhe de parto a mulher.

– Novo seguro?

– E grande. Desta feita a bolada subiu a 100 contos. Mudou-se de terra, então. Vendeu a farmácia e perdi-o de vista.

Anos depois fui encontrá-lo no Rio, numa casa de chá. Estava outro, elegantemente vestido, denunciando prosperidade por todos os poros. Viu-me, reconheceu-me e chamou-me para sua mesa. Conversa vai, conversa vem, contou-me que se casara pela quarta vez, havia coisa de um ano.

Assombrei-me.

– “Pela quarta?”

– “É verdade. Depois que saí daquela abençoada terrinha onde o destino me fez enviuar duas vezes, casei-me em Uberaba com a filha do Coronel Tolosa. Mas continuei perseguido pelo destino: faleceu-me essa também...”

– “Gripe?”

– “Parto...”

– “Como a primeira, então? Mas, doutor, perdoe-me a liberdade: o senhor escolhe mal as mulheres! Vai ver que essa terceira era miudinha como as anteriores”, disse eu irrefletidamente.

O homem franziu os sobrolhos e encarou-me dum modo estranho, como se lhe batera a pacuera ante a ironia dum Sherlock

disfarçado. Voltou logo ao natural, porém, e prosseguiu com serenidade:

– “Que quer? É o meu gênero. Não suporto mulheranças...”

E mudou de assunto.

Ao deixá-lo fiquei apreensivo, com a suspeita a gerar-se-me no cérebro. Liguei a estranheza dos seus modos ante a minha observação ao olhar perscrutador com que devassara meu íntimo e deixei escapar em voz alta um *Hum!* que chamou a atenção de dois ou três passantes. E o caso do doutor Panfilo ficou a verrumar-me os miolos dias e dias.

– Doutor, dizes tu?

– Está claro. O diploma veio logo atrás dos seguros, como consequência lógica. Quem nesta terra, com algumas centenas de contos no banco, permanece *senhor?*

Por curiosidade, no intuito exclusivo de esclarecer-me, tomei informações relativas à sua quarta esposa. Soube que era de Cachoeira e fisicamente do mesmo naipe das outras.

Fui além. Tratei de indagar nas companhias de seguros que negócios trazia nelas o doutor Panfilo e soube que a vida da quarta mulher estava garantida em mais de 200 contos. Com os 350 já embolsados, arredondaria ele, pela morte desta, um pecúlio de alto bordo para quem começara humildemente como prático de farmácia.

Tudo isso me consolidou em convicção a suspeita de que Panfilo era de fato um grande criminoso. Segurava as esposas e matava-as...

– Como, se morriam de parto?

– Está aí o maquiavelismo do celerado. O Barba Azul aproveitou singularmente bem a lição do primeiro matrimônio. Viu que perdera a Pequetita no primeiro parto em virtude da sua *má conformação*, da

sua inaptidão procriativa. Franzina em excesso, muito estreita de bacia...

– *Hum!*

– Foi um *hum!* assim que deixei escapar em plena rua do Ouvidor...

O miserável, que tinha olho médico, só se casou daí por diante com mulheres de vício orgânico semelhante ao da primeira. Cuidadosamente escolhia as esposas entre as predestinadas. E foi amontoando a sua fortuna.

Imagina tu agora a vida desse miserável, sempre alternando a fase de tocaia da viúvez com um ano de casamento criminoso. Escolhia a vítima, representava a comédia do amor, sagrava a união e... seguro de vida! Depois, imagina o sadismo dessa alma ao ver desenvolver-se no ventre da vítima, não o filho que ela docemente esperava, mas a bolada gorda que viria acrescentar os seus cabedais! Afez-se a tal caçada e nela aperfeiçoou-se de maneira a nunca errar o bote.

A quarta, soube-o logo depois, fora pelo mesmo caminho das outras em seguida a uma nova intervenção cirúrgica. E entraram os 200 contos. Vês tu que monstro?...

No outro dia lá estava na mesma mesa o doutor Panfilo. Entraram na sala várias moças, e pela força do hábito o seu olhar mortíco mediu num relance as ancas de cada uma. Bem-feitas de corpo que eram, nenhuma o interessou – e seu olhar desceu calmamente para o jornal que lia.

Está viúvo, pensei comigo. Anda evidentemente tocaçando a quinta mal-conformada...

O colocador de pronomes [\[10\]](#)

1920

Aldrovando Cantagalo veio ao mundo em virtude dum erro de gramática.

Durante 60 anos de vida terrena pererecou como um peru em cima da gramática.

E morreu, afinal, vítima dum novo erro de gramática.

Mártir da gramática, fique este documento da sua vida como pedra angular para uma futura e bem merecida canonização.

Havia em Itaoca um pobre moço que definhava de tédio no fundo de um cartório. Escrevente. Vinte e três anos. Magro. Ar um tanto palerma. Ledor de versos lacrimogêneos e pai duns acrósticos dados à luz no Itaoquense, com bastante sucesso.

Vivia em paz com as suas certidões quando o frechou venenosa seta de Cupido. Objeto amado: a filha mais moça do Coronel Tribertino, o qual tinha duas, essa Laurinha, do escrevente, então nos 17, e a do Carmo, encalhe da família, vesga, madurota, histérica, manca da perna esquerda e um tanto aluada.

Tribertino não era homem de brincadeiras. Esgoelara um vereador oposicionista em plena sessão da Câmara e desde aí se transformou no tutu da terra. Toda gente lhe tinha um vago medo; mas o amor, que é mais forte que a morte, não receia sobrecechos enfarruscados nem tufos de cabelos no nariz.

Ousou o escrevente namorar-lhe a filha, apesar da distância hierárquica que os separava. Namoro à moda velha, já se vê, pois que nesse tempo não existia a gostosura dos cinemas. Encontros na igreja, à missa, troca de olhares, diálogos de flores – o que havia de inocente e puro. Depois, roupa nova, ponta de lenço de seda a entremostrar-se no bolsinho de cima e medição de passos na rua dela, nos dias de folga. Depois, a serenata fatal à esquina, com o

Acorda, donzela...

sapecado a medo num velho pinho de empréstimo. Depois, bilhete perfumado.

Aqui se estrepou...

Escrevera nesse bilhete, entretanto, apenas quatro palavras, afora pontos exclamativos e reticências:

Anjo adorado!

Amo-lhe!

P...

Para abrir o jogo bastava esse movimento de peão.

Ora, aconteceu que o pai do anjo apanhou o bilhete celestial e, depois de três dias de sobreceño carregado, mandou chamá-lo à sua presença, com disfarce de pretexto – para umas certidõezinhas, explicou.

Apesar disso o moço veio um tanto ressabiado, com a pulga atrás da orelha.

Não lhe erravam os pressentimentos. Mal o pilhou portas aquém, o Coronel trancou o escritório, fechou a carranca e disse:

– A família Triburtino de Mendonça é a mais honrada desta terra, e eu, seu chefe natural, não permitirei nunca – nunca, ouviu? – que contra ela se cometa o menor deslize.

Parou. Abriu uma gaveta. Tirou de dentro o bilhete cor-de-rosa, desdobrou-o.

– É sua esta peça de flagrante delito?

O escrevente, a tremer, balbuciou medrosa confirmação.

– Muito bem! – continuou o Coronel em tom mais sereno. – Ama, então, minha filha e tem a audácia de o declarar... Pois agora...

O escrevente, por instinto, ergueu o braço para defender a cabeça e relanceou os olhos para a rua, sondando uma retirada estratégica.

– ... é casar! – concluiu de improviso o vingativo pai.

O escrevente ressuscitou. Abriu os olhos e a boca, num pasmo. Depois, tornando a si, comoveu-se e com lágrimas nos olhos disse, gaguejante:

– Beijo-lhe as mãos, Coronel! Nunca imaginei tanta generosidade em peito humano! Agora vejo com que injustiça o julgam aí fora!...

Velhacamente o velho cortou-lhe o fio das expansões.

– Nada de frases, moço, vamos ao que serve: declaro-o solenemente noivo de minha filha!

E, voltando-se para dentro, gritou:

– Do Carmo! Venha abraçar o teu noivo!

O escrevente piscou seis vezes e, enchendo-se de coragem, corrigiu o erro.

– Laurinha, quer o coronel dizer...

O velho fechou de novo a carranca.

– Sei onde trago o nariz, moço. Vassuncê mandou este bilhete à Laurinha dizendo que ama-“lhe”. Se amasse a ela deveria dizer amo-“te”. Dizendo “amo-lhe” declara que ama a uma terceira pessoa, a qual não pode ser senão a Maria do Carmo. Salvo se declara amor à minha mulher...

– Oh, Coronel...

– ... ou à preta Luzia, cozinheira. Escolha!

O escrevente, vencido, derrubou a cabeça, com uma lágrima a escorrer rumo à asa do nariz. Silenciaram ambos, em pausa de tragédia. Por fim o Coronel, batendo-lhe no ombro paternalmente, repetiu a boa lição da sua gramática matrimonial.

– Os pronomes, como sabe, são três: da primeira pessoa – quem fala, e neste caso vassuncê; da segunda pessoa – a quem se fala, e neste caso Laurinha; da terceira pessoa – de quem se fala, e neste caso Do Carmo, minha mulher ou a preta. Escolha!

Não havia fuga possível.

O escrevente ergueu os olhos e viu Do Carmo que entrava, muito lampeira da vida, torcendo acanhada a ponta do avental. Viu também sobre a secretária uma garrucha com espoleta nova ao alcance do maquiavélico pai. Submeteu-se e abraçou a urucaca, enquanto o velho, estendendo as mãos, dizia teatralmente:

– Deus vos abençoe, meus filhos!

No mês seguinte, solenemente, o moço casava-se com o encalhe, e onze meses depois vagia nas mãos da parteira o futuro professor Aldrovando, o conspícuo sabedor da língua que durante 50 anos a fio coçaria na gramática a sua incurável sarna filológica.

Até aos 10 anos não revelou Aldrovando pinta nenhuma. Menino vulgar, tossiu a coqueluche em tempo próprio, teve o sarampo da praxe, mais a caxumba e a catapora. Mais tarde, no colégio, enquanto os outros enchiam as horas de estudo com invenções de matar o tempo – empalamento de moscas e moidelas das respectivas cabecinhas entre duas folhas de papel, coisa de ver o desenho que sai –, Aldrovando apalpava com erótica emoção a gramática de Augusto Freire da Silva. Era o latejar do furúnculo filológico que o determinaria na vida, para matá-lo, afinal...

Deixemo-lo, porém, evoluir e tomemo-lo quando nos serve, aos 40 anos, já a descer o morro, arcado ao peso da ciência e combalido de rins. Lá está ele em seu gabinete de trabalho, fossando à luz dum lampeão os pronomes de Filinto Elísio. Corcovado, magro, seco, óculos de latão no nariz, creca, celibatário impenitente, dez horas de aulas por dia, 200 mil-réis por mês e o rim volta e meia a fazer-se lembrado.

Já leu tudo. Sua vida foi sempre o mesmo poento idílio com as veneráveis costaneiras onde cabeceiam os clássicos lusitanos. Versou-os um por um com mão diurna e noturna. Sabe-os de cor, conhece-os pela morrinha, distingue pelo faro uma seca de Lucena duma esfalfa de Rodrigues Lobo. Digeriu todas as patranhas de Fernão Mendes Pinto. Obstruiu-se da broa encruada de Frei Pantaleão do Aveiro. Na idade em que os rapazes correm atrás das raparigas, Aldrovando escabichava belchiores na pista dos mais esquecidos mestres da boa arte de maçar. Nunca dormiu entre braços de mulher. A mulher e o amor – mundo, diabo e carne eram para ele os alfarrábios freiráticos do quinhentismo, em cuja soporosa verborreia espapaçava os instintos lerdos, como porco em lameiro.

Em certa época viveu três anos acampado em Vieira. Depois vagamundeou, como um Robinson, pelas florestas de Bernardes.

Aldrovando nada sabia do mundo atual. Desprezava a natureza, negava o presente. Passarinho, conhecia um só: o rouxinol de Bernardim Ribeiro. E se acaso o sabiá de Gonçalves Dias vinha bicar “pomos de Hespérides” na laranjeira do seu quintal, Aldrovando esfogueteava-o com apóstrofes:

– Salta fora, regionalismo de má sonância!

A língua lusa era-lhe um tabu sagrado que atingira a perfeição com Frei Luís de Sousa, e daí para cá, salvo lucilações esporádicas, vinha chafurdando no ingranzéu barbaresco.

– A ingresia de hoje – declamava ele – está para a Língua, como o cadáver em putrefação está para o corpo vivo.

E suspirava, condoído dos nossos destinos:

– Povo sem língua!... Não me sorri o futuro de Vera Cruz...

E não lhe objetassem que a língua é organismo vivo e que a temos a evoluir na boca do povo.

– Língua? Chama você língua à garbulha bordalenga que estampam periódicos? Cá está um desses galicígrafos. Deletree-mo-lo ao acaso.

E, baixando as cangalhas, lia:

– *Teve lugar ontem...* É língua esta espurcícia negral? Ó meu seráfico Frei Luís, como te conspurcam o divino idioma estes sarrafaçais da moxinifada!

– ... *no Trianon...* Por quê, Trianon? Por que este perene barbarizar com alienígenos arrevesos? Tão bem ficava – a *Benfíca*, ou, se querem neologismo de bom cunho – o *Logratório*... Tarelos é que são, tarelos!

E suspirava deveras compungido.

– Inútil prosseguir. A folha inteira cacografa-se por este teor. Ai! Onde param as boas letras de antanho? Fez-se peru o nível cisne. Ninguém atende à lei suma – Horácio! Impera o desprimor, e o mau gosto vige como suprema regra. A gálica intrujice é maré sem vasante. Quando penetro num livreiro o coração se me confrange ante o pélogo de óperas barbarescas que nos vertem cá mercadores de má morte. E é de notar, outrossim, que a elas se vão as preferências do vulgacho. Muito não faz que vi com estes olhos um gentil mancebo preferir uma sordícia de Oitavo Mirbelo, *Canhenho duma dama de servir*^[11], creio, à... adivinhe ao quê, amigo? À *Carta de Guia* do meu divino Francisco Manuel!...

– Mas a evolução...

– Basta. Conheço às sobejas a escolástica da época, a “evolução” darwiniana, os vocábulos macacos – pitecofonemas que “evolveram”, perderam o pelo e se vestem hoje à moda de França, com vidro no olho. Por amor a Frei Luís, que ali daquela costaneira escandalizado nos ouve, não remanche o amigo na esquipática sesquipedalice.

Um biógrafo ao molde clássico separaria a vida de Aldrovando em duas fases distintas: a estática, em que apenas acumulou ciência, e a dinâmica, em que, transfeito em apóstolo, veio a campo com todas as armas para contrabater o monstro da corrupção.

Abriu campanha com memorável ofício ao Congresso, pedindo leis repressivas contra os ácaros do idioma.

– “Leis, senhores, leis de Dracão, que diques sejam, e fossados, e alcaçares de granito prepostos à defesa do idioma. Mister sendo, a força se restaure, que mais o barço merece quem conspurca o sacro patrimônio da sã vernaculidade, que quem o semelhante a vida tira. Vêde, senhores, os pronomes, em que lazeira jazem...”

Os pronomes, ai!, eram a tortura permanente do professor Aldrovando. Doía-lhe como punhalada vê-los por aí pre ou pospostos contra regras elementares do dizer castiço. E sua representação alargou-se nesse pormenor, flagelante, concitando os pais da pátria à criação dum Santo Ofício gramatical.

Os ignaros congressistas, porém, riram-se da memória e grandemente piaram sobre Aldrovando as mais cruéis chalaças.

– Quer que instituamos patíbulo para os maus colocadores de pronomes! Isto seria autocondenar-nos à morte! Tinha graça!

Também lhe foi à pele a imprensa, com pilhérias soezes. E depois, o público. Ninguém alcançara a nobreza do seu gesto, e Aldrovando, com a mortificação na alma, teve que mudar de rumo.

Planeou recorrer ao púlpito dos jornais. Para isso mister foi, antes de nada, vencer o seu velho engulho pelos “galicígrafos de papel e graxa”. Transigiu e, breve, desses “pulmões da pública opinião” apostrofou o país com o verbo tonante de Ezequiel. Encheu colunas e colunas de objurgatórias ultraviolentas, escritas no mais estreme vernáculo.

Mas não foi entendido. Raro leitor metia os dentes naqueles intermináveis períodos engrenados à moda de Lucena; e ao cabo da aspérrima campanha viu que pregara em pleno deserto. Leram-no apenas a meia dúzia de Aldrovandos que vegetam sempre em toda parte, como notas rezinguentas da sinfonia universal.

A massa dos leitores, entretanto, essa permaneceu alheia aos flamívomos pelouros da sua colubrina sem raia. E por fim os “periódicos” fecharam-lhe a porta no nariz, alegando falta de espaço e coisas.

– Espaço não há para as sãs ideias – objurgou o enxotado –, mas sobeja, e pressuroso, para quanto recende à podriqueira!... Gomorra! Sodoma! Fogos do céu virão um dia alimpar-vos a gafa!... – exclamou, profético, sacudindo à soleira da redação o pó das cambaias botinas de elástico.

Tentou em seguida ação mais direta, abrindo consultório gramatical.

– Têm-nos os físicos (queria dizer médicos), os doutores em leis, os charlatas de toda espécie. Abra-se um para a medicação da grande enferma, a língua. Gratuito, já se vê, que me não move amor de bens terrenos.

Falhou a nova tentativa. Apenas moscas vagabundas vinham esvoejar na salinha modesta do apóstolo. Criatura humana nem uma só lá apareceu a fim de remendar-se filologicamente.

Ele, todavia, não esmoreceu.

– Experimentemos processo outro, mais suasório.

E anunciou a montagem da “Agência de Colocação de Pronomes e Reparos Estilísticos”.

Quem tivesse um autógrafo a rever, um memorial a expungir de cincas, um calhamaço a compor-se com os “afeites” do lídimo vernáculo, fosse lá que, sem remuneração nenhuma, nele se faria obra limpa e escorreita.

Era boa a ideia, e logo vieram os primeiros originais necessitados de ortopedia, sonetos a consertar pés de versos, ofícios ao governo pedindo concessões, cartas de amor.

Tais, porém, eram as reformas que nos doentes operava Aldrovando, que os autores não mais reconheciam suas próprias obras. Um dos clientes chegou a reclamar.

– Professor, vossa senhoria enganou-se. Pedi limpa de enxada nos pronomes, mas não que me traduzisse a memória em latim...

Aldrovando ergueu os óculos para a testa:

– E traduzi em latim o tal INGRANZÉU?

– Em latim ou grego, pois que o não consigo entender...

Aldrovando empertigou-se.

– Pois, amigo, errou de porta. Seu caso é ali com o alveitar da esquina.

Pouco durou a Agência, morta à míngua de clientes. Teimava o povo em permanecer empapado no chafurdeiro da corrupção...

O rosário de insucessos, entretanto, em vez de desalentar exasperava o apóstolo.

– Hei de influir na minha época. Aos tarelos hei de vencer. Fogem-me à férula os maraus de pau e corda? Ir-lhes-ei empós, filá-los-ei pela gorja!... Salta rumor!

E foi-lhes “empós”. Andou pelas ruas examinando dísticos e tabuletas com vícios de língua. Descoberta e “asnidade”, ia ter com o

proprietário, contra ele desfechando os melhores argumentos catequistas.

Foi assim com o ferreiro da esquina, em cujo portão de tenda uma tabuleta – “Ferra-se cavalos” – escoicinava a santa gramática.

– Amigo – disse-lhe pachorrentamente Aldrovando –, natural a mim me parece que erres, alarve que és. Se erram paredros, nesta época de ouro da corrupção...

O ferreiro pôs de lado o malho e entreabriu a boca.

– Mas da boa sombra do teu focinho espero – continuou o apóstolo – que ouvidos me darás. Naquela tábua um dislate existe que seriamente à língua lusa ofende. Venho pedir-te, em nome do asseio gramatical, que o expunjas.

– ? ? ?

– Que reformes a tabuleta, digo.

– Reformar a tabuleta? Uma tabuleta nova, com a licença paga? Estará acaso rachada?

– Fisicamente, não. A racha é na sintaxe. Fogem ali os dizeres à sã gramaticalidade.

O honesto ferreiro não entendia nada de nada.

– Macacos me lambam se estou entendendo o que vossa senhoria diz...

– Digo que está a forma verbal com eiva grave. O “ferra-se” tem que cair no plural, pois que a forma é passiva e o sujeito é “cavalos”.

O ferreiro abriu o resto da boca.

– O sujeito sendo “cavalos” – continuou o mestre –, a forma verbal é “ferram-se” – “ferram-se cavalos!”

– Ahn! – respondeu o ferreiro –, começo agora a compreender. Diz vossa senhoria que...

– ... que “ferra-se cavalos” é um solecismo horrendo e o certo é “ferram-se cavalos”.

– Vossa senhoria me perdôe, mas o sujeito que ferra os cavalos sou eu, e eu não sou plural. Aquele “se” da tabuleta refere-se cá a este seu criado. É como quem diz: Serafim ferra cavalos – Ferra Serafim cavalos. Para economizar tinta e tábua abreviaram o meu nome, e ficou como está: Ferra Se (rafim) cavalos. – Isto me explicou o pintor, e entendi-o muito bem.

Aldrovando ergueu os olhos para o céu e suspirou.

– Ferras cavalos e bem merecias que te fizessem eles o mesmo!... Mas não discutamos. Ofereço-te 10 mil-réis pela admissão dum “m” ali...

– Se vossa senhoria paga...

Bem empregado dinheiro! A tabuleta surgiu no dia seguinte dessolecismada, perfeitamente de acordo com as boas regras da gramática. Era a primeira vitória obtida e todas as tardes Aldrovando passava por lá para gozar-se dela.

Por mal seu, porém, não durou muito o regalo. Coincidindo a entronização do “m” com maus negócios na oficina, o supersticioso ferreiro atribuiu a macaca à alteração dos dizeres e lá raspou o “m” do professor.

A cara que Aldrovando fez quando no passeio desse dia deu com a vitória borrada! Entrou furioso pela oficina adentro, e mascava uma apóstrofe de fulminar quando o ferreiro, às brutas, lhe barrou o passo.

– Chega de caraminholas, ó barata tonta! Quem manda aqui, no serviço e na língua, sou eu. E é ir andando, antes que eu o ferre com um bom par de ferros ingleses!

O mártir da língua meteu a gramática entre as pernas e moscou-se.

“*Sancta simplicitas!*”, ouviram-no murmurar na rua, de rumo à casa, em busca das consolações seráficas de Frei Heitor Pinto. Chegado

que foi ao gabinete de trabalho, caiu de borco sobre as costaneiras venerandas e não mais conteve as lágrimas, chorou...

O mundo estava perdido e os homens, sobre maus, eram impenitentes. Não havia desviá-los do ruim caminho, e ele, já velho, com o rim a resingar, não se sentia com forças para a continuação da guerra.

– Não hei de acabar, porém, antes de dar a prelo um grande livro, onde compendie a muita ciência que hei acumulado.

E Aldrovando empreendeu a realização de um vastíssimo programa de estudos filológicos. Encabeçaria a série um tratado sobre a colocação dos pronomes, ponto onde mais claudicava a gente de Gomorra.

Fê-lo, e foi feliz nesse período de vida em que, alheio ao mundo, todo se entregou, dia e noite, à obra magnífica. Saiu trabuco volumoso, que daria três tomos de quinhentas páginas cada um, corpo miúdo. Que proventos não adviriam dali para a lusitanidade! Todos os casos resolvidos para sempre, todos os homens de boa vontade salvos da gafaria! O ponto fraco do brasileiro falar resolvido de vez! Maravilhosa coisa...

Pronto o primeiro tomo – *Do pronome Se* –, anunciou a obra pelos jornais, ficando à espera da chusma de editores que viriam disputá-la à sua porta. E por uns dias o apóstolo sonhou as delícias da estrondosa vitória literária, acrescida de gordos proventos pecuniários.

Calculava em 80 contos o valor dos direitos autorais, que, generoso que era, cederia por 50. E 50 contos para um velho celibatário como ele, sem família nem vícios, tinha a significação duma grande fortuna. Empatados em empréstimos hipotecários, sempre eram seus 500 mil-réis por mês de renda a pingarem pelo resto da vida na gavetinha onde, até então, nunca entrara pelega

maior de 200. Servia, servia!... E Aldrovando, contente, esfregava as mãos, de ouvido alerta, preparando frases para receber o editor que vinha vindo...

Que vinha vindo mas não veio, ai!... As semanas se passaram sem que nenhum representante dessa miserável fauna de judeus surgisse a chatinar o maravilhoso livro.

– Não me vêm a mim? Salta rumor! Pois me vou a eles!

E saiu em via-sacra, a correr todos os editores da cidade.

Má gente! Nenhum lhe quis o livro sob condições nenhuma. Torciam o nariz, dizendo: “Não é vendável!” ou: “Por que não faz antes uma cartilha infantil aprovada pelo governo?”.

Aldrovando, com a morte na alma e o rim dia a dia mais derrancado, retesou-se nas últimas resistências.

– Fa-la-ei imprimir à minha custa! Ah!, amigos! Aceito o cartel. Sei pelejar com todas as armas e irei até ao fim. Bofé!...

Para lutar era mister dinheiro e bem pouco do vilíssimo metal possuía na arca o alquebrado Aldrovando. Não importa! Faria dinheiro, venderia móveis, imitaria Bernardo de Pallissy, não morreria sem ter o gosto de acaçapar Gomorra sob o peso da sua ciência impressa. Editaria ele mesmo um por um todos os volumes da obra salvadora.

Disse e fez.

Passou esse período de vida alternando revisão de provas com padecimentos renais. Venceu. O livro compôs-se, magnificamente revisto, primoroso na linguagem como não existia igual.

Dedicou-o a Frei Luís de Souza:

À memória daquele que me sabe as dores,

O Autor.

Mas não quis o destino que o já trêmulo Aldrovando colhesse os frutos de sua obra. Filho dum pronome impróprio, a má colocação doutro pronome lhe cortaria o fio da vida.

Muito corretamente havia ele escrito na dedicatória: ... *daquele que me sabe...* e nem poderia escrever doutro modo um tão conspícuo colocador de pronomes. Maus fados intervieram, porém – até os fados conspiram contra a língua! – e por artimanha do diabo que os rege empastelou-se na oficina esta frase. Vai o tipógrafo e recompõe-na a seu modo... *daquele que sabe-me as dores...* E assim saiu nos milheiros de cópias da avultada edição.

Mas não antecipemos.

Pronta a obra e paga, ia Aldrovando recebê-la, enfim. Que glória! Construía, finalmente, o pedestal da sua própria imortalidade, ao lado direito dos sumos cultores da língua.

A grande ideia do livro, exposta no capítulo VI – *Do método automático de bem colocar os pronomes* –, engenhosa aplicação duma regra mirífica por meio da qual até os burros de carroça poderiam zurrar com gramática, operaria como o “914” da sintaxe, limpando-a da avariose produzida pelo espiroqueta da pronominúria.

A excelência dessa regra estava em possuir equivalentes químicos de uso na farmacopeia alopata, de modo que a um bom laboratório fácil lhe seria reduzi-la a ampolas para injeções hipodérmicas, ou a pílulas, pós ou poções para uso interno.

E quem se injetasse ou engolisse uma pílula do futuro PRONOMINOL CANTAGALO, curar-se-ia para sempre do vício, colocando os pronomes instintivamente bem, tanto no falar como no escrever. Para algum caso de pronomorrea aguda, evidentemente incurável, haveria o recurso do PRONOMINOL N^o 2, onde entrava a estricnina em dose suficiente para libertar o mundo do infame sujeito.

Que glória! Aldrovando prelibava essas delícias todas quando lhe entrou casa adentro a primeira carroçada de livros. Dois brutamontes de mangas arregaçadas empilharam-nos pelos cantos, em rumas que lá se iam; e concluso o serviço um deles pediu:

– Me dá um mata-bicho, patrão!...

Aldrovando severizou o semblante ao ouvir aquele “Me” tão fora dos mancais, e tomando um exemplar da obra ofertou-a ao “doente”.

– Toma lá. O mau bicho que tens no sangue morrerá asinha às mãos deste vermífugo. Recomendo-te a leitura do capítulo sexto.

O carroceiro não se fez rogar; saiu com o livro, dizendo ao companheiro:

– Isto no “sebo” sempre renderá cinco tostões. Já serve!...

Mal se sumiram, Aldrovando abancou-se à velha mesinha de trabalho e deu começo à tarefa de lançar dedicatórias num certo número de exemplares destinados à crítica. Abriu o primeiro, e estava já a escrever o nome de Rui Barbosa quando seus olhos deram com a horrenda cinca:

“daquele QUE SABE-ME as dores.”

– Deus do céu! Será possível?

Era possível. Era fato. Naquele, como em todos os exemplares da edição, lá estava, no hediondo relevo da dedicatória a Frei Luís de Souza, o horripilantíssimo – “que sabe-me...”

Aldrovando não murmurou palavra. De olhos muito abertos, no rosto uma estranha marca de dor – dor gramatical inda não descrita nos livros de patologia –, permaneceu imóvel uns momentos.

Depois empalideceu. Levou as mãos ao abdômen e estorceu-se nas garras de repentina e violentíssima ânsia.

Ergueu os olhos para Frei Luís de Souza e murmurou:

– Luís! Luís! Lamma Sabachtani!

E morreu.

De que não sabemos – nem importa ao caso. O que importa é proclamarmos aos quatro ventos que com Aldrovando morreu o primeiro santo da gramática, o mártir número 1 da Colocação dos Pronomes.

Paz à sua alma.

Uma história de mil anos[12]

1922

– *Hu... hu...*

É como nos ínvios da mata soluça a juriti.

Dois *hus* – um que sobe, outro que desce.

O destino do *u!*... Veludo verde-negro transmutado em som – voz das tristezas sombrias. Os aborígenes, maravilhosos denominadores das coisas, possuíam o senso impressionista da onomatopeia. *Urutau, uru, urutu, inambu* – que sons definirão melhor essas criaturinhas solitárias, amigas da penumbra e dos recessos?

A juriti, pombinha eternamente magoada, é toda *us*. Não canta, geme em *u* – geme um gemido aveludado, lilás, sonorização dolente da saudade.

O caçador passarineiro sabe como ela morre sem luta ao mínimo ferimento. Morre em *u*...

Já o sanhaço é todo *as*. Ferido, debate-se, desfere bicadas, pia lancinante.

A juriti apaga-se como chama de algodão. Frágil torrão de vida, extingue-se como se extingue a vida do torrão de açúcar ao simples contato da água. Um *u* que se funde.

Como vivem e morrem juritis, assim viveu e morreu Vidinha, a linda criança afinada em *u*. E como não seria assim, se era Vidinha uma juriti humana – meiguice feita menina e moça, begônia sensível dos grotões?

Que amiga dos contrastes é a natureza!

Ali naquele barranco crescem no árido as samambaias. Rijas, ásperas, corajosas, resistem aos ventos, aos enxurros, ao cargueiro que as esbarra, ao viandante distraído que as chicoteia. Batidas, reerguem-se. Cortadas, rebrotam. Esmagadas, revijam. Cínicas!

Mais adiante, na grotta fria onde tudo é sombra e cerração, ergue-se a espaços, em meio dos caetês valentes e dos fetos rendados, a solitária begônia.

Tímida e frágil, o menor contato a mágoa. Toda ela – caule, folhas, flores – é a mesma carne tenra de criança.

Sempre os contrastes.

Os eleitos da sensibilidade, os mártires da dor – e os fortes. A juriti e o sanhaço. A begônia e a samambaia.

Vidinha, a inocente criança, era juriti e begônia.

O Destino, como os sábios, também faz suas experiências. Permite vidas a título de experiência, na tentativa de aclimar na terra seres que não são da terra.

– Vingaré Vidinha, solta no mundo em meio da alcateia humana?

Janeiro. Dia de mormaço a envolver o mundo sob a curva do céu imensamente azul.

A casa onde mora Vidinha é a única das cercanias, garça pousada no oceano verde sujo das samambaias e sapezeiros.

Que terra! Ondula em mamelões verdolengos até encontrar o céu, longe, no horizonte. Hispidez, aridez – terra outrora bendita, que o homem, senhor do fogo, transfez em deserto maldito.

Os olhos pervagam: cá e lá, até aos confins, sempre o chamalote verde-oliva da samambaia áspera – esse musgo da esterilidade.

Entristece, aquilo. Cansa a vista o sem-fim da morraria nua de árvores – e o consolo é pousar os olhos na pombinha branca da casinhola.

Como a cal das paredes cintila ao sol! E como nos enleva a alma sua pequenina moldura de árvores domésticas! Aquele pé de espirradeira todo florido; o cercado de taquara; a horta, o canteirinho de flores; o poleiro das aves nos fundos sob a fronde da guabirobeira...

Vidinha é a manhã da casa. Vive entre duas estações: a mãe – um outono, e o pai – inverno em começos. Ali nasceu e cresceu. Ali morrerá. Inocente e ingênua, do mundo só conhece o centímetro quadrado de mundo que é o pequeno sítio paterno. Imagina as coisas – não as sabe. O homem: seu pai. Quantos homens haja, todos serão assim: bons e pais. A mulher: sua mãe um tudo.

Bichos? O gato, o cão, o galo índio que canta pela alvorada, as galinhas suras. Sabe por ouvir dizer de outros muitos: da onça – gatão feroz; da anta – bicho enorme; da capivara – porco dos rios; da sucuri – cobra “desta” grossura! Veados e pacas já viu diversos mortos nas caçadas.

Longe do ermo onde está o sítio, é o mundo. Há nele cidades – casas e mais casas, pequenas e grandes, em linha, com estradas pelo meio a que chamam ruas. Nunca as viu, sonha-as. Sabe que nelas moram os ricos, seres de outra raça, poderosos que compram fazendas, plantam cafezais e mandam em tudo.

As ideias que povoam sua cabecinha bebeu-as ali na conversa caseira dos pais.

Um Deus no céu, bom, imenso, que tudo vê e ouve até o que a boca não diz. Ao lado dele, Nossa Senhora, tão boa, resplandecente, rodeada de anjos...

Os anjos! Crianças de asas e longas túnicas esvoaçantes. No oratório da casa há o retrato de um.

Seus prazeres: a vida da casa, os incidentes do terreiro.

– Venha ver, mamãe, depressa!...

– Alguma bobagem...

– ... o pintinho sura trepado nas costas do capão peva, tenteando-se nas asinhas! Venha ver que galanteza. Ei, ei... caiu!

Ou:

– Brinquinho quer por força pegar a cauda. Está que parece um pião, corropiando.

É bonita? Vidinha o ignora. Não se conhece, não faz de si nenhuma ideia. Se nem espelho possui... É, no entanto, linda, dessa lindeza das telas raras que jazem fora de moldura nos desvãos ignorados. Vestida à maneira dos pobrezinhos, vale o que não está vestido: o corado das faces, a expressão de inocência, o olhar de criança, as mãos irrequietas. Tem a beleza das begônias silvestres. Deem-lhe um vaso de porcelana e cintilará.

Cinderela, a eterna história...

O pai vive na luta silenciosa contra a aridez do solo, disputando às formigas, às geadas, à esterilidade, umas colheitinhas curtas. Não importa. Vive contente. A mãe moureja o dia inteiro nos trabalhos da casa. Cose, arruma, remenda, varre.

E Vidinha, entre eles, orquídea que floriu em tronco rude, brinca e sorri. Brinca e sorri com seus amigos: o cão, o gato, os pintos, as rolas que descem ao terreiro. Em noites escuras vêm visitá-la, cirandando em torno à casa, seus amiguinhos luminosos – os vagalumes.

Os anos passam. Os botões se fazem flor.

Um dia Vidinha entrou a sentir vagas perturbações de alma. Fugia aos brinquedos e cismava. A mãe notou a mudança.

– Em que está pensando, menina?

– Não sei. Em nada... – e suspirou.

A mãe observou-a inda uns tempos e disse ao marido:

– É lado de casar Vidinha. Está moça. Já não sabe o que quer.

Mas casa-lá como? Com quem? Não havia ali vizinhos naquele deserto, e a criança corria o risco de estiolar-se como flor estéril sem que olhos de homem casadoiro pusessem reparo em seus encantos.

Não será assim, todavia. O destino levará por diante mais uma cruel experiência.

O lobo fareja de longe a menina da capinha vermelha.

A begônia daquele deserto, filha das selvas, será caça. Será caçada por um caçador...

Está na idade do sacrifício.

O caçador não tardará.

Vem perto, piando de inambu, com a espingarda nas mãos. Trocará de bom grado, vão ver, os inambus perseguidos pela inocente juriti incauta.

– Ó de casa!

– ? ?

– Venho de longe. Perdi-me nestes carrascais, coisa de dois dias, e não posso comigo de canseira e fome. Venho pedir pousada.

Os ermitões do samambaial acolhem de braços abertos o transviado gentil.

Bonito moço da cidade. Bem-falante, maneiroso – uma sedução!

Como são belos os gaviões caçadores de inocências...

Deixou-se ficar a semana inteira. Contava coisas maravilhosas. O pai esquecia a roça para ouvi-lo, e a mãe desleixava a casa. Que sereia!

No pomar, sob o dossel das laranjeiras abotoadas:

– Nunca pensou em sair daqui, Vidinha?

– Sair? Aqui tenho casa, pai, mãe – tudo...

– Acha muito isso? Oh, lá fora é que é o lindo! Que maravilha é lá fora! O mundo! As cidades! Aqui é o deserto, prisão horrível, aridez, melancolia...

E ia contando contos das Mil e Uma Noites sobre a vida das cidades. Dizia do luxo, da magnificência, das festas, das pedrarias que cintilam, das sedas que acariciam o corpo, dos teatros, da música inebriante.

– Mas isso é um sonho...

O príncipe confirmava.

– A vida lá fora é um sonho.

E desfiava rosários inteiros de sonhos.

Vidinha, num deslumbramento, murmurava:

– É lindo! Mas tudo só para ricos.

– Para os ricos e para a beleza. Beleza vale mais que riqueza – e Vidinha é bela!

– Eu?..

O espanto da criança...

– Bela, sim – e riquíssima, se o quiser. Vidinha é diamante a lapidar. É Cinderela, hoje no borralho, amanhã princesa. Seus olhos são estrelas de veludo.

– Que ideia...

– Sua boca, ninho de colibri feito para o beijo...

– !...

A iniciação começa. E tudo na alma de Vidinha se aclara. As ideias vagas se definem. Os hieróglifos do coração se decifram. Compreende a vida enfim. Sua inquietação era amor, em casulo

ainda, a agitar-se nas trevas. Amor sem objeto, perfume sem destino. O amor é febre da idade, e Vidinha chegara à idade da febre sem o saber. Sentia-lhe o queimor no coração, mas ignorava. E sonhava.

Tinha agora a chave de tudo. O príncipe encantado viera afinal. Estava ali ele, o grande mago de palavras maravilhosas, senhor do Abre-te Sésamo da Felicidade.

E o casulo do amor rompeu-se – e a crisálida do amor, ébria de luz, fez-se ardente borboleta de amor...

O gavião da cidade, fino de fardo, havia descido no momento oportuno. Dizia-se doente e ia ficando. Sua doença chamava-se – desejo. Desejo de caçador. Ânسيا de caçador por mais uma perdiz.

E a perdiz veio-lhe para as garras, fascinada pela estonteante miragem do amor.

O primeiro beijo...

A florada maravilhosa dos beijos...

O último beijo, à noite...

Pela manhã do décimo dia:

– Que é do caçador?

Fugira...

Já não recendem os manacás. São negras as flores do jardim. Não brilham as estrelas do céu. Não cantam os passarinhos. Não luzem os vaga-lumes. O sol não alumia. A noite só traz pesadelos.

Uma coisa só não mudou: o *hu, hu* magoado da juriti lá no recesso das grotas.

Os dias de Vidinha são agora vagueios agitados pelo campo. Detém-se às vezes ante uma flor, de olhos parados, como recrescidos no rosto. E monologa mentalmente:

– Vermelha? Mentira. Cheirosa? Mentira. Tudo mentira, mentira, mentira...

Mas Vidinha é juriti, corpo e alma afinados em *u*. Não desespera, não luta, não explode. Chora por dentro e definha. Begônia silvestre que o passante brutal chicoteou, dobra no hastil quebrado, pende para a terra e murcha. Chama de algodão... Torrão de açúcar...

Estava concluída a experiência do Destino. Mais uma vez provava-se que não vive na terra o que não é da terra.

Uma cruz...

E dali por diante, se alguém falava em Vidinha, o velho pai murmurava:

– Era a nossa luz de alegria. Apagou-se...

E a mãe lacrimejante:

– Não me sai da memória a última palavra dela: “Agora um beijo, mamãe, um beijo *seu...*”.

Os pequeninos

1939

Ouvi certa vez uma conversa inesquecível. A esponja de doze anos não a esmaeceu em coisa nenhuma. Por que motivo certas impressões se gravam de tal maneira e outras se apagam tão profundamente?

Eu estava no cais, à espera do Arlanza, que me ia devolver de Londres um velho amigo já de longa ausência. O nevoeiro atrasara o navio.

– Só vai atracar às dez horas – informou-me um sabe-tudo de boné.

Bem. Tinha eu de matar uma hora de espera dentro dum nevoeiro absolutamente fora do comum, dos que negam aos olhos o consolo da paisagem distante. A visão morria a dez passos; para além, todas as formas desapareciam no algodoamento da névoa. Pensei nos fogs londrinos que o meu amigo devia trazer na alma e comecei a andar por ali à toa, entregue a esse trabalho, tão frequente na vida, de “matar o tempo”. Minha técnica em tais circunstâncias se resume em recordar passagens da vida. Recordar é reviver. Reviver os bons momentos tem as delícias do sonho.

Mas o movimento do cais interrompia amiúde o meu sonho, forçando-me a cortar e a reatar de novo o fio das recordações. Tão cheio de nós foi ele ficando que o abandonei. Uma das interrupções me pareceu mais interessante que a evocação do passado, porque a

vida exterior é mais viva que a interior – e a conversa dos três carregadores era inegavelmente “água-forte”.

Três portugueses bem típicos, já maduros; um deles de rosto singularmente amarrotado pelos anos. Um incidente qualquer ali do cais dera origem à conversa.

– Pois esse caso, meu velho – dizia um deles –, me lembra a história da ema que tive num cercado. Também ela foi vítima dum animalzinho muitíssimo menor, e que seria esmagado, como esmagamos moscas, se lhe ficasse ao alcance do bico – mas não ficava...

Esse começo assanhou a curiosidade dos companheiros.

– Como foi? – perguntaram.

– Eu nesse tempo estava de cima, dono de terras, com casa minha, meus animais de cocheira, família. Foi um ano antes daquela rodada que me levou tudo... Peste de mundo! Tão bem que eu ia indo e afundei, perdi tudo, tive de rolar morro abaixo até bater com o lombo neste cais, entregue ao mais baixo dos serviços, que é o de carregador...

– Mas como foi o caso da ema?

Os ouvintes não queriam filosofias; ansiavam por pitoresco – e o homem por fim contou, depois de sacar o cachimbo, enchê-lo, acendê-lo. Devia ser história das que exigem pontuação a baforadas.

– Eu morava em minhas terras, lá onde vocês sabem – na Vacaria, zona de campos e mais campos, aquela planura sem-fim. E há lá muita ema. Conhecem? É a avestruz do Brasil, menor que a avestruz africana, mas mesmo assim um avejão dos mais alentados. Que força tem! Domar uma ema corresponde a domar um potro. Exige o mesmo muque. Mas são aves de boa índole. Domesticam-se facilmente e eu andava querendo ter uma em meus cercados.

– São de utilidade? – perguntou o utilitário da roda.

– De nenhuma; apenas enfeitam a casa. Aparece um visitante. “Viu minha ema? – e lá o levamos a examiná-la de perto, a assombrar-se do tamanho, a abrir a boca diante dos ovos. São assim como uma laranja-baiana das graúdas.

– E o gosto?

– Nunca provei. Ovos para mim só os de galinha. Mas, como ia dizendo, fiquei com ideia de apanhar uma ema nova para domesticá-la – e um belo dia eu mesmo o consegui graças a ajuda dum quiriquiri.

A história começava a interessar. Os companheiros do narrador ouviam-no suspensos.

– Como foi? Ande logo.

– Foi num dia em que saí a cavalo para uma chegada à fazendinha do João Coruja, que morava a uns seis quilômetros do meu rancho. Montei no meu pampa e fui varando a macega. Aquilo lá não há caminho, só trilhas de vai-um pelo capim rasteiro. Os olhos alcançam longe naquele mar de verde sujo que some na distância. Fui andando. De repente vi a uns trezentos metros longe qualquer coisa que se movia na macega. Parei. Firmei a vista. Era uma ema a dar voltas num círculo estreito. “Que diabo disto será aquilo?”, perguntei comigo mesmo. Emas eu vira muitas, mas sempre a pastarem sossegadas ou a fugirem no galope, nadando com as asas curtas. Assim a dar voltas era novidade. Fiquei de rugas na testa. Que será? A gente da roça conhece muito bem a natureza de tudo; se vê qualquer coisa na “forma da lei”, não se espanta porque é o natural; mas se vê qualquer coisa fora da lei, fica logo de orelha em pé – porque não é o natural. Que tinha aquela ema para dar tantas voltas em torno do mesmo ponto? Não era da lei. A curiosidade me fez esquecer o negócio do João Coruja. Torci a rédea ao pampa e lá me fui para a ema.

– E ela fugiu no galope...

– O natural seria isso, mas não fugiu. Ora, não há ema que não fuja do homem – nem ema, nem animal nenhum. Nós somos o terror da bicharia toda. Parei o pampa a cinco passos dela e nada, nada da ema fugir. Nem me viu; continuou nas suas voltas, com ar aflito. Pus-me a observá-la, intrigado. Seria seu ninho ali? Não era. Não havia sinal de ninho. A pobre ave girava e regirava, fazendo movimentos de pescoço sempre na mesma direção, para a esquerda, como se quisesse alcançar qualquer coisa com o bico. A roda que fazia era de raio curto, aí duns três metros, e pelo amassamento do capim calculei que já havia dado umas cem voltas.

– Interessante! – murmurou um dos companheiros.

– Foi o que pensei comigo mesmo. Mais que interessante: esquisitíssimo. Primeiro, não fugir de mim; segundo, continuar nas voltas aflitas, sempre com aqueles movimentos de pescoço para a esquerda. Que seria? Apeei e fui chegando. Olhei-a de bem perto. “A coisa é embaixo da asa”, vi logo. A pobre criatura tinha qualquer coisa sob a asa, e aquelas voltas e aquele movimento de pescoço eram para alcançar o sovaco. Aproximei-me mais. Segurei-a. A ema, arquejante, não fez a menor resistência. Deixou-se agarrar. Ergui-lhe a asa e vi...

Os ouvintes suspenderam o fôlego.

– ... e vi uma coisa vermelha atracada ali, uma coisa que se assustou e voou, e foi pousar num galho seco a vinte passos de distância. Sabem o que era? Um quiriquiri...

– Que é isso?

– Um gaviãozinho dos menores que existem, assim do tamanho dum sanhaço – um gaviãozinho-carijó.

– Mas não disse que era vermelho?

– Estava vermelho do sangue da ema. Agarrara-se-lhe ao sovaco, que é um ponto despido de penas, e aferrara-se à carne com as unhas, enquanto com o bico ia arrancando nacos de carne viva e devorando-os. Aquele ponto do sovaco é o único sem defesa num corpo de ema, porque ela não o alcança com o bico. É como esse ponto que temos nas costas e não podemos coçar com as unhas. O quiriquirei conseguira localizar-se ali e estava a seguro de bicadas.

– Examinei a ferida. Pobre ema! Uma ferida enorme, assim dum palmo de diâmetro e onde o bico do quiriquirei fizera menos mal que suas garras, pois, como tinha de manter-se aferrado, ia mudando as garras à proporção que a carne dilacerada cedia. Nunca vi ferida mais arrepiante.

– Coitada!

– As emas são duma estupidez famosa, mas o sofrimento abriu a inteligência daquela. Fê-la compreender que eu era o seu salvador – e a mim entregou-se como quem se entrega a um deus. O alívio que minha chegada lhe produziu, fazendo que o quiriquirei a largasse, iluminou-lhe os miolos.

– E o gaviãozinho?

– Ah, o patife, muito vermelho do sangue da ema, lá ficou no galho seco à espera de que eu me afastasse. Pretendia retomar ao banquete! “Eu já te curo, malvado!”, exclamei, sacando o revólver. Um tiro. Errei. O quiriquirei voou para longe.

– E a ema?

– Levei-a para casa, curei-a e tive-a lá por uns meses num cercado. Por fim soltei-a. Não vai comigo isso de escravizar os pobres animaizinhos que Deus fez para vida solta. Se no cercado estava livre dos quiriquireis, era em compensação uma escrava saudosa das correrias pelo campo. Se fosse consultada, certamente

que preferiria os riscos da liberdade à segurança da escravidão. Soltei-a. “Vai, minha filha, segue o teu destino. Se outro quiriquiri te apanhar, arruma-te lá com ele.”

– Mas então é assim?

– Um velho caboclo da zona informou-me que aquilo é frequente. Esses minúsculos gaviõezinhos procuram as emas. Ficam traiçoeiramente a rondá-las, à espera de que se descuidem e levantem a asa. Eles, então, rápidos como setas, lançam-se; e se conseguem alcançar-lhes o sovaco, ali enterram as garras e ficam como carrapatos. E as emas, apesar de imensas comparadas com eles, acabam vencidas. Caem exaustas; morrem; e os malvadinhos repastam-se no carname durante dias.

– Mas como eles sabem? É o que mais admiro...

– Ah, meu caro, a natureza está inçada de coisas assim, que para nós são mistérios. Com certeza houve um quiriquiri que por acaso fez isso uma primeira vez, e como deu certo ensinou a lição aos outros. Estou convencido de que os animais ensinam uns aos outros o que vão aprendendo. Oh, vocês, criaturas da cidade, não imaginam que coisas interessantes há na natureza da roça...

O caso da ema foi comentado sob todos os ângulos – e deu um broto. Fez sair da memória do carregador de cara amarrotada uma história vagamente similar, em que bichinhos muito pequenos destruíram a vida moral dum homem.

– Sim, destruíram a vida dum bicho imensamente maior, como sou eu em comparação com as formigas. Fiquem vocês sabendo que a mim aconteceu coisa ainda pior que o acontecido à ema. Fui vítima dum formigueiro...

Todos arregalaram os olhos.

– Só se já foste hortelão e as formigas te comeram a fazenda – sugeri um.

– Nada disso. Comeram-me mais que a fazenda, comeram-me a alma. Destruíram-me moralmente – mas foi sem querer. Pobrezinhas! Não as culpo de nada.

– Conta lá isso depressa!, Manuel. O Arlanza não tarda.

E o velho contou.

– Eu era o fiel da firma Toledo & Cia., com obrigação de tomar conta daquele grande armazém da rua Tal. Vocês sabem que tomar conta dum depósito de mercadorias é coisa séria, porque o homem se torna o único responsável por tudo quanto entra e sai. Ora, eu, português dos antigos, desses de antes quebrar que torcer, fui escolhido para “fiel” porque era fiel – era e sou. Não valho nada, sou um pobre homem ao léu, mas honradez está aqui. Meu orgulho sempre foi esse. Criei reputação desde menino. “O Manuel é dos bons; quebra mas não torce.” Pois não é que as formigas me quebraram?

– Conta lá isso depressa...

– A coisa foi assim. Na qualidade de fiel do armazém, nada entrava nem saía sem ser por minhas mãos. Eu fiscalizava tudo e com tal severidade que Toledo & Cia. juravam sobre mim como sobre a Bíblia. Certa vez entrou lá uma partida de 32 sacos de arroz, que contei, conferi e fiz empilhar a um canto, junto a uma pilha de velhos caixões que lá estavam encostados de muito tempo. Trinta e dois. Contei-os e recontei-os e escrevi no livro de entradas 32, nem mais um, nem menos um. E no dia seguinte, conforme velho hábito meu, ainda me fui à pilha e recontei os sacos. Trinta e dois.

– Pois muito que bem. O tempo se passa. O arroz lá fica meses à espera de negócio, até que um dia recebo do escritório ordem para entregá-lo ao portador. Vou dirigir a entrega. Fico na porta do armazém conferindo os sacos que por ali passavam às costas de dois carregadores – um, dois, vinte, 31... Faltava o último.

– “Anda com isso!” –, berrei ao carregador que fora buscá-lo, mas o bruto aparece-me lá dos fundos com as mãos vazias: – “Não há mais nada”.

– “Como não há mais nada?”, exclamei. – “São 32. Falta um. Vá buscá-lo, vá ver.”

– Ele foi e voltou na mesma: – “Não há mais nada”.

– “Impossível!”. E fui eu mesmo fazer a verificação e nada achei. Misteriosamente desaparecera um saco de arroz da pilha...

– Aquilo pôs-me tonto de cabeça. Esfreguei os olhos. Cocei-me. Voltei ao livro de entradas; reli o assento; claro como o dia: 32. Além disso eu lembrava-me muito bem daquela partida por causa dum incidente agradável. Logo que terminei a contagem eu havia dito “32, última dezena do Camelo!”, e aproveitei o palpite na venda da esquina. Mil-réis na dezena 32: de tarde apareceu-me o empregadinho com 80 mil-réis. Dera o Camelo com 32.

– Vocês bem sabem que essas coisas a gente não esquece. Eram pois 32 sacas – e como então só estavam lá 31? Pus-me a parafusar. Furtar ninguém furtara, porque eu era o mais fiél dos fiéis, não arredava pé da porta e dormia lá dentro. Janelas gradeadas de ferro. Porta, uma só. Que ninguém furtara o saco de arroz era coisa que eu juraria perante todos os tribunais do mundo, como o jurava para a minha consciência. Mas a saca de arroz desaparecera... e como era?

– Tive de comunicar ao escritório o desaparecimento – e foi o maior vexame da minha vida. Porque nós, operários, temos a nossa honra, e a minha honra era aquela – era ser o único responsável por tudo quanto entrasse e saísse daquele depósito.

– Chamaram-me ao escritório.

– “Como explica a diferença, Manuel?”

– Cocei a cabeça.

– “Meu senhor”, respondi ao patrão, “bem quisera eu explicá-la, mas por mais que torça os miolos não o consigo. Recebi os 32 sacos de arroz; contei-os e recontei-os, e tanto eram 32 que nesse dia deu essa dezena e ‘mamei’ do vendeiro da esquina 80 ‘paus’. O arroz demorou lá meses. Agora recebo ordem para entregá-lo ao caminhão. Vou presidir à retirada e só encontro 31. Furtá-lo, ninguém o furtou; isso juro, porque a entrada do armazém é uma só e eu sempre fui cão de fila – mas o fato é que o saco de arroz desapareceu. Não sei explicar o mistério.

– As casas comerciais têm que seguir certas normas, e se eu fosse o patrão faria o que ele fez. Já que era o Manuel o responsável único, se não havia explicação para o mistério, pior para o Manuel.

– “Manuel”, disse o patrão, “a nossa confiança em você sempre foi completa, como você muito bem sabe, confiança de doze anos; mas o arroz não podia ter-se evaporado como água ao fogo. E como desapareceu um saco podem desaparecer mil. Quero que você mesmo nos diga o que devemos fazer”.

Respondi como devia.

– “O que há a fazer, meu senhor, é despedir o Manuel. Ninguém furtou a saca de arroz, mas a saca de arroz confiada à guarda do Manuel desapareceu. O que o patrão tem a fazer é fazer o que o Manuel faria se estivesse em seu lugar: despedi-lo e contratar outro.”

O patrão disse:

– “Muito lamento ter de agir assim, Manuel, mas tenho sócios que me fiscalizam os atos, e serei criticado se não fizer como você mesmo me aconselha”.

O velho carregador parou para avivar o cachimbo.

– E foi assim, meus caros, que depois de doze anos de serviço no armazém de Toledo & Cia. fui para o olho da rua, suspeitado de

ladrão por todos os meus colegas. Se ninguém podia furtar aquele arroz e o arroz desaparecera, qual o culpado? O Manuel, evidentemente.

– Fui para a rua, meus caros, já velhusco e sem carta de recomendação, porque recusei a que a firma me quis dar por esmola. Em boa consciência, que carta poderiam dar-me os senhores Toledo & Cia.?

– Ah, o que sofri! Saber-me inocente e sentir-me suspeitado – e sem meios de defesa. Roubar é roubar, seja 1 mil-réis, sejam contos. Cesteiro que faz um cesto faz um cento. E eu, que era um homem feliz porque compensava a minha pobreza com a fama de honestidade sem par, rolei para a classe dos duvidosos. E o pior era o rato que me roía os miolos. Os outros podiam satisfazer-se atribuindo a mim o furto, mas eu, que sabia da minha inocência, não arrancava aquele rato da cabeça. Quem tiraria de lá o saco de arroz? Esse pensamento ficou-me lá dentro como um berne dos cabeludos.

– Dois anos se passaram, em que envelheci dez. Um dia recebo recado da firma, “que aparecesse no escritório”. Fui.

– “Manuel”, disse-me o mesmo chefe que me despedira, “o misterioso desaparecimento do saco de arroz está decifrado e você reabilitado da maneira mais completa. Ladrões tiraram de lá o arroz sem que você visse...”

– “Não pode ser, meu senhor! Tenho orgulho do meu trabalho de guarda. Sei que ninguém entrou lá durante aqueles meses. Sei.”

O chefe sorriu.

– “Pois saiba que inúmeros ladrõezinhos entraram e saíram com o arroz.”

Fiquei tonto. Abri a boca.

– “Sim, as formigas...”

– “As formigas? Não estou entendendo nada, patrão...”

– Ele contou então tudo. A partida dos 32 sacos fora arrumada, como já disse, junto a uma pilha de velhos caixões vazios. E o último saco ficava pouco acima do nível do último caixão – disso eu me lembrava perfeitamente. Fora esse o saco desaparecido. Pois bem. Um belo dia o escritório dá ordem ao novo fiel para remover de lá os caixões. O fiel executa-a – mas ao fazê-lo nota uma coisa: grãos de arroz derramados no chão, em redor dum olheiro de formigas-saúvas. Foram as saúvas as roubadoras da saca de arroz número 32!

– Como?

– Subiram pelos interstícios da caixotaria e furaram o saco último, o qual ficava um pouco acima do nível do último caixão. E foram retirando os grãos um a um. Com o progressivo esvaziar-se, o saco perdeu o equilíbrio e escorregou da pilha para cima do último caixão – e nessa posição as formigas completaram o esvaziamento...

– E...

– Os senhores Toledo & Cia. pediram-me desculpas e ofereceram-me de novo o lugar, com paga melhorada a título de indenização. Sabem o que respondi? “Meus senhores, é tarde. Já não me sinto o mesmo. O desastre matou-me por dentro. Um rato roubou-me todo o arroz que havia dentro de mim. Deixou-me o que sou: carregador do porto, saco vazio. Já não tenho interesse em nada. Continuarei portanto carregador. É serviço de menos responsabilidade – além de que este mundo é uma pinoia. Pois um mundo onde uns bichinhos inocentes dão cabo da alma dum homem, então isso é lá mundo? Obrigado, meus senhores!”, e saí.

Nesse momento o Arlanza apitou. O grupo dissolveu-se e também eu fui colocar-me a postos. O amigo de Londres causou-me má impressão. Magro, corcovado.

– Que te aconteceu, Marinho?

– Estou com os pulmões afetados.

Hum!, sempre a mesma coisa – o pequenininho a derrear o grande. Quiriquiri, saúva, bacilo de Koch...

A facada imortal

1942

Todos os tratados de xadrez descrevem a célebre partida jogada por Philidor no século XVIII, a mais romântica que os anais enxadrísticos mencionam. Tão sábia foi, tão imprevista e audaciosa, que recebeu o nome de *Partida imortal*. Embora depois dela se jogassem pelo mundo milhões de partidas de xadrez, nenhuma ofuscou a obra-prima do famoso Philidor André Danican.

Também a “facada” do Indalício Ararigboia, um saudoso amigo morto, se vem perpetuando nos anais da alta malandragem como a *La Gioconda* do gênero ou como está admitido nas rodas técnicas – a *Facada imortal*. Indalício foi positivamente o Philidor dos faquistas.

Lembro-me bem: era um rapaz lindo, de olhos azuis e voz suavíssima; as palavras vinham-lhe como pêssegos embrulhados em paina, e sabiamente camaralentadas, porque, dizia ele, o homem que fala depressa é um perdulário que deita fora o melhor ouro da sua herança. Ninguém dá tento ao que esse homem diz, porque *quod abundat nocet*. Se não valorizamos nós mesmos as nossas palavras, como pretendemos que os outros as prezem? Meu mestre nesse ponto foi o general Pinheiro Machado, num discurso que lhe ouvi certa vez. Que astuciosa e bem calculada lentidão! Entre uma palavra e outra o Pinheiro punha um intervalo de segundos, como se sua boca estivesse perdigotando pérolas. E a assistência o ouvia com religiosa unção, absorvendo como pérolas o que como pérolas

era emitido. Substantivos, adjetivos, verbos, advérbios e conjunções caíam sobre os ouvintes como seixos lançados à lagoa; e antes que cada um chegasse bem lá no fundo, o general não soltava outro. Cacetéssimo, mas de alta eficiência.

– Foi ele então o teu mestre na arte de falar valorizadamente...

– Não. Nasci sonolento. O Pinheiro apenas me abriu os olhos quanto ao valor monetário do dom que a natureza me dera. Depois de ouvir esse seu discurso é que passei a dedicar-me à nobre arte de fazer com os homens o que fazia Moisés nas rochas do deserto.

– Fazê-los “sangrar”...

– Exatamente. Vi que se somasse minha natural lentidão do falar com alguma psicologia vienense (Freud, Adler), o dinheiro dos homens me atenderia como as galinhas atendem ao *quit, quit* das donas de casa. Para cada bolso há uma chave Yale. Minha técnica se resume hoje em só abordar a vítima depois de descobrir a chave certa.

– E como o consegues?

– Tenho minha álgebra. Considero os homens equações do terceiro grau – equações psicológicas, está claro. Estudo-os, deduzo, concludo – e esfaqueio com precisão praticamente absoluta. O mordedor comum é um ser indecoroso, digno do desprezo que lhe dá a sociedade. Pedincha, implora; apenas desenvolve, sem a menor preocupação estética, o surrado cantochão do mendigo: “Uma esmolinha pelo amor de Deus!”. Comigo, não! Assumi essa atitude (porque o pedir é uma atitude na vida), primeiro, por esporte; depois, com o fito de reabilitar uma das mais velhas profissões humanas.

– Realmente, a intenção é nobilíssima...

Indalício racionalizara a “mordedura” ao ponto da sublimação. Citava filósofos gregos. Mobilizava músicos de fama.

– Liszt, Mozart, Debussy, dizia ele, nobilitaram essa coisa comum chamada “som” à força de harmonizá-lo de certo modo. O escultor nobilitará até um paralelepípedo de rua, se lhe der forma estética. Por que não nobilitaria eu o deprimentíssimo ato de pedir? Quando lanço a minha facada, sempre depois de sérios estudos, a vítima não me dá o seu dinheiro, apenas paga a finíssima demonstração técnica com que o tonteio. Paga-me a facada do mesmo modo que o amador de pintura paga o arranjo de tintas que o pintor faz sobre uma estopa, um quadrado de papelão, uma relíssima tábua. O faquista comum, notem, nada dá em troca do miserável dinheirinho que tira. Eu dou emoções gratíssimas à sensibilidade das criaturas finas. Minha vítima tem que ser fina. O simples fato da minha escolha já é um honroso diploma, porque nunca me desonrei em esfaquear criaturas vulgares, de alma grosseira. Só procuro gente na altura de compreender as sutilezas das paisagens de Corot ou dos versos de Verlaine.

Como se requintava a formosura do Indalício nos momentos em que discorria assim! Envolvia-o a aura dos predestinados, dos apóstolos que se sacrificam para aumentar de alguma coisa a beleza do mundo. De sua barba loura, à Cristo, escapavam os suaves reflexos de *cendré*. As frases fluíam-lhe da boca de fino desenho como o óleo ou o mel escorre duma ânfora grega suavemente inclinada. Suas palavras traziam patins aos pés. Tudo no Indalício eram mancais de esferas. Talvez o ajudasse a circunstância de ser surdinho. Isso de não ouvir bem põe veludos em certas pessoas, dá-lhes um macio de violoncelo. Como não se distraem com a vulgaridade dos sons que todos nós normalmente ouvimos, atentam mais em si próprios, “ouvem-se mais”, concentram-se.

Nosso costume naquele tempo era reunir-nos todas as noites no velho Café Guarany com y grego – a reforma ortográfica ainda

dormia no calcanhar do Medeiros de Albuquerque; ficávamos ali horas trabalhando para a Antártica e comentando as proezas de cada um. Rodinha muito interessante e vária, cada um com a sua mania, a sua arte ou a sua tara. Ligava-nos apenas uma coisa: o pendor comum pelas finuras mentais em qualquer campo que fosse, literatura, perfídia, oposição ao governo, arte de viver, amor. Um deles era absolutamente ladrão – desses que a sociedade trancafia. Mas que ladrão engraçado! Estou hoje convencido de que roubava unicamente com um fim: deslumbrar a rodinha com a primorosa estilização das proezas. Outro era bêbado profissional – e talvez pela mesma razão: informar à roda sobre o que é a vida do clã de adoradores do álcool que passam a vida nas “botecas”. Outro era o Indalício...

– E antes, Indalício? Que é que fazias?

– Ah, perdia o tempo numa escola do Rio como professor de meninos. Nada mais desinteressante. Fugi, farto e refarto. Odeio qualquer atividade vazia dessa “emoção da caça”, que considero a coisa suprema da vida. Fomos caçadores durante milhões e milhões de anos, na nossa longuíssima fase de homens primitivos. A civilização agrícola é coisa de ontem, e por isso ainda espinoteiam com tanta vivacidade, dentro do nosso modernismo, os velhos instintos do caçador. Continuamos os caçadores que éramos, apenas mudados de caça. Como nestas cidades de hoje não existem aqueles *Ursus speleus* que no período das cavernas nós caçávamos (ou nos caçavam), matamos a sede do instinto com as amáveis cacinhas da civilização. Uns caçam meninas bonitas, outros caçam negócios, outros caçam imagens e rimas. O Breno Ferraz caça boatos contra o governo...

– E eu, que caço? – perguntei.

– Antíteses – respondeu de pronto o Indalício. – Fazes contos, e que é o conto senão uma antítese estilizada? Eu caço otários, com a espingarda da psicologia. E como isso me dá para viver folgadoamente, não quero outra profissão. Tenho prosperado. Calculo que nestes últimos três anos consegui remover do bolso alheio para o meu cerca de 200 contos de réis.

Aquela revelação fez que o nosso respeito pelo Indalício aumentasse de dez pontos.

– E sem abusar – continuou ele –, sem forçar a nota, porque meu intento nunca foi acumular dinheiro. Em dando para o passado à larga, está ótimo. O lucro maior que obtenho, entretanto, está na contenteza de alma, na paz da consciência – coisas que nunca tive nos anos em que, como professor de educação moral, eu transmitia às inocentes crianças noções que hoje considero absolutamente falsas. As nevralias da minha consciência naquela época, quando provava nas aulas, com infames sofismas, que a linha reta é o caminho mais curto entre dois pontos!

Com o perpassar do tempo o Indalício desprezou completamente as facadas simples, ou do “primeiro grau”, como dizia ele, isto é, as que apenas produzem dinheiro. Passou a interessar-se unicamente pelas que representavam “soluções de problemas psicológicos” e lhe davam, além do íntimo prazer da façanha, a mais pura glória ali na rodinha. Uma noite desenvolveu-nos o teorema do máximo...

– Sim, cada homem, em matéria de facada, tem o seu máximo; e o faquista que arranca 100 mil-réis dum freguês cujo máximo é de 1 conto, lesa-se a si próprio – e ainda perturba a harmonia universal. Lesa-se em 900 mil-réis e interfere na ordem preestabelecida do cosmos. Aqueles 900 mil-réis estavam predestinados a mudarem-se de bolso *naquele dia, naquela hora, por meio daqueles agentes*; a inépcia do mau faquista perturba a predestinação, dessa arte criando uma

ondulazinha de desarmonia que até ser reabsorvida contribui para o mal-estar do Universo.

Essa filosofia ouvimo-la no dia do seu “grande deslize”, quando o Indalício nos apareceu no Guarany seriamente incomodado com a perturbação que essa sua “mancada” podia estar determinando na harmonia das esferas.

– Errei – disse ele. – Meu assalto foi contra o Macedo, que, vocês sabem, é a maior vítima dos mordedores de São Paulo. Mas fui precipitado em minhas conclusões quanto ao seu máximo e dei-lhe um golpe de 2 contos apenas. A prontidão com que atendeu, *reveladora de que estava ganhando 3*, demonstrou-me, da maneira mais evidente, que o máximo do Macedo é de 5 contos! Perdi, pois, 3 contos... E o pior não está nisso, mas na desconfiança em que fiquei de mim mesmo. Estarei por acaso decaindo? Nada mais grotesco do que ferir em 80 ao otário cujo máximo é de 100. O bom atirador não gosta de acertar perto. Há de enfiar as balas, exatinho, no centro geométrico do alvo.

Nesse dia foram necessários dez chopes para abafar a inquietação do Indalício; e ao recolher-nos, lá pela meia-noite, saí com ele a pretexto de consolá-lo, mas na realidade para impedi-lo de passar pelo Viaduto. Mas afinal descobri a aspirina adequada ao caso.

– Só vejo um meio de te restaurares na confiança perdida, meu caro Indalício: dares uma facada no Raul! Se o consegues, terás realizado a proeza suprema de tua vida. Que tal?

Os olhos do Indalício iluminaram-se, como os do caçador que depois de perder um quati dá de frente com um precioso veado – e foi assim que teve início a construção da grande obra-prima do nosso saudoso Indalício Ararigboia.

O Raul, velho companheiro de roda, tinha-se, e era tido, como absolutamente imune a facadas. Rapaz de modestas posses, vivia duns 400 mil-réis mensalmente drenados do governo; mas tratava-se bem, vestia-se com singular apuro, usava lindas gravatas de seda, bons sapatos; para perpetuar semelhante proeza, entretanto, adquirira o hábito de não pôr fora dinheiro nenhum, e hermeticamente fechara o corpo a facadas, por mínimas que fossem. Recebido o ordenado no começo do mês, pagava as contas, as prestações, retinha os miúdos do bonde e pronto – ficava até o mês seguinte leve como um beija-flor. Em matéria de facadas sua teoria sempre fora de negação absoluta.

– “Morre” quem quer – dizia ele. – Eu por exemplo não sangrarei nunca porque de há muito *deliberei* não sangrar! O mordedor pode atacar-me de qualquer lado, norte, sul, leste, oeste, a jusante ou a montante, e com uso de todas as armas, inclusive as do arsenal do Indalício: inútil! Não sangro, pelo simples fato de haver deliberado não sangrar – além de que por sistema não ando com dinheiro no bolso.

Indalício não ignorava a inexpugnabilidade do Raul, mas como se tratasse dum companheiro de roda nunca pensou em tirar o ponto a limpo. Minha sugestão daquele dia, porém, fê-lo mudar de ideia. A inexpugnabilidade do Raul entrou a irritá-lo como intolerável desafio à sua genialidade.

– Sim – disse o Indalício –, porque verdadeiramente imune a facadas não creio que haja ninguém no mundo. E se alguém, como o Raul, faz essa ideia de si, é que nunca foi abordado por um verdadeiro mestre – um Balzac como eu. Hei de destruir a inexpugnabilidade do Raul; e se meu golpe vier a falhar, talvez até me suicide com a pistola de Vatel. Viver desonrado aos meus próprios olhos, nunca!

E Indalício pôs-se a estudar o Raul a fim de descobrir-lhe o máximo – sim, porque até no caso do Raul aquele gênio insistia em ferir no máximo! Duas semanas depois confessou-me, com a habitual suavidade:

– O caso está resolvido. O Raul realmente jamais levou facada e considera-se em absoluto imune – mas lá no fundo da alma, ou do inconsciente, está inscrito o seu máximo: 5 mil-réis! Tenho orgulho em revelar a minha descoberta. Raul considera-se inesfaqueável, e jurou morrer sem a menor cicatriz no bolso; a sua consciência, portanto, não admite máximo nenhum. *Mas o máximo do Raul é de 5!* Para chegar a essa conclusão tive de insinuar-me nos desvãos de sua alma com a gazuca do Freud.

– Só 5?

– Sim. Só 5 – e máximo absoluto! Se o Raul se psicanalisasse, descobriria, com assombro, que apesar das suas juras de imunidade a natureza o colocou na asa dos 5.

– E vai o nosso Balzac sujar-se com uma facada de 5 mil-réis! Em que ficou a tua fixação do mínimo em 200?

– De fato, hoje não dou facadas de menos de 200, e me julgaria desonrado se me abaixasse a uma de 180. Mas o caso do Raul, especialíssimo, me força a abrir uma exceção. Vou esfaqueá-lo em 50 mil-réis...

– Por que 50?

– Porque ontem, inopinadamente, a minha álgebra psicológica demonstrou que há possibilidade de um segundo máximo no Raul, não de cinco, como está inscrito no seu inconsciente, mas de dez vezes isso, como consegui ler na aura desse inconsciente!...

– No inconsciente do inconsciente!...

– Sim, na verdadeira estratosfera do inconsciente raulino. Mas só serei bem-sucedido se não errar na escolha do momento mais

favorável, e se conseguir deixar em ponto de bala por meio da aplicação de diversas cocaínas psicológicas. Só quando Raul se sentir levantado, expandido, com a alma bem rarefeita, é que sangrará no máximo astral que eu descobri!...

Mais um mês gastou o Indalício em estudos do Raul. Certificou-se do dia em que lhe pagavam no Tesouro, do quanto lhe levavam as contas e prestações, e quanto costumava sobrar-lhe depois de satisfeitos todos os compromissos. E não há por aqui toda a série de preparos psicológicos, físicos, metapsíquicos, mecânicos e até gastronômicos a que o gênio do Indalício submeteu o Raul; encheria páginas e páginas. Resumirei dizendo que o ataque em voo *piqué* só seria realizado depois do completo "condicionamento" da vítima por meio da sábia aplicação de todos os "matadores". O nosso pobre Indalício faleceu sem saber que estava lançando os fundamentos do moderno totalitarismo...

No dia 4 do mês seguinte avisou-me da iminência do golpe.

– Vai ser amanhã, às oito da noite, no Bar Baron, quando o Raul cair na leve crise sentimental que lhe provocam certas passagens da *Petit Chose* de Daudet, recordadas entre a segunda e a terceira dose do meu vinho...

– Que vinho?

– Ah, um que descobri em estudos *in anima nobile* – nele mesmo: a única vinhaça que de mistura com o Daudet do *Petit Chose* deixa o Raul, durante meio minuto, sangrável no máximo astral! Vocês vão abrir a boca. Estou positivamente criando a minha obra-prima! Aparece amanhã no Guarany às nove horas para ouvires o resto...

No dia seguinte fui ao Guarany às oito e já lá encontrei a roda. Pu-los ao par dos desenvolvimentos da véspera e ficamos a comentar os prós e contras do que àquela hora estaria se passando no Bar Baron. Quase todas jogavam no Raul.

Às nove entrou o Indalício, suavemente. Sentou-se.

– Então? – perguntei.

Sua resposta foi tirar do bolso e sacudir no ar uma nota nova de 50 mil-réis.

– Fiz um trabalho preparatório perfeito demais para que me falhasse o golpe – disse ele. – No momento decisivo bastou-me um *quit, quit* dos mais simples. Os 50 *fluíram* do bolso do Raul para o meu – contentes, felizes, alegrinhos...

O assombro da roda chegou ao auge. Era realmente escachante aquele prodígio!

– Maravilhoso, Indalício! Mas põe isso em troco miúdo – pedimos. E ele contou:

– Nada mais simples. Depois do preparo do terreno, a técnica foi, entre a segunda e a terceira dose da vinhaça e o Daudet, ferir fundo nos 50 – e o que eu esperava ocorreu. Ultrassurpreso de haver no globo quem o avaliasse em 50 mil-réis, a ele, que na intimidade trevosa do subconsciente só admitia o miserável máximo de 5, Raul deslumbrou-se... Raul perdeu o controle de si próprio... sentiu-se levitado, rarefeito por dentro, estratosférico – e com os olhos emparvecidos meteu a mão no bolso, sacou tudo quanto havia lá, exatamente esta nota, e entregou-ma, sonambúlico, num incoercível impulso de gratidão! Instantes depois voltava a si. Corou como a romã, formalizou-se, e só não me agrediu porque a minha sábia fuga estratégica não lhe deu tempo...

Maravilhamo-nos sinceramente. Aquela Yale psicológica era talvez a única, dos milhões de chaves existentes no universo, capaz de abrir a carteira do Raul para um faquista; e o tê-la descoberto e manejado com tanta segurança era coisa que indiscutivelmente vinha fechar com chave de ouro a gloriosa carreira do Indalício como

de fato fechou: meses depois a gripe espanhola de 1918 nos levava esse precioso e amável amigo.

– Parabéns, Indalício! – exclamei. – Só a má-fé te negará o dom da genialidade. A *Partida imortal* do grande Philidor já não está sem pendante no mundo. Criaste a *Facada imortal*.

Como ninguém da roda jogasse xadrez, todos me olharam perguntativamente. Mas não houve tempo para explicações. Vinha entrando o Raul. Sentou-se, calado, contido. Pediu uma caninha (sinal de rarefação no bolso). Ninguém disse nada. Esperamos que ele se abrisse. Indalício estava profundamente absorvido nos “Pingos e Respingos” dum *Correio da Manhã* sacado do bolso.

Súbito, veio-me uma infinita vontade de rir, e foi rindo que rompi o silêncio:

– Então, seu Raul, caiu, hein?...

Realmente desapontado, o querido Raul não achou a palavra chistosa, o “espírito” com que em qualquer outra circunstância comentaria um seu desazo qualquer. Limitou-se a sorrir amareladamente e a emitir um “Pois é!...” – o mais desenxabido “Pois é” ainda pronunciado no mundo. Tão desenxabido que o Indalício engasgou-se de rir... com o “Pingo” que lia.

A policitemia de Dona Lindoca

Dona Lindoca não era feliz. Quarentona bem puxada apesar dos 37 anos em que fizera finca-pé, via pouco a pouco chegar a velhice com seu empaste de feições, rugas e macacoas.

Não era feliz, porque nascera com o gênio da ordem e do asseio meticoloso – e gente assim passa a vida a amofinar-se com criados e coisinhas. E como também nascera casta e amorosa, não ia com o desamor e desrespeito do mundo. O marido jamais lhe retribuía o amor com os mimos entressonhados em noiva. Não tinha “caídos”, nem usava para a sua sensibilidade, sempre menineira, desses pequeninos nadas cariciosos que para certas criaturas constituem a suprema felicidade na terra.

Isso, porém, não traria a Dona Lindoca mal de monta, excedente a suspiros e queixas às amigas, se a certeza da infidelidade do Fernando não viesse um dia estragar tudo. Estava a boa senhora a escovar-lhe o paletó quando sentiu vago aroma suspeito. Foi logo aos bolsos – e apanhou o corpo do delito num lencinho perfumado.

– Fernando, você deu agora para usar perfume? – indagou a santa esposa aspirando o lenço comprometedor. – E “Coeur de Jeannette”, inda mais...

O marido, pegado de surpresa, armou a cara mais alvar de toda a sua coleção de “caras circunstanciais” e murmurou o primeiro rebate sugerido pelo instinto de defesa:

– Você está sonhando, mulher...

Mas teve que render-se à evidência, logo que a esposa lhe chegou ao nariz o crime.

Há coisas inexplicáveis, por mais lépida que seja a presença de espírito de um homem traquejado. Lenço cheiroso em bolso de marido que jamais usou perfume, eis uma. Põe em ti o caso, leitor, e vai estudando desde já uma saída honrosa para a hipótese de te suceder o mesmo.

– Pilhéria de mau gosto do Lopes...

O melhor que lhe acudiu foi lançar à conta do espírito brincalhão do seu velho amigo Lopes mais aquela. Dona Lindoca, está claro, não engoliu a grosseira pílula – e desde aquele dia entrou a suspirar suspiros de um novo gênero, com muita queixa às amigas sobre a corrupção dos homens.

Mas a realidade era diferente de tudo aquilo. Dona Lindoca não era infeliz; seu marido não era um mau marido; seus filhos não eram maus filhos. Gente toda ela muito normal, vivendo a vida que todas as criaturas normais vivem. Dava-se apenas o que se dá sempre na existência da generalidade dos casais pacíficos. A peça matrimonial “Multiplicai-vos” tem um segundo ato em excesso trabalhoso na procriação e criação dos rebentos. É uma dobadoura de anos, na qual os atores principais mal têm tempo de cuidar de si, tanto lhes monopolizam as energias os cuidados absorventes da prole. Nesse período longo e rotineiro, quanto perfume vago não trouxe da rua o doutor Fernando! Mas olfato da esposa, sempre saturado com o cheirinho das crianças, jamais deu tento de nada.

Um dia, porém, começou a dispersão. Casaram-se as filhas e os filhos foram deixando o borrar um por um, como passarinhos que já sabem fazer uso das asas. E como o esvaziamento do lar ocorreu no período muito curto de dois anos, o vácuo trouxe a Dona Lindoca uma penosa sensação de infelicidade.

O marido não mudara em coisa nenhuma, mas como só agora Dona Lindoca tinha tempo de dar-lhe atenção, parecia-lhe mudado. E queixava-se dos seus eternos negócios fora de casa, da sua indiferença, do seu "desamor". Certa vez, perguntou-lhe ao jantar:

– Fernando, que dia é hoje?

– Treze, filha.

– Treze só?

– Está claro que treze só. Impossível que fosse treze e mais alguma coisa. É da aritmética.

Dona Lindoca arrancou um suspiro dos mais sucados.

– Essa aritmética antigamente era bem mais amável. Pela aritmética antiga, hoje não seria treze só e sim treze de julho...

O doutor Fernando bateu na testa.

– É verdade, filha! Não sei como me escapou que é hoje dia dos teus anos. Esta cabeça...

– Essa cabeça não falha quando as coisas a interessam. É que para você eu já passei... Mas console-se, meu caro. Não me ando sentindo bem e breve deixarei você livre no mundo. Poderá então, sem remorso, regalar-se com as Jeannettes...

Como as recriminações alusivas ao caso do lenço perfumado fossem uma "scie", o marido adotara a boa política de "passar", como no pôquer. "Passava" todas as alusões da esposa, meio eficaz de torcer em germe o pepino de um debate tão inútil quão indigesto. Fernando "passou" a Jeannette e aceitou a doença.

– Sério? Sente qualquer coisa, Lindoca?

– Uma ansiedade, uma canseira, isto desde que vim de Teresópolis.

– Calor. Estes verões cariocas derrancam até aos mais pintados.

– Sei quando é calor. O mal-estar que sinto deve ter outra causa.

– Nervoso, então. Por que não vai ao médico?

– Já pensei nisso. Mas a qual médico?

– Ao Lanson, filha. Que ideia! Pois não é o médico da casa?

– Deus me livre. Depois que matou a mulher do Esteves? Isso quer você...

– Não matou tal, Lindoca. É maldade inventada por aquela caninana da Marocas. Ela é que diz isso.

– Ela e todos. Voz corrente. Além do mais, depois daquele caso da corista do Trianon...

O doutor Fernando espirrou uma gargalhada.

– Não diga mais nada! – exclamou. – Adivinho tudo. A eterna mania.

Sim, era a mania. Dona Lindoca não perdoava infidelidade de marido, nem no seu nem no das outras. Em matéria de moralidade sexual não cedia milímetro. Como fosse de natural casta, exigia castidade de todo mundo. Daí o desmerecerem ante seus olhos todos os maridos que na voz das comadres andavam de amores fora do ninho conjugal. Aquele doutor Lanson perdera-se no conceito de Dona Lindoca não porque houvesse “matado” a mulher do Esteves – pobre tuberculosa que mesmo sem médico tinha de morrer –, mas porque andara às voltas com uma corista.

A gargalhada do marido enfureceu-a.

– Cínicos! São todos os mesmos... Pois não vou ao Lanson. É um sujo. Vou ao doutor Lorena, que é homem limpo, decente, um puro.

– Vai, filha. Vai ao Lorena. A pureza desse médico, que eu cá chamo hipocrisia requintada, com certeza lhe há de ajudar muito a terapêutica.

– Vou, sim, e nunca mais me há de entrar aqui outro médico. De Lovelaces ando eu farta – concluiu Dona Lindoca sublinhando a indireta.

O marido olhou-a de soslaio, sorriu filosoficamente e, “passando” o “Lovelaces”, pôs-se a ler os jornais.

No dia seguinte, Dona Lindoca foi ao consultório do médico puritano e voltou radiante.

– Tenho uma policitemia – foi logo dizendo. – Garante ele que não é grave, embora requeira tratamento sério e longo.

– Policitemia? – repetiu o marido com vincos na testa, sinal de que entendia suas pitadas de medicina.

– Que espanto é esse? Policitemia, sim, a doença da rainha Margarida e da grã-duquesa Estefânia, disse-me o doutor. Mas cura-me, assegurou – e ele sabe o que diz. Como é fino o doutor Lorena! Como sabe falar!...

– Sobretudo falar...

– Já vem você. Já começa a implicar com o homem só porque é um puro... Pois, quanto a mim, só sinto tê-lo conhecido agora. É um médico decente, sabe? Fino, amável, muito religioso. Religioso, sim! Não perde a missa das onze na Candelária. Diz as coisas de um modo que até lisonjeia a gente. Não é um sujo como o tal Lanson, que anda metido com atrizes, que vê humores em tudo e põe as clientes nuas para examiná-las.

– E o teu Lorena, como as examina? Vestidas?

– Vestidas, sim, está claro. Não é nenhum libertino. E se o caso exige que a cliente se dispa em parte, ele aplica os ouvidos mas fecha os olhos. É decente, ora aí está! Não faz do consultório casa de encontros.

– Venha,cá, minha filha. Noto que você fala com leviandade de sua doença. Tenho minhas noções de medicina e parece-me que essa tal policitemia...

– Parece nada. O doutor Lorena afirmou-me que não é coisa de matar, embora de cura lenta. Doença até distinta, de fidalgos.

– De rainhas, grãs-duquesas, sei...

– Só que exige muito tratamento – sossego, regime alimentar, coisas impossíveis nesta casa.

– Por quê?

– Ora essa. Quer você que uma dona de casa possa cuidar de si tendo tanta coisa em que olhar? Vá a pobre de mim deixar de matar-se na trabalhadeira, para ver como isto vira de pernas para o ar. Tratamento na regra, só para essas que tomam o marido das outras. A vida é para elas...

– Deixemos isso, Lindoca, até cansa.

– Mas vocês não se cansam delas.

– Elas, elas! Que elas, mulher? – exclamou já exasperado o marido.

– As perfumadas.

– Bolas.

– Não brigemos. Basta. O doutor... ia-me esquecendo. O doutor Lorena quer que você apareça por lá, no consultório.

– Para quê?

– Ele dirá. Das duas às cinco.

– Muita gente a essa hora?

– Como não? Um médico daqueles... Mas a você não fará esperar. É negócio à parte da clínica. Vai?

O doutor Fernando foi. O médico desejava adverti-lo de que a doença da Dona Lindoca era grave, havendo perigo sério caso o tratamento que prescrevera não fosse seguido à risca.

– Muito sossego, nada de contrariedades, mimos. Principalmente mimos. Indo tudo a contento, num ano poderá estar boa. Do contrário, teremos mais um viúvo em pouco tempo.

A possibilidade da morte da esposa, quando assim se antolha pela primeira vez a um marido de coração sensível, abala

profundamente. O doutor Fernando deixou o consultório e rodando para casa ia a recordar o tempo róseo do namoro, o noivado, o casamento, o enlevo dos primeiros filhos. Não era mau marido. Poderia até figurar entre os ótimos, no juízo dos homens que se perdoam uns aos outros os pequenos arranhões no pacto conjugal, filhos da curiosidade adâmica. Já as mulheres não compreendem assim, e dão demasiado vulto a borboleteios que muitas vezes só servem para valorizar as esposas aos olhos dos maridos. Assim é que a notícia da gravidade da moléstia de Dona Lindoca despertou em Fernando um certo remorso, e o desejo de redimir com carinhos de noivo os anos de indiferença conjugal.

– Pobre Lindoca. Tão boa de coração... Se azedou um bocado, a culpa foi só minha. O tal perfume... Se ela pudesse compreender a absoluta insignificância do frasco donde emanou aquele perfume...

Ao entrar em casa indagou logo da esposa.

– Está em cima – respondeu a criada.

Subiu. Encontrou-a no quarto, numa preguiçosa.

– Viva a minha doentezinha! – E abraçou-a e beijou-a na testa.

Dona Lindoca espantou-se.

– Ué! Que amores esses agora? Até beijos, coisas que me dizias fora da moda...

– Vim do médico. Confirmou-me o diagnóstico. Não há gravidade nenhuma, mas exige tratamento de rigor. Muito sossego, nada de amofinações, nada que abale o moral. Vou ser o enfermeiro da minha Lindoca e hei de pô-la sãzinha.

Dona Lindoca arregalou os olhos. Não reconhecia no indiferente Fernando de tanto tempo aquele marido amável, tão perto do padrão com que sempre sonhara. Até diminutivos...

– Sim – disse ela –, tudo isso é fácil de dizer –, mas sossego de fato, repouso absoluto, como, nesta casa?

– Por que não?

– Ora, você será o primeiro a dar-me aborrecimentos.

– Perdoe-me, Lindoca. Compreenda a situação. Confesso que não fui contigo o esposo entressenhado. Mas tudo mudará. Você está doente e isso vai fazer que tudo renasça – até o velho amor dos 20 anos, que não morreu nunca, apenas encasulou-se. Não imagina como me sinto cheio de ternura para com a minha mulherzinha. Estou todo lua de mel por dentro.

– Os anjos digam amém. Só receio que com tanto tempo o mel já esteja azedo...

Apesar de mostrar-se assim tão incrédula, a boa senhora irradiava. O seu amor pelo marido era o mesmo dos primeiros tempos, de modo que aquela ternura a fez logo reflorir, à imitação das árvores desfolhadas pelo inverno a um chuvisco de primavera.

E a vida de Dona Lindoca de fato mudou. Os filhos passaram a vir vê-la com frequência – logo que o pai os advertiu da vida periclitante da boa mãe. E mostravam-se muito carinhosos e solícitos. Os parentes mais chegados, também por influxo do marido, amiudaram as visitas, de tal jeito que Dona Lindoca, sempre queixosa outrora de isolamento, se fosse queixar-se agora seria de solicitude excessiva.

Veio uma tia pobre do interior tomar conta da casa, chamando a si todas as preocupações amofinantes.

Dona Lindoca sentia um certo orgulho da sua doença, cujo nome lhe soava bem aos ouvidos e fazia abrir a boca aos visitantes – *policitemia*... E como o marido e os demais lhe lisonjeassem a vaidade enaltecendo o chique das policitemias, acabou por considerar-se uma privilegiada.

Falavam muito na rainha Margarida e na grã-duquesa Estefânia como se fossem pessoas da casa, havendo um dos filhos conseguido

e posto na parede o retrato de ambas. E certa vez em que os jornais deram um telegrama de Londres noticiando achar-se enferma a princesa Mary, Dona Lindoca sugeriu logo, convencidamente:

– Vai ver que uma policitemia...

A prima Elvira trouxe de Petrópolis uma novidade de sensação.

– Viajei com um doutor Maciel na barca. Contou-me que a baronesa de Pilão Arcado também está com policitemia. E também aquela grandalhona loura, mulher do ministro francês – a Grouvion.

– Sério?

– Sério, sim. É doença de gente graúda, Lindoca. Este mundo!... Até em questão de doenças as bonitas vão para os ricos e as feias vão para os pobres! Você, a Pilão Arcado e a Grouvion com policitemia – e lá a minha costureirinha do Catete, que morre dia e noite em cima da máquina de costura, sabe o que lhe deu? Tísica mesentérica...

Dona Lindoca fez cara de nojo.

– Eu nem sei onde “essa gente” apanha tais coisas...

Outra ocasião, ao saber que uma sua ex-criada de Teresópolis fora ao médico e viera com diagnóstico de policitemia, exclamou, incrédula, a sorrir com superioridade:

– Duvido! A Liduína com policitemia? Duvido!... Vai ver que quem disse tal bobagem foi o Lanson, aquela toupeira.

A casa virou perfeita maravilha de ordem. As coisas surgiam à hora e no ponto, como se anões invisíveis estivessem a prover tudo. A cozinheira, ótima, fazia pitéus de arregalar o olho. A arrumadeira alemã dava ideia de uma abelha em forma de gente. A tia Gertrudes era uma governante de casa como jamais existiu outra.

E nenhum barulho, todos na ponta dos pés, com *pssius* aos estouvados. E presentinhos. Os filhos e noras jamais esqueciam a boa mamãe, ora com flores, ora com os doces de que ela mais

gostava. O marido fizera-se caseiro. Deu jeito aos negócios e pouco saía, e à noite nunca, passando a ler para a esposa os crimes dos jornais nas raras vezes em que não tinham visitas.

Dona Lindoca começou a viver vida de céu aberto.

– Como me sinto feliz agora! – dizia. – Mas para que nada haja perfeito, tenho a policitemia. Verdade é que esta doença não me incomoda em nada. Não a sinto absolutamente – além de que é doença fina...

O médico vinha vê-la amiúde, mostrando boa cara à doente e má ao marido.

– Demora ainda, meu caro. Não nos iludamos com aparências. As policitemias são insidiosas.

O curioso era que Dona Lindoca realmente não sentia coisa nenhuma. O mal-estar, a ansiedade do começo que a levava a consultar o médico, de muito que havia passado. Mas quem sabia da sua doença não era ela e sim o médico. De modo que enquanto ele não lhe desse alta teria de continuar nas delícias daquele tratamento.

Certa vez chegou a dizer ao doutor Lorena:

– Sinto-me boa, doutor, completamente boa.

– Parece-lhe, minha senhora. O característico das policitemias é iludir assim os doentes, e pô-los derreados, ou liquidados, à menor imprudência. Deixe-me cá levar o barco a meu modo, que para outra coisa não queimei as pestanas na escola. A grã-duquesa Estefânia também se julgou boa, certa vez, e contra o parecer do médico assistente deu-se alta a si própria...

– E morreu?

– Quase. Recaiu e foi um custo pô-la de novo no ponto em que estava. O abuso, minha senhora, a falta de confiança no médico, tem levado muita gente para o outro mundo...

E repetiu ao marido aquele parecer, com grande encanto de Dona Lindoca, que não cessava de abrir-se em elogios ao grande clínico.

– Que homem! Não é à toa que ninguém diz “isto” dele, neste Rio de Janeiro das más-línguas. “Amantes, minha senhora”, declarou ele outro dia à prima Elvira, “ninguém me apontará jamais nenhuma.”

O doutor Fernando ia se saindo com uma ironia à moda antiga, mas recolheu-se a tempo, por amor ao sossego da esposa, com a qual jamais esgrimira depois da doença. E resignou-se a ouvir o estribilho de sempre: “É um homem puro e muito religioso. Fossem todos assim e o mundo seria um paraíso”.

Durou seis meses o tratamento de Dona Lindoca e duraria doze, se um belo dia não rebentasse um grande escândalo – a fuga do doutor Lorena para Buenos Aires com uma cliente, moça da alta sociedade.

Ao receber a notícia Dona Lindoca recusou-se a dar crédito.

– Impossível! Há de ser calúnia. Vai ver como ele logo aparece por aqui e tudo se desmente.

O doutor Lorena jamais apareceu; o fato confirmou-se, fazendo Dona Lindoca passar pela maior desilusão de sua vida.

– Que mundo, meu Deus! – murmurava. – Em que mais acreditar, se até o doutor Lorena faz dessas?

O marido rejubilou-se por dentro. Sempre vivera engasgado com a pureza do charlatão, comentada todos os dias em sua presença sem que ele pudesse explodir o grito da alma que lhe punha um nó na garganta: “Puro nada! É um pirata igual aos outros”.

O abalo moral não fez Dona Lindoca recair enferma, como era de supor. Sinal de que estava perfeitamente curada. Para melhor certificar-se disso o marido lembrou-se de consultar outro médico.

– Pensei no Lemos de Souza – sugeriu ele. – Está com muito nome.

– Deus me livre! – acudiu logo a doente. – Dizem que é amante da mulher do Bastos.

– Mas trata-se de um grande clínico, Lindoca. Que importa o que lá do seu namoro dizem as más-línguas? Neste Rio ninguém escapa.

– A mim importa muito. Não quero. Veja outro. Escolha um decente. Sujeiras não admito aqui.

Depois de comprido debate acordaram em chamar o Manuel Brandão, professor da Escola e já em adiantado grau de senilidade. Não constava que fosse amante de ninguém.

Veio o novo doutor. Examinou cuidadosamente a doente e ao cabo concluiu com absoluta segurança.

– Vossa Excelência não tem nada – disse ele. – Absolutamente nada.

Dona Lindoca pulou, muito lépida, da sua preguiçosa.

– Então sarei de uma vez, doutor?

– Sarou... se é que esteve doente. Não consigo ver sinal nenhum em seu organismo de doença presente ou passada. Quem foi o médico?

– O doutor Lorena...

O velho clínico sorriu e, voltando-se para o marido:

– É o quarto caso de doença imaginária que o meu colega Lorena (aqui entre nós, um refinadíssimo patife) leva a explorar durante meses. Felizmente raspou-se para Buenos Aires, ou “desinfetou” o Rio, como dizem os capadócius.

Foi um assombro. O doutor Fernando abriu a boca.

– Mas então...

– É o que lhe digo – reafirmou o médico. – A sua senhora teve qualquer crise nervosa que passou com o repouso. Mas, policitemia,

nunca! Policitemia!... Até me espanta que tão grosseiramente pudesse o tal Lorena iludir a todos com essa pilhéria...

A tia Gertrudes voltou para sua casa no interior. Os filhos foram se tornando mais raros nas visitas e os demais parentes idem. O doutor Fernando retomou a vida de negócios e nunca mais teve tempo de ler crimes para a desconsolada esposa, sobre cujos ombros recaiu a velha trabalhadeira de zelar pela casa.

Em suma, a infelicidade de Dona Lindoca voltou com armas e bagagens, fazendo-a suspirar suspiros ainda mais profundos que os de outrora. Suspiros de saudade. Saudade da policitemia...

“Quero ajudar o Brasil...”

1938

Já contei este caso. Vou contá-lo de novo. Hei de contá-lo toda a vida, porque é um grande conforto de alma. É a coisa mais bonita que ainda vi.

Foi no começo de nossa tremenda campanha pró-petróleo. Havíamos com Oliveira Filho e Pereira de Queiroz lançado a Companhia Petróleos do Brasil – em que ambiente, santo Deus! Tudo contra. Todos contra. O governo contra. Os homens de dinheiro contra. Os bancos contra. A “sensatez” contra.

Ceticismo absoluto em todas as camadas. Uma guerra surda por baixo, subterrânea, que naquele tempo não sabíamos donde emanava. Guerra de difamação ao ouvido – a pior de todas. As coisas ditas em voz alta não causam efeito; ao ouvido, sim.

“ – Fulano é um escroque.”

Enunciadas assim ao natural não impressionam a ninguém, tanto andamos afeitos a ouvir acusações dessas. Mas a mesma frase dita muito em reserva, ao ouvido, com a mão em tapa-som, “para que ninguém mais ouça”, cala fundo, faz-se imediatamente crida – e quem a recebe corre a propagá-la como dogma.

A guerra contra os promotores da nova companhia era assim: de ouvido em ouvido, as mãos sempre em tapa-som – *para que ninguém mais ouvisse o que era preciso que todos soubessem*. A calúnia é a rainha da técnica.

Nos seus manifestos os incorporadores haviam sido em extremo leais. Admitiam a possibilidade de fracasso, com perda total do capital empatado. Pela primeira vez na vida comercial deste país se propunha ao público um negócio com admissão das duas faces: vitória esplêndida, em caso de encontro do petróleo, ou perda total dos dinheiros invertidos, no caso reverso. Esta franqueza impressionou. Inúmeros subscritores vieram arrastados por ela.

– “Vou tomar tantas ações só por terem os senhores mencionado a hipótese da perda total dos dinheiros. Isso me convenceu de que se trata de negócio sério. Os negócios não sérios só acenam com lucros, jamais com possibilidades de perda.”

A lealdade dos incorporadores foi vencendo o público miú-do. Só aparecia no escritório gente simples, tentada pelas vantagens tremendas do negócio em caso de sucesso. O raciocínio de todos era o mesmo de na compra dum bilhete das grandes loterias do Natal.

Os incorporadores levaram o escrúpulo a ponto de lembrar a cada novo subscritor a hipótese da perda total do dinheiro.

– “Sabe que corre o risco de perder o seu cobre? Sabe que se não tocarmos em petróleo o fracasso da empresa será completo?”

– Sei. Li o manifesto.

– Mesmo assim subscreve?

– Mesmo assim.

– Então assine.”

E desse modo iam sendo as ações absorvidas pelo público.

Certo dia entrou-nos pela sala um preto modestamente vestido, de ar humilde. Recado de alguém, certamente.

– “Que deseja?”

– Quero tomar umas ações.

– Para quem?

– Para mim mesmo.”

Oh! O fato surpreendeu-nos. Aquele homem tão humilde a querer comprar ações. E logo no plural. Queria duas, com certeza, uma para si, outra para a mulher. Isso importaria em 200 mil-réis, quantia que já pesa num orçamento de pobre. Quantos sacrifícios não teria de fazer o casal para pôr de lado 200 mil-réis ratinhados ao salário miserável? Para um ricoço tal quantia corresponde a um níquel; para um operário é uma fortuna, é um capital. Os salários no Brasil são a miséria que sabemos.

Repetimos ao extraordinário preto a cantiga de sempre.

– “Sabe que há mil dificuldades neste negócio e que corremos o risco de perder a partida, com destruição de todo o capital empatado?”

– “Sei.

– “E mesmo assim quer tomar ações?”

– “Quero.

– “Está bem. Mas se houver fracasso não se queixe de nós. Estamos a avisá-lo com toda a lealdade. Quantas ações quer? Duas?”

– “Quero trinta.”

Arregalamos os olhos e, duvidando dos nossos ouvidos, repetimos a pergunta.

– “Trinta, sim”, confirmou o preto.

Entreolhamo-nos. O homem devia estar louco. Tomar trinta ações, empatar 3 contos de réis num negócio em que a gente mais endinheirada não se atrevia a ir além de algumas centenas de mil-réis, era evidentemente loucura. Só se aquele homem de pele preta estava escondendo o leite – se era rico, muito rico. Na América existem negros riquíssimos, até milionários; mas no Brasil não há negros ricos. Teria aquele, por acaso, ganho algum pacote na loteria?

– “Você é rico, homem?”

– “Não. Tudo quanto tenho são estes 3 contos que juntei na Caixa Econômica. Sou empregado na Sorocabana há muitos anos. Fui juntando de pouquinho em pouquinho. Hoje tenho 3 contos.

– “E quer pôr tudo num negócio que pode falhar?”

– “Quero.”

Entreolhamo-nos de novo, incomodados. Aquele raio de negro nos atrapalhava seriamente. Forçava-nos a uma inversão de papéis. Em vez de acentuarmos as probabilidades felizes do negócio, passamos a acentuar as infelizes. Enfileiramos todos os contras. Quem nos ouvisse, jamais suporia estar diante de incorporadores duma empresa que pede dinheiro ao público – mas de difamadores dessa empresa. Chegamos a afirmar que pessoalmente não tínhamos muitas esperanças de vitória.

– “Não faz mal”, respondeu o preto na sua voz inalteravelmente serena.

– “Faz, sim!”, insistimos. – “Jamais nos perdoaríamos se fôssemos os causadores da perda total das reservas duma vida inteira. Se quer mesmo arriscar, tome duas ações só. Ou, três. Trinta é demais. Não é negócio. Ninguém põe tudo quanto possui num cesto só, e muito menos num cesto incertíssimo como este. Tome três.

– “Não. Quero trinta.

– “Mas por quê, homem de Deus?”, indagamos, ansiosos por descobrir o segredo daquela decisão inabalável.

Seria a cobiça? Crença de que com trinta ações ficaria milionário em caso de jorrar o petróleo?

– “Venha cá. Abra o seu coração. Diga tudo. Qual o verdadeiro motivo de você, um homem humilde, que só tem 3 contos de réis, insistir desta maneira em jogar tudo neste negócio? Ambição? Pensa que pode ficar um Matarazzo?”

– “Não. Não sou ambicioso”, respondeu ele serenamente. –
“Nunca sonhei em ficar rico.

– “Então por que é, homem de Deus?

– “É que eu quero ajudar o Brasil...”

Derrubei a caneta debaixo da mesa e levei uma porção de tempo a procurá-la. Maneco Lopes fez o mesmo, e foi embaixo da mesa que nos entreolhamos, com caras que diziam: “Que caso, hein?”. Em certas ocasiões só mesmo derrubando uma caneta e custando a achá-la, porque há umas tais glândulas que nos turvam os olhos com umas agulhas impertinentes...

Nada mais tínhamos a dizer. O humilde negro subscreveu as trinta ações, pagou-as e lá se foi, na sublime serenidade de quem cumpriu um dever de consciência.

Ficamos a olhar uns para os outros, sem palavras. Que palavras comentariam aquilo? Essa coisa chamada Brasil, que é de vender, que até os ministros vendem, ele queria ajudar... De que brancura deslumbrante nos saíra aquele negro! E como são negros certos ministros brancos!

O incidente calou fundo em nossas almas. Cada um de nós jurou lá por dentro levar avante a campanha do petróleo custasse o que custasse, sofrêssemos o que sofrêssemos, houvesse o que houvesse. Tínhamos de nos manter na altura daquele negro.

A campanha do petróleo tem sofrido variados desenvolvimentos. Guerra grande. Luta peito a peito. E se o desânimo não nos vem nunca, é que as palavras do negro ultrabranco não nos saem dos ouvidos. Nos momentos trágicos das derrotas parciais (e têm sido muitas), nos momentos em que os lidadores no chão ouvem o juiz contar o tempo do nocaute, aquelas palavras sublimes fazem que todos se ergam antes do DEZ fatal.

– “É preciso ajudar o Brasil...”

Hoje sabemos de tudo. Sabemos das forças invisíveis, externas e internas, que puxam para trás. Sabemos os nomes dos homens. Sabemos da sabotagem sistemática, dos móveis da difamação ao ouvido, do perpétuo dar para trás da administração. Isso, entretanto, deixa de ser obstáculo porque é menor que a força haurida nas palavras do negro.

Abençoado negro! Um dia teu nome será revelado. O primeiro poço de petróleo em São Paulo não terá o nome de nenhum ministro nem presidente. Terá o teu. Porque talvez tenham sido tuas palavras a secreta razão da vitória. Os teus 3 contos foram mágicos. Amarraram-nos para sempre. Trancaram com pregos a porta da deserção...

Sorte grande

1939

Foi numa quieta cidadezinha entrevada, dessas que se alheiam do mundo com a descrição humilde dos musgos. Havia lá a gente do Moura, o arrecadador de taxas municipais no mercado. A morte arrecadou o Moura muito fora de tempo e propósito. Consequência: viúva e sete filhos na dependura.

Dona Teodora, quarentona que nunca soubera a significação da palavra descanso, viu-se de trabalhos dobrados. Encher sete estômagos, vestir sete nudezas, educar outras tantas individualidades... Se houvesse justiça no mundo, quantas estátuas a certos tipos de mães!

A vida em tais lugarejos lembra a dos líquens na pedra. Tudo se encolhe no "limite" – no mínimo que a civilização comporta. Não há "oportunidades". Os meninos mal empenam emigram. As meninas, como não podem emigrar, viram moças; as moças passam a "tias"; e as tias evoluem para velhinhas enrugadas como o maracujá murcho – sem que nunca venha ensejo para a realização dos dois grandes sonhos: casamento ou ocupação decentemente remunerada.

Os empreguinhos públicos, de paga microscópica, são tremendamente disputados. Quem se aferra a um, dali só é arrancado pela morte – e passa a vida invejado. Uma só saída para as mulheres, afora o casamento: a meia dúzia de cadeiras das escolinhas locais.

O mulheroio de Santa Rita lembra os rizomas de gladiólos de certas casas de “cera e sementes” pouco frequentadas. O dono do negócio os expõe numa cesta à porta, à espera do freguês eventual. Não aparece freguês nenhum – e o homem os vai retirando da cesta à proporção que murcham. Mas o estoque não diminui porque entram sempre rizomas novos. O dono da casa de “cera e sementes” de Santa Rita é a Morte.

A boa mãe revoltava-se. Tinha culpa de terem vindo ao mundo as cinco meninas e os dois meninos, e de nenhum modo admitia que elas virassem maracujás secos e eles se estiolassem na lambança viciosa dos zés-ninguém.

O problema não era totalmente insolúvel com os meninos, porque podia mandá-los para fora no momento oportuno – mas as meninas? Como arranjar a vida de cinco moças numa terra em que havia seis para cada homem casadouro – e só cinco cadeirinhas?

A mais velha, Maricota, herdara o temperamento, a valentia materna. Estudou o que pôde e como pôde. Fez-se professora – mas já estava nos 24 e nem sombra de colocação. As vagas iam sempre para as de maior peso político, ainda que analfabetas. Maricota, um peso-pluma, que poderia esperar?

Mesmo assim Dona Teodora não desanimava.

– Estudem. Preparem-se. De repente qualquer coisa acontece e vocês se arrumam.

Os anos, entretanto, passavam sem que a esperadíssima “qualquer coisa” viesse – e os apertos recresciam. Por muito que trabalhassem em cocadas, bordados de enxoval e costurinhas, a renda não se distanciava do zero.

Dizem que as desgraças gostam de vir juntas. Quando a situação dos Mouras atingiu o ponto perigoso da “dependura”, nova

calamidade sobreveio. Maricota recebeu do céu um estranho castigo: a singularíssima doença que lhe atacou o nariz.

No começo não deram importância ao caso; só no começo, porque a doença entrou a progredir, com desorientação de todos os entendidos em medicina das redondezas. Nunca, verdadeiramente nunca, ninguém soubera por lá de coisa assim.

O nariz da moça crescia, engordava, engrouinhava, lembrando o de certos bêbados incorrigíveis. A deformação nessa parte do rosto é sempre desastrosa. Dá à fisionomia um ar cômico. Todos se apiedavam da Maricota – mas riam-se sem querer.

A maldade dos lugarejos tem a insistência de certas moscas. Aquele nariz foi virando o prato predileto do Comentário. Nos momentos de escassez de assunto era infalível porem-no à mesa.

– Se aquilo pega, ninguém mais planta rabanetes em Santa Rita. É só levar a mão ao rosto e colher um...

– E dizem que está crescendo...

– Se está! A moça já não põe o pé na rua – nem para a missa. Aquela negrinha, cria de Dona Teodora, me disse que já não é nariz – é beterraba...

– Sério?

– Cresce tanto que se a coisa continua vamos ter um nariz com uma moça atrás e não uma moça com um nariz na frente. O maior, o principal, ficará sendo o rabanete...

Nos galinheiros também é assim. Quando aparece uma ave doente, ou ferida, as sãs correm-na a bicadas – e bicam-na até destruí-la. Em matéria de maldade o homem é galináceo. A tal ponto chegou a de Santa Rita que quando aparecia alguém de fora não vacilavam em enfileirar entre as curiosidades locais a doença da moça.

– Temos várias coisas dignas de ver-se. Há a igreja, cujo sino tem um som sem igual no mundo. Bronze do céu. Há o pé de cacto da casa do major Lima, com quatros metros de roda na altura do peito. E há o rabanete da Maricota...

O visitante espantava-se, está claro.

– Rabanete?

O informante desfiava a crônica do famoso nariz com invenções cômicas de sua lavra. “Não poderei ver isso?” “Creio que não, porque ela já não tem ânimo de pôr o pé na rua – nem para a missa.”

Chegou o momento de recorrer aos médicos especialistas. Como por lá não houvesse nenhum, Dona Teodora lembrou-se de um doutor Clarimundo, especialista de todas as especialidades na cidade próxima. Tinha de mandar-lhe a filha. O nariz de Maricota estava ficando clamoroso demais. Mas... mandar como? A distância era grande. Viagem por água – pelo rio São Francisco, em cuja margem direita se assentava Santa Rita. O percurso custaria dinheiro; e custariam dinheiro a consulta, o tratamento, a estada lá – e onde o dinheiro? Como reunir os 200 mil-réis necessários?

Não há barreiras para o heroísmo das mães. Teodora redobrou de faina, operou milagres de gênio e por fim reuniu o dinheiro da salvação.

Chegou o dia. Muito vexada de mostrar-se em público depois de tantos meses de segregação, Maricota embarcou para a viagem de dois dias. Embarcou num gaiola – o Comandante Exupério – e logo que se viu a bordo tratou de descobrir um cantinho em que ficasse a salvo da curiosidade dos passageiros. Inutilmente. Deu logo nos olhos de vários, sobretudo nos dum moço de bom aspecto, que entrou a mirá-la com singular insistência. Maricota esgueirou-se de sua presença e, de bruços na amurada, fingiu-se absorta na

contemplação da paisagem. Fraude pura, coitadinha. A única paisagem que via era a sua – a nasal. O passageiro, entretanto, não a largava.

– Quem é essa moça? – quis saber, e um de boca perdigotante, também embarcado em Santa Rita, regalou-se em contar pormenorizadamente tudo quanto sabia a respeito.

O moço refranziu a testa. Reconcentrou-se a meditar. Por fim seus olhos brilharam.

– Será possível? – murmurou em solilóquio, e resolutamente encaminhou-se na direção da triste criatura absorvida na contemplação da paisagem.

– Perdão, minha senhora, eu sou médico e...

Maricota voltou para ele os olhos, muito vexada, sem saber o que dizer. Como um eco, repetiu:

– Médico?...

– Sim, médico, e o seu caso está me interessando profundamente. Se é o que suponho, talvez que... Mas, venha cá, conte-me tudo, conte-me como isso começou. Não se vexa. Sou médico – e para os médicos não há segredos. Vamos...

Maricota, depois de alguma resistência, contou tudo, e à medida que falava o interesse do moço recrescia.

– Com licença – disse ele, e pôs-se a examinar-lhe o nariz, sempre com perguntas cujo alcance a moça não percebia.

– Como é seu nome? – atreveu-se a indagar Maricota.

– Doutor Cadaval.

A expressão do médico lembrava a do garimpeiro que encontra um diamante de valor fabuloso – um Cullinan! Nervosamente ele insistia:

– Conte, conte...

Queria saber tudo; como aquilo começara, como se desenvolvera, que perturbação ela sentira e outras coisinhas técnicas. E as respostas da moça tinham o condão de aumentar-lhe o entusiasmo. Por fim,

– Maravilhoso! – exclamou. – Um caso único de boa sorte...

Tais exclamações desnortearam a doente. “Maravilhoso?” Que maravilhamento poderia causar a sua desgraça? Chegou a ressentir-se. O médico tentou sossegá-la.

– Perdoe-me, Dona Maricota, mas o seu caso é positivamente extraordinário. De momento não posso firmar parecer – estou sem livros; mas macacos me lambam se o que a senhora tem não é um rinofima – um RINOFIMA, imagine!

Rinofima! Aquela palavra estranha, dita naquele tom de entusiasmo, em coisa nenhuma melhorou a situação de atrapalhamento de Maricota. O fato de sabermos o nome de uma doença não nos consola nem cura.

– E que tem isso? – perguntou ela.

– Tem, minha senhora, que é uma doença raríssima. Pelo que sei a respeito, não se conhece ainda um só caso em toda América do Sul... Compreende agora o meu entusiasmo de profissional? Médico que descobre casos únicos é médico de nome feito...

Maricota começava a compreender.

Longamente Cadaval debateu a situação, informando-se de tudo – da família, do objeto da viagem. Ao saber de sua ida à cidade próxima em busca do doutor Clarimundo, revoltou-se.

– Qual Clarimundo, minha senhora! Esses médicos da roça não passam de perfeitas cavalgadas. Formam-se e afundam nos lugarejos, nunca leem nada! Atrasadíssimos. Se a senhora vai consultá-lo, perderá o seu tempo e o seu dinheiro. Ora o Clarimundo!

– Conhece-o?

– Claro que não, mas adivinho. Conheço a classe. O seu caso, minha senhora, é a maravilha das maravilhas, desses que só podem ser tratados pelos grandes médicos dos grandes centros – e estudado pelas academias. A senhora vai mas é para o Rio de Janeiro. Tive a sorte de encontrá-la e não a largo mais. Ora estar! Um rinofima destes nas mãos do Clarimundo! Tinha graça...

A moça alegou que a sua pobreza não lhe permitia tratar-se na capital. Eram paupérrimos.

– Sossegue. Eu farei todas as despesas. Um caso como o seu vale ouro. Rinofima! O primeiro observado na América do Sul! Isso é ouro em barra, minha senhora...

E tanto falou, e tanto gabou a beleza do rinofima, que Maricota deu de sentir uns começos de orgulho. Depois de duas horas de debates e combinações, já estava outra – sem vexame nenhum dos passageiros –, a exibir pelo tombadilho o seu rabanete como quem exhibe algo fascinante.

O doutor Cadaval era um moço extremamente expansivo, dos que não param de falar. O empolgamento em que ficou fê-lo debater o assunto com todos de bordo.

– Comandante – disse ao capitão horas depois –, aquilo é uma preciosidade sem par. Único na América do Sul, imagine! O sucesso que vou fazer no Rio – na Europa! É dessas coisas que arrumam a carreira de um médico. Um rinofima! Um ri-no-fi-ma, capitão!...

Não houve passageiro que se não inteirasse da história do rinofima da moça – e o sentimento de inveja tornou-se geral. Evidentemente Maricota fora marcada pelo Destino. Possuía algo único, uma coisa de fazer a carreira de um médico e de figurar em todos os tratados de medicina. Muitos houve que instintivamente

correram os dedos pelo nariz na esperança de apalpar um comecinho da maravilha...

Maricota, ao recolher-se à cabina, escreveu à mãe:

“Tudo está mudando da maneira mais esquisita, mamãe! Encontrei a bordo um médico distintíssimo, que ao dar com o meu nariz abriu a boca no maior entusiasmo. Eu só queria que a senhora visse. Acha que é uma grande – uma grandíssima coisa, a coisa mais rara do mundo, única na América do Sul, imagine! Disse que vale um tesouro, que para ele foi o mesmo que ter encontrado um tal diamante Cullinan. Quer que eu vá para o Rio de Janeiro. Paga tudo. Como aleguei que somos muito pobres, prometeu que depois da operação me arranja um lugar de professora. Imagine, eu professora no Rio de Janeiro! Que ponta, hein? Estou que não caibo em mim. Professora no Rio!... Até a vergonha lá se foi. Passeio com o nariz bem à mostra, alto. E, coisa incrível, mamãe, todos me olham com inveja! Inveja, sim – eu leio nos olhos de todos. Decore esta palavra: RINOFIMA. É o nome da doença. Ah, eu só queria ver a cara desses bobos de Santa Rita que tanto caçoavam de mim – quando souberem...”

Maricota mal conseguiu dormir essa noite. Grande mudança de ideias se operava em sua cabeça. Qualquer coisa a advertia de que era chegado o momento de uma grande tacada. Tinha de tirar vantagens da situação – e como ainda não dera resposta definitiva ao doutor Cadaval, deliberou executar um plano.

No dia seguinte o médico abordou-a de novo.

– Então, Dona Maricota, está resolvida, afinal?

A moça estava resolidíssima; mas, boa mulher que era, fingiu.

– Não sei ainda. Escrevi à mamãe... Há a minha situação pessoal e a da minha gente. Para que eu vá ao Rio preciso ficar sossegada quanto a estes dois pontos. Tenho dois irmãos e quatro irmãs – e

como é? Ficar lá no Rio sem eles, impossível. E como deixá-los sozinhos em Santa Rita, se sou o esteio da casa?

O doutor Cadaval refletiu uns momentos. Depois disse:

– Os rapazes eu posso colocar facilmente. Já suas irmãs, não sei. Que idade têm elas?

– Alzira, a logo abaixo de mim, está com 25 anos. Muito boa criatura. Borda que é um primor. Bonitinha.

– Se tem essas prendas, poderemos colocá-la numa boa casa de modas. E as outras?

– Há a Anita, com 22, mas essa só sabe ler e escrever versos. Sempre teve um jeito extraordinário para a poesia.

O doutor Cadaval coçou a cabeça. Colocar uma poetisa não é nada fácil – mas veria. Há os empregos do governo, nos quais cabem até os poetas.

– Há a Olga, com 20 anos, que só pensa em casar. Essa não quer outro emprego. Nasceu para o casamento – e lá em Santa Rita está secando porque não há homens – todos emigram.

– Arranjaremos um bom casamento para a Olga – prometeu o médico.

– E há a Odete, com 19 anos, que ainda não revelou disposição para coisa nenhuma. Boa criatura, mas muito criança, bobinha.

– Vai ser outro casamento – sugeriu o médico. – Arranja-se. Arranjaremos a vida de todos.

O doutor Cadaval ia prometendo com aquela facilidade porque no íntimo não tinha intenção de colocar tanta gente. Poderia, sim, arrumar a vida de Maricota – depois de operá-la. Mas o resto da família que se fomentasse.

Assim não sucedeu, entretanto. As aperturas da vida tinham dado a Maricota um senso das realidades verdadeiramente totalitário. Percebendo que aquela oportunidade era a maior da sua

vida, resolveu não deixá-la escapar. De modo que ao chegar ao Rio, antes de entregar-se ao tratamento e exibir na Academia de Medicina o seu caso único, impôs condições. Alegou que sem a irmã Alzira não tinha jeito de ficar sozinha na capital – e o remédio foi a vinda de Alzira. Mal pilhou lá a irmã, insistiu em colocá-la – porque não tinha o menor propósito ficarem as duas nas costas do médico. “Assim, a Alzira acanha-se e volta.”

Ansioso por dar início à exploração do rinofima, o médico pulou para arranjar a colocação da Alzira. E depois disso deu novos pulos para mandar vir e colocar a Anita. E depois da Anita chegou a vez da Olga. E depois da Olga chegou a vez da Odete. E depois da Odete chegou a vez de Dona Teodora e dos dois rapazes.

O caso da Olga foi difícil. Casamento! Mas Cadaval teve uma ideia filha do desespero: intimou um seu ajudante no consultório, português quarentão de nome Nicéforo, a casar-se com a menina. *Ultimatum* da Moral.

– Ou casa-se ou vai para o olho da rua. Não quero mais saber de auxiliares solteirões.

Nicéforo, tipo bastante pai da vida, coçou a cabeça mas casou-se – e foi o mais feliz dos Nicéforos.

A família já estava toda arrumada, quando Maricota se lembrou de dois primos. O médico, porém, resistiu.

– Não. Isso também é demais. Se continua assim, a senhora acaba forçando-me a arranjar um bispado para o padre de Santa Rita. Não e não.

A vitória do doutor Cadaval foi verdadeiramente estrondosa. Encheram-se as revistas médicas e os jornais com a notícia da solene apresentação à Academia de Medicina do belíssimo caso – único na América do Sul – dum maravilhoso rinofima, o mais belo dos rinofimas. As publicações estrangeiras acompanharam as

nacionais. O mundo científico de todos os continentes ficou sabendo de Maricota, do seu “rabanete” e do eminente Doutor Cadaval Lopeira – luminar da ciência médica sul-americana.

Dona Teodora, felicíssima, não cessava de comentar o estranho curso dos acontecimentos.

– Bem se diz que Deus escreve direito por linhas tortas. Quando havia eu de imaginar, ao nos surgir aquela horrível coisa no nariz de minha filha, que era para o bem geral de todos!

Restava a parte última – a operação. Maricota, entretanto, ainda nas vésperas do dia marcado vacilava.

– Que acha, mamãe? Deixo ou não deixo que o doutor me opere?

Dona Teodora abriu a boca.

– Que ideia, menina! Claro que deixa. Pois há de ficar toda vida assim com esse escândalo na cara?

Maricota não se decidia.

– Podemos demorar um pouco mais, mamãe. Tudo quanto nos veio de bom saiu do rinofima. Quem sabe se nos rende mais alguma coisa? Há ainda o Zezinho a colocar – e o pobre do Quindó, que nunca achou emprego...

Mas Dona Teodora, arquiarta do rabanete, ameaçou de levá-la de volta para Santa Rita, se ela teimasse na asneira de retardar, por um só dia, a operação. E Maricota foi operada. Perdeu o rinofima, ficando com um nariz igual ao de todas as outras, apenas levemente enrugadinho em consequência dos enxertos de epiderme.

Quem positivamente desapontou foi a gente maldosa do lugarejo. O maravilhoso romance de Maricota era comentado em todas as rodinhas com grandes exageros – até com o exagero de que ela estava noiva do doutor Cadaval.

– Como a gente se engana neste mundo! – filosofou o farmacêutico. – Todos pensamos que aquilo fosse doença – mas o verdadeiro nome de tais rabanetes, sabem qual é?

– ?

– Sorte Grande, minha gente! Sorte Grande da Espanha...

Dona Expedita

1939

— ...

– Minha idade? Trinta e seis...

– Então, venha.

Sempre que Dona Expedita se anunciava no jornal, dando um número de telefone, aquele diálogo se repetia. Seduzidas pelos termos do anúncio, as donas de casa telefonavam-lhe para “tratar” – e vinha inevitavelmente a pergunta sobre a idade, com a também inevitável resposta dos 36 anos. Isso desde antes da Grande Guerra. Veio o 1914 – ela continuou nos 36. Veio a batalha do Marne; veio o armistício – ela firme nos 36. Tratado de Versalhes – 36. Começos de Hitler e Mussolini – 36. Convenção de Munique – 36...

A futura guerra a reencontrará nos 36. O mais teimoso dos empaques! Dona Expedita já está “pendurada”, escorada de todos os lados, mas não tem ânimo de abandonar a casa dos 36 anos – tão simpática!

E, como só tem 36 anos, veste-se à moda dessa idade, um pouco mais vistosamente do que a justa medida aconselha. Erro grande! Se à força de cores claras, rugas e batons, não mantivesse aos olhos do mundo os seus famosos 36, era provável que desse a ideia duma bem aceitável matrona de 60...

Dona Expedita é “tia”. Amor só teve um lá pela juventude, do qual às vezes, nos “momentos de primavera”, ainda fala. Ah, que

lindo moço! Um príncipe. Passou um dia a cavalo pela sua janela. Passou na tarde seguinte e ousou um cumprimento. Passou e repassou durante duas semanas – e foram duas semanas de cumprimentos e olhares de fogo. E só. Não passou mais – desapareceu da cidade para sempre.

O coração da gentil Expedita pulsou intensamente naqueles maravilhosos quinze dias – e nunca mais. Nunca mais namorou ou amou ninguém – por causa da casmurrice do pai.

Seu pai era um caturra de barbas à Von Tirpitz, português irredutível, desses que fogem de certos romances de Camilo e reentram na vida. Feroz contra o sentimentalismo. Não admitia namoros em casa, e nem que se pronunciasse a palavra casamento. Como vivesse 70 anos, forçou as duas únicas filhas a se estiolarem ao pé da sua catarreira crônica. “Filhas são para cuidar da casa e da gente.”

Morreu, afinal, e arruinado. As duas “tias” venderam a casa para pagamento das contas e tiveram de empregar-se. Sem educação técnica, os únicos empregos antolhados foram os de criada grave, dama de companhia ou “tomadeira de conta” – graus levemente superiores à crua profissão normal de criada comum. O fato de serem de “boa família” autorizava-as ao estacionamento nesse degrau um pouco acima do último.

Um dia a mais velha morreu. Dona Expedita ficou só no mundo. Que fazer, senão viver? Foi vivendo e especializando-se em lidar com patroas. Por fim distraía-se com isso. Mudar de emprego era mudar de ambiente – ver caras novas, coisas novas, tipos novos. Um cinema – o seu cinema! O ordenado, sempre mesquinho. O maior de que se lembrava fora de 150 mil-réis. Caiu depois para 120; depois para 100; depois 80. Inexplicavelmente as patroas iam-lhe

diminuindo a paga a despeito da sua permanência na linda idade dos 36 anos...

Dona Expedita colecionava patroas. Teve-as de todos os tipos e naipes – das que obrigam as criadas a comprar o açúcar com que adoçam o café, às que voltam para casa de manhã e nunca lançam os olhos sobre o caderno de compras. Se fosse escritora teria deixado o mais pitoresco dos livros. Bastava que fixasse metade do que viu e “padeceu”. O capítulo das pequeninas decepções seria dos melhores – como aquele caso dos 400 mil-réis...

Foi certa vez em que, saída de um emprego, andava em procura de outro. Nessas ocasiões costumava encostar-se à casa de uma família que se dera com a sua, e lá ficava um mês ou dois até conseguir nova colocação. Pagava a hospedagem fazendo doces, no que era perita, sobretudo num certo bolo inglês que mudou de nome, passando a chamar-se o “bolo de Dona Expedita”. Nesses interregnos comprava todos os dias um jornal especializado em anúncios domésticos, no qual lia atentamente a seção do “Procura-se”. Com a velha experiência adquirida, adivinhava pela redação as condições reais do emprego.

– Porque “elas” publicam aqui uma coisa e querem outra – comentava filosoficamente, batendo no jornal. – Para esconder o leite, não há como as patroas!

E ia lendo, de óculos na ponta do nariz: “Precisa-se duma senhora de meia-idade para servicinhos leves”.

– Hum! Quem lê isto pensa que é assim mesmo – mas não é. O tal servicinho leve não passa de isca – é a minhoca do anzol. A mim é que não me enganam, as biscoas...

Lia todos os “procura-se”, com um comentário para cada um, até que se detinha no que lhe cheirava melhor. “Precisa-se duma

senhora de meia-idade para serviços leves em casa de fino tratamento.”

– Este, quem sabe? Se é casa de fino tratamento, pelo menos fartura há de haver. Vou telefonar.

E vinha a telefonada do costume com a eterna declaração dos 36 anos.

O hábito de lidar com patroas manhosas levou-a a lançar mão de vários recursos estratégicos; um deles: só “tratar” pelo telefone e não dar-se como ela mesma. “Estou falando em nome duma amiga que procura emprego.” Desse modo tinha mais liberdade e jeito de sondar a “bisca”.

– “Essa amiga é uma excelente criatura”, e vinham bem dosados elogios. – “Só que não gosta de serviços pesados.”

– “Que idade?”

– “Trinta e seis anos. Senhora de muito boa família – mas por menos de 150 mil-réis nunca se empregou.

– “É muito. Aqui o mais que pagamos é 110 – sendo boa.

– “Não sei se ela aceitará. Hei de ver. Mas qual é o serviço?”

– “Leve. Cuidar da casa, fiscalizar a cozinha, espanar – arrumar...”

– “Arrumar? Então é arrumadeira que a senhora quer?”

E Dona Expedita pendurava o fone, arrufada, murmurando: “Outro ofício!”

O caso dos 400 mil-réis foi o seguinte. Ela andava sem emprego e a procurá-lo na seção do “precisa-se”. Súbito, esbarrou com esta maravilha: “Precisa-se duma senhora de meia-idade para fazer companhia a uma enferma; ordenado, 400 mil-réis”.

Dona Expedita esfregou os olhos. Leu outra vez. Não acreditou. Foi em busca duns óculos novos adquiridos na véspera. Sim. Lá estava escrito 400 mil-réis!...

A possibilidade de apanhar um emprego único no mundo fê-la pular. Correu a vestir-se, a pôr o chapeuzinho, a avivar as cores do rosto e voou pelas ruas afora.

Foi dar com os costados numa rua humilde; nem rua era – numa “avenida”. Defronte à casa indicada – casinha de porta e duas janelas – havia uma dúzia de pretendentes.

– Será possível? O jornal saiu agorinha e já tanta gente por aqui?

Notou que entre as postulantes predominavam senhoras bem vestidas, com o aspecto de “damas envergonhadas”. Natural que assim fosse porque um emprego de 400 mil-réis era positivamente um fenómeno. Nos seus... 36 anos de vida terrena jamais tivera notícia de nenhum. Quatrocentos por mês! Que mina! Mas como um emprego assim em casa tão modesta? “Já sei. O emprego não é aqui. Aqui é onde se trata – casa do jardineiro, com certeza...”

Dona Expedita observou que as postulantes entravam de cara risonha e saíam de cabeça baixa. Evidentemente a decepção da recusa. E o seu coração batia de gosto ao ver que todas iam sendo recusadas. Quem sabe? Quem sabe se o destino marcara justamente a ela como a eleita?

Chegou por fim a sua vez. Entrou. Foi recebida por uma velha na cama. Dona Expedita nem precisou falar. A velha foi logo dizendo:

– “Houve erro no jornal. Mandei por 40 mil-réis e puseram 400... Tinha graça eu pagar 400 a uma criada, eu que vivo à custa do meu filho, sargento da polícia, que nem isso ganha por mês...”

Dona Expedita retirou-se com cara exatamente igual à das outras.

O pior da luta entre criados e patroas é que estas são compelidas a exigir o máximo, e as criadas, por natural defesa,

querem o mínimo. Nunca jamais haverá acordo, porque é choque de totalitarismo com democracia.

Um dia, entretanto, Dona Expedita teve a maior das surpresas: encontrou uma patroa absolutamente identificada com suas ideias quanto ao “mínimo ideal” – e, mais que isso, entusiasmada com esse minimalismo – a ajudá-la a minimizar o minimalismo!

Foi assim. Dona Expedita estava pela vigésima vez na tal família amiga, à espera de nova colocação. Lembrou-se de recorrer a uma agência, para a qual telefonou. “Quero uma colocação assim, assim, de 200 mil-réis, em casa de gente arranjada, fina e, se for possível, em fazenda. Serviços leves, bom quarto, banho. Aparecendo qualquer coisa deste gênero, peço que me telefonem” – e deu o número do aparelho e da casa.

Horas depois retinha a campainha do portão.

– É aqui que mora Madame Expedita? – perguntou em língua atrapalhada uma senhora alemã, cheia de corpo, de bom aspecto.

A criadinha que atendeu disse que sim, fê-la entrar para o hall de espera e foi correndo avisar Dona Expedita. “Uma estrangeira gorda, querendo falar com Madame!”

– Que pressa, meu Deus! – murmurou a solicitada, correndo ao espelho para os retoques. – Nem três horas faz que telefonei. Agência boa, sim...

Dona Expedita apareceu no hall com um excessozinho de ruge nos beijos de múmia. Apareceu e conversou – e maravilhou-se, porque pela primeira vez na vida encontrava a patroa ideal. A mais sui generis das patroas, de tão integrada no ponto de vista das “senhoras de meia-idade que procuram serviços leves”.

O diálogo travou-se num crescendo de animação.

– Muito boa tarde! – disse a alemã com a maior cortesia. Então foi Madame quem telefonou para a agência?

O “Madame” causou espécie a Dona Expedita.

– É verdade. Telefonei e dei as condições. A senhora gostou?

– Muito, mas muito mesmo! Era exatamente o que eu queria. Perfeito. Mas vim ver pessoalmente, porque o costume é anunciarem uma coisa e a realidade ser outra.

A observação encantou Dona Expedita, cujos olhos brilharam.

– A senhora parece que está pensando com a minha cabeça. É justamente isso o que se dá, vivo eu dizendo. As patroas escondem o leite. Anunciam uma coisa e querem outra. Anunciam serviços leves e botam em cima das pobres criadas a maior trabalhadeira que podem. Eu falei, eu insisti com a agência: servicinhos leves...

– Isso mesmo! – concordou a alemã, cada vez mais encantada.

– Serviços leves, bem leves, porque afinal de contas uma criada é gente – não é burro de carroça.

– Claro! Mulheres de certa idade não podem fazer serviços de mocinhas, como arrumar, lavar, cozinhar quando a cozinheira não vem. Ótimo! Quanto à acomodação, falei à agência em “bom quarto”...

– Exatamente! – concordou a alemã. – Bom quarto – com janelas. Nunca pude conformar-me com isso de as patroas meterem as criadas em desvãos escuros, sem ar, como se fossem malas. E sem banheiro em que tomem banho.

Dona Expedita era toda risos e sorrisos. A coisa lhe estava saindo maravilhosa.

– E banho quente! – acrescentou com entusiasmo.

– Quentíssimo! – berrou a alemã batendo palmas. – Isso para mim é ponto capital. Como pode haver asseio numa casa onde nem banheiro há para as criadas?

– Ah, minha senhora, se todas as patroas pensassem assim! – exclamou Dona Expedita erguendo os olhos para o céu. – Que

felicidade não seria o mundo! Mas no geral as patroas são más – e iludem as pobres criadas, para agarrá-las e explorá-las.

– Isso mesmo! – apoiou a alemã. – A senhora está falando como um livro de sabedoria. Para cada cem patroas haverá cinco ou seis que tenham coração – que compreendam as coisas...

– Se houver! – duvidou Dona Expedita.

O entendimento das duas era perfeito: uma parecia o “dublê” da outra. Debateram o ponto dos “serviços leves” com tal mútua compreensão que os serviços ficaram levíssimos, quase nulos – e Dona Expedita viu erguer-se diante de si o grande sonho de sua vida: um emprego em que não fizesse nada, absolutamente nada...

– Quanto ao ordenado – disse ela (que sempre pedia 200 para deixar por 80) –, fixei-o em 200...

Avançou isso medrosamente e ficou à espera da inevitável repulsa. Mas a repulsa do costume pela primeira vez não veio. Bem ao contrário disso, a alemã concordou com entusiasmo.

– Perfeitamente! Duzentos por mês – e pagos no último dia de cada mês.

– Isso! – berrou Dona Expedita levantando-se da cadeira. Ou no comecinho. Essa história de pagamento em dia incerto nunca foi comigo. Dinheiro de ordenado é sagrado.

– Sacratíssimo! – urrou a alemã levantando-se também.

– Ótimo – exclamou Dona Expedita. – Está tudo como eu queria.

– Sim, ótimo – repetiu a alemã. – Mas a senhora também falou em fazenda...

– Ah, sim, fazenda. Uma fazenda boa, com bastante frutas, bastante leite, bastante ovos porque há fazendas muito feias.

O quadro da fazenda bonita, toda frutas, leite e ovos, extasiou a alemã. Que maravilha...

Dona Expedita continuou:

– Gosto muito de lidar com pintinhos.

– Pintos? Ah, é o maior dos encantos! Adoro os pintos – as ninhadas... O nosso entendimento vai ser absoluto, Madame...

O êxtase de ambas sobre a vida de fazenda foi subindo numa vertigem. Tudo quanto havia de sonhos incubados naquelas almas refloriu viçoso. Infelizmente a alemã teve a ideia de perguntar:

– E onde fica a *sua* fazenda, Madame?

– A *minha* fazenda – repetiu Dona Expedita refranzindo a testa.

– Sim, a sua fazenda – a fazenda para onde Madame quer que eu vá...

– Fazenda pra onde eu quero que a senhora vá? – tornou a repetir Dona Expedita, sem entender coisa nenhuma. – Fazenda, eu? Pois se eu tivesse fazenda lá andava a procurar emprego?

Foi a vez de a alemã arregalar os olhos, atrapalhadíssima. Também não estava entendendo coisa nenhuma. Ficou uns instantes no ar. Por fim:

– Pois Madame não telefonou para a agência dizendo que tinha um emprego assim, assim, na sua fazenda?

– *Minha* fazenda uma ova! Nunca tive fazenda. Telefonei procurando emprego, se possível numa fazenda, isso sim...

– Então, então, então... – e a alemã enrubesceu como uma papoula.

– Pois é – disse Dona Expedita percebendo afinal o quiproquó. – Estamos aqui feito duas idiotas, cada qual querendo emprego e pensando que a outra é a patroa...

O cômico da situação fê-las rirem-se – e gostosamente, já retomadas à posição de “senhoras de meia-idade que procuram serviços leves”.

– Esta foi muito boa! – murmurou a alemã levantando-se para sair. – Nunca me aconteceu coisa assim. Que agência, hein?

Dona Expedita filosofou.

– Eu bem que estava desconfiada. A esmola era demais. A senhora ia concordando com tudo que eu dizia – até com os banhos quentes! Ora, isso nunca foi linguagem de patroa – dessas biscoas. A agência errou, talvez por causa do telefone, que estava danado hoje – além do que sou meio dura dos ouvidos...

Nada mais havia a dizer. Despediram-se. Depois que a alemã bateu o portão, Dona Expedita fechou a porta, com um suspiro arrancado do fundo das tripas.

– Que pena, meu Deus! Que pena não existirem no mundo patroas que pensem como as criadas...

Herdeiro de si mesmo.

1939

O povo de Dois Rios não cessava de comentar a inconcebível “sorte” do Coronel Lupércio Moura, o grande milionário local. Um homem que saíra do nada. Que começara modesto menino de escritório dos que mal ganham para os sapatos, mas cuja vida, dura até aos 36 anos, fora daí por diante a mais espantosa subida pela escada do Dinheiro, a ponto de aos 60 ver-se montado numa hipopotâmica fortuna de 60 mil contos de réis.

Não houve o que Lupércio não conseguisse da Sorte – até o posto de Coronel, apesar de já extinta a pitoresca instituição dos coronéis. A nossa velha Guarda Nacional era uma milícia meramente decorativa, com os galões de capitão, major e coronel reservados para coroamento das vidas felizes em negócios. Em todas as cidades havia sempre um coronel: o homem de mais posses. Quando Lupércio chegou aos 20 mil contos, a gente de Dois Rios sentiu-se acanhada de tratá-lo apenas de “senhor Lupércio”. Era pouquíssimo. Era absurdo que um detentor de tanto dinheiro ainda se conservasse “soldado raso” – e por consenso unânime promoveram-no, com muita justiça, a coronel, o posto mais alto da extinta milícia.

Criaturas há que nascem com misteriosa aptidão para monopolizar dinheiro. Lembra-íam ímãs humanos. Atraem a moeda com a mesma inexplicável força com que o ímã atrai a limalha. Lupércio tomara-se ímã. O dinheiro procurava-o de todos os lados, e

uma vez aderido não o largava mais. Toda gente faz negócios em que ora ganha, ora perde. Ficam ricos os que ganham mais do que perdem e empobrecem os que perdem mais do que ganham. Mas caso de homens de mil negócios sem uma só falha, existia no mundo apenas um – o do Coronel Lupércio.

Até aos 36 anos ganhou dinheiro de modo normal, e conservou-o à força da mais acirrada economia. Juntou um pecúlio de 45 contos e 500 mil-réis como o juntam todos os forretas. Foi por essas alturas que sua vida mudou. A Sorte “encostou-se” nele, dizia o povo. Houve aquela tacada inicial de Santos e a partir daí todos os seus negócios foram tacadas prodigiosas. Evidentemente, uma Força Misteriosa passara a protegê-lo.

Que tacada inicial fora essa? Vale a pena recordá-la.

Certo dia, inopinadamente, Lupércio apareceu com a ideia, absurda para o seu caráter, de uma estação de veraneio em Santos. Todo mundo se espantou. Pensar em veraneio, em flunar, botar dinheiro fora, aquela criatura que nem sequer fumava para economia dos níqueis que custam os maços de cigarros? E quando o interpelaram, deu uma resposta esquisita:

– Não sei. Uma coisa me empurra para lá...

Lupércio foi para Santos. Arrastado, sim, mas foi. E lá se hospedou no hotelzinho mais barato, sempre atento a uma só coisa: o saldo que lhe ficaria dos 500 mil-réis que destinara à “maluquice”. Nem banhos de mar tomou, apesar da grande vontade, para economia dos 20 mil-réis da roupa de banho. Contentava-se com ver o mar.

Que enlevo de alma lhe vinha da imensidão líquida, eternamente a aflar em ondas e a refletir os tons do céu! Lupércio extasiava-se diante de tamanha beleza.

“Quanto sal! Quantos milhões de milhões de toneladas de sal!”, dizia lá consigo – e seus olhos em êxtase ficavam a ver pilhas imensas de sacas de sal amontoadas por toda a extensão das praias.

Também gostava de assistir à puxada das redes dos pescadores, enlevando-se no cálculo do valor da massa de peixes recolhida. Seu cérebro era a mais perfeita máquina de calcular que o mundo ainda produzira.

Num desses passeios afastou-se mais que de costume e foi ter à Praia Grande. Um enorme trambolho ferrugento semienterrado na areia chamou-lhe a atenção.

– “Que é aquilo?”, indagou dum passante.

Soube tratar-se dum cargueiro inglês que vinte anos antes dera à costa naquele ponto. Uma tempestade arremessara-o à praia onde encalhara e ficara a afundar-se lentissimamente. No começo o grande casco aparecia quase todo de fora – “mas ainda acaba engolido pela areia”, concluiu o informante.

Certas criaturas nunca sabem o que fazem nem o que são, nem o que as leva a isto e não aquilo. Lupércio era assim. Ou andava assim agora, depois do “encostamento” da Força. Essa Força o puxava às vezes como o cabreiro puxa para a feira um cabrito – arrastando-o. Lupércio veio para Santos arrastado. Chegara até aquele casco arrastado – e era a contragosto que permanecia diante dele, porque o sol estava terrível e Lupércio detestava o calor. Travava-se dentro dele uma luta. A Força obrigava-o a atentar no casco, a calcular o volume daquela massa de ferro, o número de quilos, o valor do metal, o custo do desmantelamento – mas Lupércio resistia. Queria sombra, queria escapar ao calor terrível. Por fim venceu. Não calculou coisa nenhuma – e fez-se de volta para o hotelzinho com cara de quem brigou com a namorada – evidentemente amuado.

Nessa noite todos os seus sonhos giraram em torno do casco velho. A Força insistia para que ele calculasse a ferralha, mas mesmo em sonhos Lupércio resistia, alegava o calor reinante – e os pernilongos. Oh, como havia pernilongos em Santos! Como calcular qualquer coisa com o termômetro perto de quarenta graus e aquela infernal música anofélica? Lupércio amanheceu de mau humor, amuado. Amuado com a Força.

Foi quando ocorreu o caso mais inexplicável de sua vida: o casual encontro de um corretor de negócios que o seduziu de maneira estranha. Começaram a conversar bobagens e gostaram-se. Almoçaram juntos. Encontraram-se de novo à tarde para o jantar. Jantaram juntos e depois... a farrinha!

A princípio a ideia de farra tinha assustado Lupércio. Significava desperdício de dinheiro – um absurdo. Mas como o homem lhe pagara o almoço e o jantar, era bem possível que também custeasse a farrinha. Essa hipótese fez que Lupércio não repelisse de pronto o convite, e o corretor, como se lhe adivinhasse o pensamento, acudiu logo:

– Não pense em despesas. Estou cheio de “massa”. Com o negócio que fiz ontem, posso torrar um conto sem que meu bolso dê por isso.

A farra acabou diante de uma garrafa de whiskey, bebida cara que só naquele momento Lupércio veio a conhecer. Uma, duas, três doses. Qualquer coisa levitante começou a desabrochar dentro dele. Riu-se à larga. Contou casos cômicos. Referiu cem fatos de sua vida e depois, oh, oh, oh, falou em dinheiro e confessou quantos contos possuía no banco!

– Pois é! Quarenta e cinco contos – ali na batata!

O corretor passou o lenço pela testa suada. *Uf!* Até que enfim descobrira o peso metálico daquele homem. A confissão dos 45

contos era algo absolutamente aberrante na psicologia de Lupércio. Artes do *whiskey*, porque em estado “normal” ninguém nunca lhe arrancaria semelhante confissão. Um dos seus princípios instintivos era não deixar que ninguém lhe conhecesse “ao certo” o valor monetário. Habilmente despistava os curiosos, dando a uns a impressão de possuir mais, e a outros a de possuir menos, ao que realmente possuía. Mas “*in whiskey veritas*”, diz o latim – e ele estava com quatro boas doses no sangue.

O que se passou dali até a madrugada Lupércio nunca o soube com clareza. Vagamente se lembrava de um estranhíssimo negócio em que entravam o velho casco do cargueiro inglês e uma companhia de seguros marítimos.

Ao despertar no dia seguinte, ao meio-dia, numa ressaca horrível, tentou reconstruir o embrulho da véspera. A princípio, nada; tudo confusão. De repente, empalideceu. Sua memória começava a abrir-se.

– “Será possível?”

Fora possível, sim. O corretor havia “roubado” os seus 45 contos! Como? Vendendo-lhe o ferro-velho. Esse corretor era agente da companhia que pagara o seguro do cargueiro naufragado e ficara dona do casco. Havia muitos anos que recebera a incumbência de apurar qualquer coisa daquilo – mas nunca obtivera nada, nem 5, nem 3, nem 2 contos – e agora o vendera àquele imbecil por 45!

A entrada triunfal do corretor no escritório da companhia, vibrando no ar o cheque! Os abraços, os parabéns dos companheiros tomados de inveja...

O diretor da sucursal fê-lo vir ao escritório.

– Quero que receba o meu abraço – disse-lhe. – A sua façanha vem pô-lo no primeiro lugar entre os nossos agentes. O senhor acaba de tornar-se a grande estrela da Companhia.

Enquanto isso, lá no hotelzinho, Lupércio amarfanhava o travesseiro desesperadamente. Pensou na polícia. Pensou em contratar o melhor advogado de Santos. Pensou em dar tiro – um tiro na barriga do infame ladrão; na barriga, sim, por causa da peritonite. Mas nada pôde fazer. A Força lá dentro o inibia. Impedia-o de agir neste ou naquele sentido. Forçava-o a esperar.

– “Mas esperar que coisa?”

Ele não sabia, não compreendia, mas sentia aquela impulsão tremenda que o forçava a esperar. Por fim, exausto da luta, ficou de corpo largado – vencido. Sim, esperaria. Não faria nada – nem polícia, nem advogado, nem peritonite, apesar de ser um caso de escroqueria pura, desses que a lei pune.

E como não tivesse ânimo de regressar a Dois Rios, deixou-se ficar em Santos num empreguinho dos mais modestos – esperando, esperando... não sabia o quê.

Não esperou muito. Dois meses depois rebentava a Grande Guerra, e a tremenda alta dos metais não demorou a sobrevir. No ano seguinte Lupércio revendeu o casco do *Sparrow* por 320 contos de réis. A notícia encheu Santos – e o corretor estrela foi tocado da companhia de seguros quase a pontapés. O mesmo diretor que o promovera ao “estrelato” despediu-o com palavras ferozes:

– Imbecil! Esteve anos e anos com o *Sparrow* e vai vendê-lo por uma ninharia justamente nas vésperas da valorização. Rua! Faça-me o favor de nunca mais me pôr os pés aqui, seu coisa!

Lupércio voltou para Dois Rios com os 320 contos no bolso e perfeitamente reconciliado com a Força. Daí por diante nunca mais houve amuos, nem hiatos na sua ascensão ao milionarismo. Lupércio dava ideia do demônio. Enxergava no mais escuro de todos os negócios. Adivinhava. Recusava muitos que todos consideravam da China, para realizar outros que todos refugavam – e o que

inevitavelmente sucedia era o fracasso desses negócios da China e a vitória dos de todos refugados.

No jogo dos marcos alemães o mundo inteiro perdeu – menos Lupércio. Um belo dia deliberou “embarcar nos marcos”, contra o conselho de todos os prudentes locais. A moeda alemã estava a 50 réis. Lupércio comprou milhões e mais milhões, empatou nela todas as suas disponibilidades. E com espanto geral o marco principiou a subir. Foi a 60, a 70, a 100 réis. O entusiasmo pelo negócio tomou-se imenso. Iria a 200, a 300 réis, diziam todos – e não houve quem não se atirasse à compra daquilo.

Quando a cotação chegou a 110 réis, Lupércio foi à capital consultar um banqueiro das suas relações, verdadeiro oráculo em finanças internacionais – o “infalível”, como diziam nas rodas bancárias.

– “Não venda”, foi o conselho do homem. – “A moeda alemã está firmíssima, vai a 200, pode chegar mesmo a 800 – e só então será o momento de vender.”

As razões que o banqueiro deu para demonstrar matematicamente o asserto eram de perfeita solidez; eram a própria evidência materializada em raciocínio.

Lupércio ficou absolutamente convencido daquela matemática – mas arrastado pela Força encaminhou-se para o banco onde tinha os seus marcos – arrastado como o cabritinho que o cabreiro conduz à feira – e lá, em voz sumida, submisso, envergonhado, deu ordens para a venda imediata dos seus milhões.

– Mas, coronel, objetou o empregado a quem se dirigiu, não acha que é erro vender agora que a alta está numa vertigem? Todos os prognósticos são unânimes em garantir que teremos o marco a 200, a 300, e isso antes de um mês...

– Acho, sim, que é isso mesmo – respondeu Lupércio, como que agarrado pela garganta. – Mas quero, sou “forçado” a vender. Venda já, já, hoje mesmo.

– Olhe, olhe... – disse ainda o empregado. – Não se precipite. Deixe essa resolução para amanhã. Durma sobre o caso.

A Força quase estrangulou Lupércio, que com os últimos restos de voz apenas pôde dizer:

– É verdade, tem razão – mas venda, e hoje mesmo...

No dia seguinte começou a degradingolada final dos marcos alemães, na descida vertiginosa que os levou ao zero absoluto.

Lupércio, comprador a 50 réis, vendera-os pelo máximo da cotação alcançada – e justamente na véspera de debacle! O seu lucro foi de milhares de contos.

Os contos de Lupércio foram vindos aos milhares, mas também lhe vieram vindo os anos, até que um dia se convenceu de estar velho e inevitavelmente próximo do fim. Dores aqui e ali – doencinhas insistentes, crônicas. Seu organismo evidentemente decaía à proporção que a fortuna aumentava. Ao completar os 60 anos Lupércio tomou-se de uma sensação nova, de pavor – o pavor de ter de largar a maravilhosa fortuna reunida. Tão integrado estava no dinheiro, que a ideia de separar-se dos milhões lhe parecia uma aberração da natureza. Morrer! Teria então de morrer, ele que era diferente dos outros homens? Ele que viera ao mundo com a missão de chamar a si quanto dinheiro houvesse? Ele que era o ímã atrator da limalha?

O que foi a sua luta com a ideia da inevitabilidade da morte não cabe em descrição nenhuma. Exigiria volumes. Sua vida ensombreceu. Os dias iam se passando e o problema se tornava cada vez mais angustioso. A morte é um fato universal. Até aquela

data não lhe constava que ninguém houvesse deixado de morrer. Ele, portanto, morreria também – era o inevitável. O mais que poderia fazer era prolongar a vida até os 70, até 80. Poderia mesmo chegar a quase 100, como o Rockefeller – mas ao cabo teria de ir-se, e então? Quem ficaria com os 200 ou 300 mil contos que deveria ter por essa época?

Aquela história de herdeiros era o absurdo dos absurdos para um celibatário de sua marca. Se a fortuna era dele, só dele, como deixá-la a quem quer que fosse? Não. Tinha de descobrir um jeito de não morrer, ou...

Lupércio interrompeu-se no meio do raciocínio, tomado de súbita ideia. Uma ideia tremenda, que por minutos o deixou de cérebro paralisado. Depois sorriu.

– “Sim, sim... Quem sabe?”, e seu rosto iluminou-se de uma luz nova. As grandes ideias emitem luz...

Desde esse momento Lupércio revelou-se outro, com preocupações que nunca tivera antes. Não houve em Dois Rios quem o não notasse.

– “O homem mudou completamente”, diziam. – “Está se espiritualizando. Compreendeu que a morte vem mesmo e começa a arrepender-se da sua feroz materialidade.”

Lupércio fez-se espiritualista. Comprou livros, leu-os, meditou-os. Passou a frequentar o Centro Espírita local e a ouvir com a maior atenção as vozes do Além, transmitidas pelo Chico Vira, o famoso médium da zona.

– “Quem havia de dizer!”, era o comentário geral. – “Esse usurário, que passou a vida inteira só pensando em dinheiro e nunca foi capaz de dar um tostão de esmola, está virando santo. E vão ver que faz como o Rockefeller: deixa toda a fortuna para o Asilo de Mendigos...”

Lupércio, que nunca lera coisa nenhuma, estava agora se tornando um sábio, a avaliar pelo número de livros que adquiria. Entrou a estudar a fundo. Sua casa fez-se centro de reuniões de quanto médium aparecia por lá – e muitos de fora vieram a Dois Rios a convite seu. Generosamente hospedava-os, pagava-lhes a conta do hotel – coisa inteiramente aberrante dos seus princípios financeiros. O assombro da população não tinha limites.

Mas o doutor Dunga, diretor do Centro Espírita, começou a estranhar uma coisa: o interesse do Coronel Lupércio pela metapsíquica centrava-se num só ponto – a reencarnação. Só isso o preocupava realmente. Pelo resto passava como gato por brasas.

– Escute, irmão – disse ele um dia ao doutor Dunga. – Há na teoria da reencarnação um ponto para mim obscuro e que no entanto me apaixona. Por mais autores que eu leia, não consigo firmar as ideias.

– Que ponto é esse? – indagou o doutor Dunga.

– Vou dizer. Já não tenho dúvidas sobre a reencarnação. Estou plenamente convencido de que a alma, depois da morte do corpo, volta – reencarna-se em outro ser. Mas em quem?

– Como em quem?

– Em quem, sim. Meu ponto é saber se a alma do desencarnado pode escolher o corpo em que vai novamente encarnar-se.

– Está claro que escolhe.

– Até aí vou eu. Sei que escolhe. Mas “quando” escolhe?

O doutor Dunga não percebia o alcance da pergunta.

– Escolhe quando chega o momento de escolher – respondeu.

A resposta não contentou o Coronel. O momento de escolher! Bolas! Mas que momento é esse?

– Meu ponto é o seguinte: saber se a alma de um vivo pode antecipadamente escolher a criatura em que vai futuramente

encarnar-se.

O doutor Dunga estava tonto. Fez cara de não entender nada.

– Sim – continuou Lupércio. – Quero saber, por exemplo, se a alma de um vivo pode antes de morrer marcar a mulher que vai ter um filho em quem essa alma se encarne.

A perplexidade do doutor Dunga recrescia.

– Meu caro – disse por fim Lupércio –, estou disposto a pagar até 100 contos por uma informação segura – seguríssima. Quero saber se a alma de um vivo pode antes de desencarnar-se escolher o corpo da sua futura reencarnação.

– Antes de morrer?

– Sim...

– Em vida ainda?

– Está claro...

O doutor Dunga ficou-se pensativo. Estava ali uma hipótese em que jamais refletira e sobre que nada lera.

– Não sei, Coronel. Só vendo, só consultando os autores – e as autoridades. Nós aqui somos bem pouco neste assunto, mas há mestres na Europa e nos Estados Unidos. Podemos consultá-las.

– Pois faça-me o favor. Não olhe as despesas. Darei 100 contos, e até mais, em troca de uma informação segura.

– Sei. Quer saber se ainda em vida do corpo podemos escolher a criatura em que vamos reencarnar-nos...

– Exatamente.

– E por que isso?

– Maluquices de velho. Como ando a estudar as teorias da reencarnação, lógico que me interesse pelos pontos obscuros. Os pontos claros esses já os conheço. Não acha natural a minha atitude?

O doutor Dunga teve de achar naturalíssima aquela atitude.

Enquanto as cartas de consulta cruzavam o oceano, endereçadas às mais famosas sociedades psíquicas do mundo, o estado de saúde do Coronel Lupércio agravou-se – e concomitantemente se agravou a sua pressa pela solução do problema. Chegou a autorizar pedido de resposta pelo telégrafo – custasse o que custasse.

Certo dia o doutor Dunga, tomado de vaga desconfiança, foi procurá-lo em casa. Encontrou-o mal, respirando com esforço.

– Nada ainda, Coronel. Mas a minha visita tem outro fim. Quero que o amigo fale claro, abra esse coração. Quero que me explique a verdadeira causa do seu interesse pela consulta. Francamente, não acho natural isso. Sinto, percebo, que o Coronel tem uma ideia secreta na cabeça...

Lupércio olhou-o de revés, desconfiado. Mas resistiu. Alegou que era apenas curiosidade. Como nos seus estudos sobre a reencarnação nada vira sobre aquele ponto, viera-lhe a lembrança de esclarecê-lo. Só isso...

O doutor Dunga não se satisfez. Insistiu:

– Não, Coronel, não é isso, não. Eu sinto, eu vejo, que o senhor tem uma ideia oculta na cabeça. Seja franco. Bem sabe que sou seu amigo.

Lupércio resistiu ainda por algum tempo. Por fim confessou, com relutância.

– É que estou no fim, meu caro – e tenho de fazer o testamento...

Não disse mais, nem foi preciso. Um clarão iluminou o espírito do doutor Dunga. O Coronel Lupércio, a mais pura encarnação humana do dinheiro, não admitia a ideia de morrer e deixar a fortuna aos parentes. Não se conformando com a hipótese de

separar-se dos 60 mil contos, pensava em fazer-se o herdeiro de si mesmo em outra reencarnação... Seria isso?

Dunga olhou-o firmemente, sem dizer palavra. Lupércio leu-lhe o pensamento nos olhos inquisidores. Corou – pela primeira vez na vida. E, baixando a cabeça, abriu o coração.

– Sim, Dunga, é isso. Quero que vocês me descubram a mulher em que vou nascer de novo – para fazê-la em meu testamento a depositária da minha fortuna...

Bibliografia selecionada sobre Monteiro Lobato

De Jeca a Macunaíma: Monteiro Lobato e o modernismo, de Vasda Bonafini Landers. Editora Civilização Brasileira, 1988.

Juca e Joyce: memórias da neta de Monteiro Lobato, de Marcia Camargos. Editora Moderna, 2007.

Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor, de Alice M. Koshiyama. Edusp, 2006.

Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia, de Carmen Lucia de Azevedo, Marcia Camargos e Vladimir Sacchetta. Editora Senac São Paulo, 1997.

Monteiro Lobato: vida e obra, de Edgard Cavalheiro. Companhia Editora Nacional, 1956.

Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida, de Marisa Lajolo. Editora Moderna, 2000.

Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil, de Enio Passiani. Editora da Universidade do Sagrado Coração/Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2003.

Novos estudos sobre Monteiro Lobato, de Cassiano Nunes. Editora Universidade de Brasília, 1998.

Revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação, de Tania Regina de Luca. Editora da Unesp, 1999.

Um Jeca nas vernissages, de Tadeu Chiarelli. Edusp, 1995.

Vozes do tempo de Lobato, de Paulo Dantas (org.). Traço Editora, 1982.

Sítio eletrônico na internet: www.lobato.com.br
(mantido pelos herdeiros do escritor)

[1] *Plano de obra da edição de 2007. A edição dos livros Literatura do Minarete, Conferências, artigos e crônicas e Cartas escolhidas teve como base a primeira edição, de 1959. Críticas e outras notas, a primeira edição, de 1965, e Cartas de amor, a primeira edição, de 1969. A barca de Gleyre teve como base a primeira edição de 1944 da Companhia Editora Nacional, a primeira, a segunda e a 11ª edições dos anos de 1946, 1948 e 1964, respectivamente, da Editora Brasiliense. Os demais títulos tiveram como base as Obras completas de Monteiro Lobato da Editora Brasiliense, de 1945/46.*

[2] **A primeira edição de Negrinha (1920) era composta dos seguintes contos: "Negrinha", "As fitas da vida", "O drama da geada", "Bugio Moqueado", "O jardineiro Timóteo", "O colocador de pronomes". Nota da edição de 1955.*

[3] *Surra de chicote durante nove dias. Nota da edição de 1946.*

[4] *Na 1ª edição o título deste conto era simplesmente "Fitas da vida". Nota da edição de 1955.*

[5] *Na 1ª edição de Negrinha este conto aparece com o título "O bugio moqueado". Nota da edição de 1955.*

[6] *O conto "O fisco" foi publicado originariamente na Revista do Brasil nº 36 de dezembro de 1918, com o título de "O imposto único". Nota da edição de 1955.*

[7] *Parte mais grossa dum esteio, que fica enterrada. Nota da edição de 1946.*

[8] *Melão-de-são-caetano. Nota da edição de 1946.*

[9] *Chicote de vários rabos com que se chibatavam os negros. Nota da edição de 1946.*

[10] *Na 1ª edição, este conto era encerrado com a seguinte nota: "Do espólio de Aldrovando Cantagalo faziam parte numerosos originais de obras inéditas, entre os quais citaremos: O Acento Circunflexo - 3 volumes; A Vírgula no Hebraico - 5 volumes; A Crase - 10 volumes. Pesaram todos, por junto, 4 arrobas que renderam, vendidos a 3 tostões o kilo, 18 mil réis.". Nota da edição de 1946.*

[11] *Octave Mirbeau, Journal d'une Femme de Chambre. Nota da edição de 1946.*

[12] *Este conto foi originariamente publicado na Revista do Brasil, em novembro de 1922. Nota da edição de 1955.*

